U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

(Re)Pensar a Casa: do habitar durante a pandemia COVID-19

Maria Oliveira Epifânio da Franca

M

2023

U.PORTO

Maria Oliveira Epifânio da Franca. (Re)Pensar a Casa: do habitar durante a pandemia COVID-19

(Re)Pensar a Casa: do habitar durante a pandemia COVID-19

Maria Oliveira Epifânio da Franca

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2023**

(Re)Pensar a Casa:
do habitar durante a pandemia COVID-19

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

sob orientação da Prof. Doutora Ana Sousa Brandão Alves Costa

Maria Oliveira Epifânio da Franca
Porto, 2023

Nota Prévia

A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico.

Todas a citações presentes ao longo da decorrência textual, originalmente em língua estrangeira, foram livremente traduzidas pela autora a fim de estabelecer uma melhor continuidade de leitura.

No corpo de texto, as citações estão destacadas pelo uso de aspas e as expressões a itálico referem-se a palavras ou expressões de língua não portuguesa. Fora do corpo de texto, as citações com a fonte Helvetica a cinzento, azul, vermelho e amarelo referem-se a conversas transcritas no livro *40 Dias*, de Andreia Garcia.

As imagens apresentadas foram dimensionadas, cortadas e tratadas, sempre que tal se justificou.

O *layout* do documento foi pensado para ser visualizado em duas páginas, de acordo com o formato impresso.

Agradecimentos

À Professora Ana Alves Costa, pela coragem em aceitar este desafio, pela orientação cuidada e presente, e pelo acompanhamento amigo desde o primeiro ao último dia;

Às Professoras Ana Neiva e Teresa Leão, pela criação da Unidade Curricular InovPed "Saúde, Bem-Estar e Arquitetura", onde reforcei o entusiasmo e dedicação pelo tema da dissertação;

À Professora Andreia Garcia pelo contributo no trabalho, primeiramente indireto, através do livro "40 Dias" e, posteriormente direto, na atenciosa arguição da prova pública de defesa da dissertação;

A todos os funcionários da FAUP, em particular à Suzete, na biblioteca; Cláudia e Fátima, no bar; e Sr. Valentim, na secretaria; pela boa disposição diária e acompanhamento neste tão bonito percurso académico;

À minha família, pelo apoio e pelo amor constante. Aos meus avós, por todo o carinho; à Avó Susana, pela disciplina e força inesgotável. Aos meus pais, por acreditarem sempre em mim. Aos meus irmãos, pela genuinidade e criatividade;

À família Silva Pais, pela constante generosidade; à Rosinha, pelas conversas silenciosas;

Aos amigos; os que o Porto me deu: Cortes, Chaves, Dory, Ceia, Eva, Nuno, Tomás e Afonso pelas conversas, desabafos e viagens feitas — e as que estão por fazer; à Evita, à Bea e à Maria, pela bonita aprendizagem dentro e fora de casa; ao Ruben, à Carol e ao Rodrigo, pelo companheirismo nesta intensa reta final; e ainda, a todos os colegas da faculdade que fizeram parte desta viagem. Às amigas lisboetas de sempre, que mesmo a 300 quilómetros de distância nunca me largaram a mão. À Agostinha e aos amigos do Arcada, que em tão pouco tempo se tornaram tão importantes;

Ao Kiko, pela força e dedicação de todos os dias;

Obrigada.

Abstract

The pandemic situation we were all experiencing in the early months of 2020 has changed our relationship with the world around us. Suddenly and rapidly, the House gained a new importance of protection against an infectious disease. Through the architectural lens, a careful observation is made of the various changes felt within the domestic space.

Thus, this dissertation is a study on the phenomenon and experience of habitation, during the pandemic caused by COVID-19. The reading of "40 Dias / 40 Days" was essential to the construction of the investigation — in simple words, it allowed to revive the memories of a past time that, in turn, allows us to recognise the present time, and will allow for a greater awareness of the future time.

In a first approach, the study evokes a journey with different chronological stops and different contexts, where relationships between Architecture and the concepts of isolation and quarantine are explored. Secondly, it seeks to understand how the architectural space has the capacity to promote the health of the inhabitant, for the development of a healthy body and mind. Finally, in a third moment, limiting the scope of its objective, the study goes through the dynamics of dwelling, in the period of time in which we remain isolated at Home.

Using the graphic representation of personal experience and the conversations "*Desde Casa*", the analysis shows how ways of living are transformed from the capacity to adapt and appropriate new programs, the importance of an individual space and the perception of the limits surrounding them. Thus, the research seeks to raise questions related to the models of contemporary dwellings, from the (re)thinking critical and exploratory about the Dwelling.

Resumo

A situação pandémica que todos vivemos nos primeiros meses de 2020 mudou a nossa relação com o mundo que nos rodeia. De forma repentina e acelerada, a Casa ganhou uma nova importância de proteção contra uma doença infecciosa. Através da lente arquitetónica, é feita uma observação atenta sobre as diversas transformações sentidas dentro do espaço doméstico.

Assim, a presente dissertação constitui um estudo sobre o habitar, durante a pandemia provocada pela COVID-19. A leitura de "*40 Dias / 40 Days*" foi essencial para a construção da investigação, uma vez que permitiu reviver as memórias de um tempo passado, de forma a reconhecer o tempo presente, e possibilitar maior reflexão do tempo futuro.

Numa primeira abordagem, o estudo evoca uma viagem com diferentes paragens cronológicas e diferentes contextos, onde são exploradas relações entre a Arquitetura e os conceitos de isolamento e quarentena. Num segundo momento, procura entender-se de que forma o espaço arquitetónico tem a capacidade de promover a saúde do habitante, para o desenvolvimento de um corpo e mente saudáveis. Por fim, limitando os âmbitos do seu objetivo, o estudo percorre as dinâmicas do habitar, no período de tempo em que permanecemos isolados em Casa.

Com recurso à representação gráfica da experiência pessoal e às conversas "*Desde Casa",* a investigação evidencia como os modos de habitar são transformados a partir da capacidade de adaptação e apropriação de novos programas, a importância de um espaço individual e a perceção dos limites que o rodeiam. Deste modo, a investigação procura colocar questões relacionadas com os modelos das habitações contemporâneas, a partir do (re)pensar crítico e exploratório sobre a Casa.

Sumário

3 Agradecimentos
4 *Abstract*
5 Resumo

9 Introdução
13 **Prólogo** Dias em Pandemia

19 **1. Arquitetura, Isolamento e Quarentena**
25 **1.1.** *Lazzareto Vecchio*
27 **1.2.** *Ellis Island*
31 **1.3.** *Mobile Quarantine Facility*

35 **2. Arquitetura e Saúde**
37 **2.1.** Arquitetura e Saúde Pública
43 **2.2.** Arquitetura e Saúde Individual

49 **3. Habitar durante a Pandemia**
61 **3.1.** Adaptabilidade
73 **3.2.** Individualidade, Intimidade e Isolamento
85 **3.3.** Limites e Espaços Entre

103 **Epílogo** Dias em pós-Pandemia
105 Considerações Finais

109 Referências e Fontes Bibliográficas
111 Índice de Imagens

Introdução

A presente investigação tem como tema de estudo os modos de habitar durante o confinamento domiciliário provocado pela pandemia COVID-19. Para este estudo, é considerado o período de tempo que compreendeu os meses de março, abril e maio de 2020. Um fenómeno que surpreendeu tudo e todos, de forma diferente mas que, coletivamente, nos colocou na mesma posição — a de nos isolarmos dentro de casa. Importa realçar que este estudo não pretende romantizar um momento tão dolorosamente vivido. Pelo contrário, procura transformar os problemas em oportunidades, de forma a proporcionar uma reflexão e questionamento sobre o tempo vivido e as transformações do espaço doméstico.

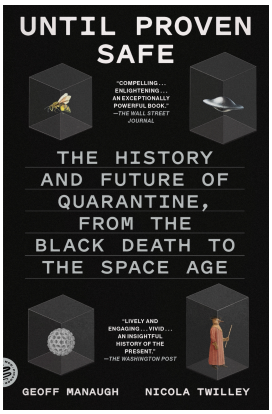
Ter vivido a experiência de confinamento durante a prática do Mestrado Integrado em Arquitetura despertou algumas inquietações sobre os modos de habitar e a sua relação com o espaço doméstico. De facto, um molda o outro, e vice-versa — os modos de habitar definem a organização do espaço da casa, e por sua vez, a forma e disposição do espaço manobram o modo como o habitamos.

Nesse sentido, no momento em que a casa se fechou em torno de si própria, o habitar foi forçosamente transformado, num contínuo desafio de adaptar todas as atividades do quotidiano num mesmo espaço. Qual foi a capacidade de resposta da casa a estas novas exigências? De que se sentiu falta e a que se deu privilégio no espaço doméstico? Na possibilidade de infeção pelo vírus, como se criou um espaço dedicado ao isolamento e quarentena, de forma a evitar a propagação para os restantes habitantes da casa? Que novos limites se impuseram, entre o espaço saudável e o espaço do doente? E entre o espaço interior e espaço exterior?

Para um melhor entendimento e procura de respostas a estas questões, é necessário retroceder no tempo e contextualizar as temáticas do habitar. Iniciado por um capítulo onde são evidenciadas as relações entre a Arquitetura e anteriores pandemias, o trabalho vai limitando progressivamente o âmbito dos seus objetivos

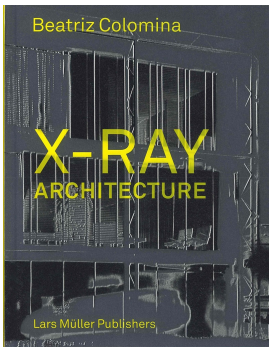
até se focar concretamente no tema do habitar durante a pandemia. Dessa forma, o corpo da dissertação é dividido em três capítulos, introduzido por um Prólogo, que procura contextualizar e relembrar os dias vividos durante a pandemia e finalizado por um Epílogo que, de forma conclusiva, transporta a leitura para os dias de hoje, e procura refletir sobre as possibilidades futuras.

O primeiro capítulo começa por introduzir e procura esclarecer os conceitos de 'isolamento' e 'quarentena', como surgiram e como tiveram — e continuam a ter — um papel fundamental na resposta e no confronto com crises sanitárias. Consequentemente, são evidenciados três exemplos de espaços de quarentena e isolamento, selecionados cronologicamente, que revelam a importância desta prática em circunstância de Pestes e Pandemias. O critério de seleção dos exemplos escolhidos deve-se, sobretudo, à sua condição geográfica de 'ilha' que será um ponto comum ao longo da investigação. A principal referência para o capítulo foi a leitura de "*Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age",* por Geoff Manaugh e Nicola Twilley, que explora de forma minuciosa as diferentes circunstâncias da prática de quarentena e as suas repercussões culturais, sociais e tecnológicas.



01.

O segundo capítulo — ao contrário do capítulo anterior que aborda métodos de resistência contra o contágio — expõe como a saúde, em algumas épocas ou situações, se tornou uma prioridade no desenho das cidades e das habitações. Assente numa contextualização histórica, concentrada entre a época da Revolução Industrial e do Período Moderno, aqui são apresentados exemplos que mudaram o paradigma das habitações, privilegiando os determinantes de saúde, como a luz solar e ventilação natural, e promovendo nos habitantes a ideia de vantagem de um corpo e mente saudáveis. Para o conhecimento e interpretação de cada situação foi essencial a leitura de *"X-Ray Architecture",* de Beatriz Colomina, que coloca numa narrativa coesa a relação entre a tuberculose, a utilização de raios-X e a Arquitetura Moderna. Igualmente importante foi a leitura de "*Imperfect Health"* de Giovanna Borasi e Mirko Zardini, que reúne artigos de vários autores, cujas preocupações com doenças e outras patologias contemporâneas demonstram afetar diretamente o desenho do espaço arquitetónico.



03.



02.

Finalmente, o terceiro capítulo procura relacionar o conhecimento previamente exposto com o tema impulsionador da dissertação — o habitar durante a pandemia COVID-19. Aqui, a metodologia para a investigação reúne três tipos de informação: a exposição de exemplos, tal como é feito nos capítulos anteriores, uma representação gráfica da casa e a recolha de testemunhos.

A representação gráfica resulta da necessidade de utilizar o desenho como instrumento de investigação. Visualizado em planta perspetivada, o desenho representa a casa de família da autora e do seu agregado familiar. Pretende-se utilizar esta 'tela viva' para projetar várias realidades no período de confinamento, relacionando os diferentes espaços da casa e os respetivos programas, antes e após o confinamento. As representações das figuras humanas não só representam o quotidiano da autora, mas também representam simbolicamente as adaptações fundamentadas pelos contributos relatados por outras pessoas.

Por sua vez, os testemunhos são um importante auxílio para o estudo, uma vez que se torna necessário a aproximação ao tempo vivido e às temáticas discutidas. Nesse sentido, Andreia Garcia faz "destas estórias, a História"[1] e cria as conversas "*Desde Casa*"[2] durante os primeiros dia de confinamento, nomeadamente, de 21 de março a 29 de abril de 2020, que mais tarde são transcritas na publicação "*40 Dias | 40 Days*". Entre arquitetas, arquitetos e pessoas envolvidas na área, surge um intenso diálogo sobre diversos assuntos em torno da prática e da teoria de Arquitetura e reflexões sobre o passado, o presente e, sobretudo, o futuro das cidades e das habitações após a pandemia.



04.

> Os leitores [deste livro] perguntar-se-ão sobre o tema concreto. Não percamos de memória que estes foram dias eternos e que a imensidão de cenários imaginados era avassaladora. A observação era a melhor análise e, por vezes, movíamo-nos pela vontade de antecipação. […] O que fica destes testemunhos é a história escrita no tempo presente. E se não pudermos ficar contidos nestas verdades, que a partir destas estórias a História reforce o seu sentido inacabado.
>
> Andreia Garcia
> Prefácio, pg.7

Assim, o terceiro capítulo divide-se em três sub-capítulos, refletindo três temas, que surgem a partir da interseção dos testemunhos com os diferentes espaços da casa. O primeiro sub-capítulo aborda a Adaptabilidade do espaço doméstico a novos programas, diferentes dos programas domésticos habituais. Este tema relaciona o espaço da sala com o espaço da cozinha, por se tratarem das áreas comuns mais espaçosas da casa, e por demonstrarem ser os espaços mais propícios à apropriação para novas atividades. O segundo sub-capítulo aborda o espaço individual dentro da casa, juntamente com os ideais de Isolamento em circunstâncias de infeção e a Intimidade dos habitantes e relações entre si que se viram ser questionadas durante o confinamento; tema diretamente relacionado com o espaço do quarto ou zona de dormir. Por último, o terceiro sub-capítulo aborda os novos Limites que se impuseram em dicotomias interior/exterior e privado/público, que se manifestam pelos vestíbulos no interior e no exterior da casa, bem como elementos arquitetónicos, como a janela, a porta e a varanda.

Consciente das limitações de abordar um assunto recente e de tal envergadura, este trabalho procura evidenciar, documentar e explorar os conteúdos relacionados com os modelos das habitações contemporâneas, a partir da experiência do habitar, de forma a questionar: **o que aprendemos com a pandemia?**

---

[1] GARCIA, Andreia — *40 Dias / 40 Days,* Prefácio, pg. 8
[2] Conversas feitas através de *lives* na plataforma e rede social *Instagram*

Prólogo
Dias em Pandemia



05. Auditório exterior da Fundação Calouste Gulbenkian durante um concerto, Lisboa. Vera Marmelo, 2020.

O ano de 2020 ficará certamente marcado na memória de todos, em todo o mundo, devido à pandemia de COVID-19. Este acontecimento teve um impacto transversal no quotidiano e provocou transformações sociais e urbanas substanciais, colocando à prova a forma como nos relacionamos e vivemos em sociedade. Com a implementação de várias medidas de saúde pública para conter a propagação do vírus, sobretudo o distanciamento social e o uso de máscaras, a sociedade passou por diversas mudanças, desencadeadas brusca e profundamente. Foi, portanto, um fenómeno que se definiu como um marco temporal na vida contemporânea, como um intervalo de tempo que, simultaneamente parado e acelerado, separou a vida no 'antes' e no 'depois' da pandemia.

O que parecia um vírus distante e efémero, rápida e freneticamente chega aos vários cantos do globo. No contexto português, 2 de março é o dia em que é confirmada a primeira infeção em Portugal e a 11 de março é declarada Pandemia Mundial. A 18 de março é declarado Estado de Emergência Nacional, que contemplava o confinamento domiciliário obrigatório e restrições de circulação na via pública. O número de infectados cresce exponencialmente, assim como o número de mortes. Os dias são contados e, aproximadamente dois meses depois, a 1 de maio, o Estado de Emergência é retirado[3]. Meses mais tarde, nos primeiros dias de Outono, surge novamente um confinamento domiciliário, devido ao aumento exponencial do número de pessoas infetadas. A saúde foi a principal prioridade da vida quotidiana. Termos como 'quarentena', 'confinamento', 'isolamento profilático', 'teste positivo' e 'higienização' passaram a ser palavras recorrentemente pronunciadas, que ainda hoje parecem ecoar, ainda que de longe.

Esta investigação concentra as questões que a pandemia COVID-19 provocou no campo da Arquitetura e do habitar. No entanto, torna-se necessário relembrar a realidade pandémica nas diferentes e variadas perspectivas, no sentido de completar e contextualizar o tempo vivido. Percorremos então, de forma breve, os seguintes pontos: os impactos na economia global; a forma como os espaços de emergência hospital tiveram capacidade de resposta na saúde e tratamento de pessoas infetadas; o controlo em prol da saúde pública; a crise habitacional, que já era urgente antes da pandemia, mas que esta só veio acentuar; a frenética comunicação, que provém da uma era digital na qual vivemos; e finalmente, a procura por novas possibilidades e o apelo à reflexão e discussões de ideias.

Pelo que dizem, neste momento está um terço da população mundial de quarentena, em isolamento na sua casa. Creio que não haverá muitos fenómenos ou acontecimentos que alguma vez tenham tido tanta abrangência a uma escala global quanto este. […] Estar um terço da população mundial em processo de quarentena é algo que eu diria que é profundamente radical e perturbador.

Luís Santiago,
02.04.[2020], pg. 213

[3] "A cronologia de uma pandemia" artigo de Diário de Notícias (https://www.dn.pt/vida-e-futuro/cronologia-de-uma-pandemia-em-portugues-os-tres-meses-que-mudaram-o-pais-12259916.html, visitado em julho 2023)

fecho de atividades

A propagação fácil, acelerada e global do vírus gerou uma desaceleração da sociedade até quase à sua paragem, sentido-se o abrandamento do nosso quotidiano. Instituições e fábricas, cafés e restaurantes, museus e salas de espetáculo fecharam; a mobilidade internacional e urbana pararam, onde aviões e automóveis permaneceram estacionados; os bares e discotecas fecharam; o espaço público silenciou-se, jardins, parques infantis, ruas e avenidas permaneceram vazios. Um terço da população mundial cumpriu a obrigação de 'ficar em casa' em confinamento domiciliário. No entanto, certos serviços — os principais responsáveis pela saúde e segurança da população — permaneceram ativos. São eles os profissionais de saúde, responsáveis pelo tratamento e cuidado das pessoas infetadas e, ainda, trabalhadores dos serviços de higienização dos espaços hospitalares bem como dos espaços públicos. De facto, a salubridade dos espaços públicos voltou a ser a preocupação principal, relembrando antigas epidemias.

espaços de emergência hospitalar

Os cenários mais críticos viveram-se em torno do quotidiano hospitalar. Sendo um acontecimento sem precedentes no mundo globalizado, o número crescente de infetados sobrelotou rapidamente os espaços de saúde e, portanto, foi necessária uma resposta imediata para internar as pessoas, sendo as exigências primárias o isolamento dos infetados e o tratamento dos doentes[4]. Assim, vários espaços da cidade adaptaram as suas funções à criação de hospitais de campanha e, ergueram-se estruturas provisórias onde junto a hospitais, para se colocaram camas e de forma a permitir o isolamento de pessoas infetadas.

controlo

As intervenções para a prevenção do contágio exigiram o exercício de vigilância e controlo das fronteiras de portos de mar e aeroportos, das atividades de identificação de contactos com pessoas infetadas, bem como regras de distanciamento e restrições à mobilidade. Este tipo de exigências tiveram implicações sociais e fizeram questionar a liberdade pessoal de cada um. Por exemplo, na China, local onde principiou a pandemia, as exigentes regras de controlo da população chegaram a gerar protestos contra o governo vigente, tendo o mesmo acontecido em muitos outros países.

crise habitacional

A pandemia evidenciou também as desigualdades sócio-económicas e vulnerabilidade de grupos em situações de maior precariedade. A medida máxima de isolamento domiciliário 'fique em casa' trouxe problemas associados à crise da habitação, antecedente à crise gerada pela pandemia. "Como ficar em casa em iso-

[4] MOREIRA, Inês; MELÂNEO, Paula — "Espaços de Emergência Pandémica" in *Jornal Arquitetos,* nº261, pg. 15

lamento sem acesso a infra-estruturas básicas, como água e saneamento?; como ficar em casa em isolamento em cenário de sobrelotação?; como ficar em casa quando se está na iminência de um despejo?; como ficar em casa quando se está na posição de sem-abrigo?"[5] A pandemia afetou todos, mas não de forma igual. Em plena crise pandémica, a questão da habitação retorna ao debate, enquanto direito básico e determinante social de saúde e bem-estar. É urgente destacar que existiu, e continua a existir, um problema habitacional gritante onde, durante uma pandemia global, não houve, em muitos casos, circunstâncias saudáveis ao isolamento em casa. Muitas foram as famílias que viveram com as condições mínimas de higiene e conforto; em casas pequenas, com cozinhas mal equipadas, pouco espaço habitacional, pouca iluminação natural e sem ventilação[6]. Em casos extremos, como os de pessoas e famílias despejadas ou em situação de sem-abrigo, "para ficar em casa, é preciso ter casa"[7].

comunicação

Os dias foram dominados pelo desassossego, desconfiança e medo do contágio. Inicialmente, o vírus da doença não era totalmente conhecido e, portanto, várias questões surgiram em torno da realidade da pandemia. "Os flagelos, com efeito, são uma coisa comum, mas acredita-se dificilmente neles quando nos caem sobre a cabeça"[8]. Perante situações de emergência de saúde pública global, e no caso da pandemia COVID-19, a importância de estabelecer uma coerência relativa às medidas implementadas e à gestão de uma população, cuja informação englobava números nacionais e internacionais, foi fundamental. Gerar conhecimento e tomar decisões enquanto persistem incertezas científicas sobre uma doença, cujo controlo ou contenção tem sérias repercussões para a reputação sociopolítica e exige prudência e precaução[9]. No entanto, foi inevitável fervilhar, dentro de alguns grupos de pessoas, de notícias falsas e de desinformação descomedida. "O flagelo não está à medida do Homem; diz-se então que o flagelo é irreal, que é mau sonho que vai passar. Ele, porém, não passa, e, de mau sonho em mau sonho, são os homens que passam, e os humanistas em primeiro lugar, pois não tomaram as suas precauções."[10]

---

[5] LAGES, Joana Pestana; JORGE, Sílvia — *Crise Pandémica e Crise na Habitação - Mulheres em foco* do projeto "Como ficar em casa? Intervenções imediatas no combate à COVID-19 em bairros precários da AML", pg.9

[6] ALCOCER, Atxu Amann; MARTELLA, Flavio — "Public house: the city folds into the space of home", *The Architectural Review,* nº1472, 4 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/public-house-the-city-folds-into-the-space-of-the-home)

[7] Plataforma Online Stop Despejos (https://stopdespejos.wordpress.com/portfolio/sem-abrigo-para-ficar-em-casa-e-preciso-ter-casa/)

[8] CAMUS, Albert — *A Peste,* pg. 31

[9] SILVA, Susana; FREITAS, Cláudia; AMORIM, Mariana; SOARES, Sara; FRAGA, Sílvia — "COVID-19: Desafios éticos e sociais numa situação de emergência de saúde global" in *Da emergência de um novo vírus humano à disseminação global de uma nova doença* — Doença por Coronavírus 2019 (https://ispup.up.pt/covid-19-desafios-eticos-e-sociais-numa-situacao-de-emergencia-de-saude-global/)

[10] CAMUS, Albert — *A Peste*, pg. 31

era digital

Mesmo com a permanência em casa, nem todas as atividades pararam. Algumas que, por não exigirem estritamente a presença física das pessoas, reinventaram-se através da transferência para plataformas *on-line*. As escolas, por exemplo, tiveram de descobrir como transformar o ensino em sala de aula, onde existe uma comunicação espontânea e espírito de comunidade entre os estudantes e professores através da partilha do mesmo espaço, para o ensino *on-line* onde, na maior parte das vezes, se perde o entusiasmo pela aprendizagem e a facilidade de comunicação. O mesmo aconteceu com o tele-trabalho que, embora já fosse uma estratégia utilizada em certos países, foi certamente mais utilizado durante o confinamento. Muitas entidades empregadoras tiveram de encontrar novos métodos de organização, gestão e novas formas de comunicar com os trabalhadores, de modo a garantir a atividade e subsistência salarial. Além das atividades laborais, escola e outras funções que se re-adaptaram aos meios digitais, também as atividades recreativas se disponibilizaram em formatos *on-line.* De facto, o confinamento domiciliário acelerou a tendência de transferir as nossas atividades e as nossas experiências pessoais para a condição de "solidão hiperconectada"[11], através da vida digital. Criaram-se ligações inéditas entre pessoas e tornaram-se possíveis novos projetos, novos eventos, que se refletiram numa reinvenção de possibilidades.

novas possibilidades

Falou-se principalmente no desencadeamento de uma crise sanitária, mas a pandemia gerou também uma crise na vida quotidiana. "Tudo se tornou diferente, nas nossas formas de nos relacionar, comunicar, divertir, viajar, trabalhar, estudar, dividir as tarefas domésticas — transformou aquilo que somos, pensamos, sentimos e vivemos o dia-a-dia"[12]. No entanto, apesar do evidente impacto negativo que a pandemia de COVID-19 trouxe, devem ser realçados aspetos que transformaram os problemas em novas oportunidades. Reconhecendo que cada pessoa atravessou este período de tempo de forma distinta, é possível também assinalar este tempo como uma chamada à reflexão, uma oportunidade de questionar certos aspetos deixados em suspenso, uma abertura para novas possibilidades, re-pensadas e adaptadas a um novo entendimento sobre a realidade contemporânea.

---

[11] LEONI, Federico — "O vírus como acelerador", *Electra,* nº9, pg. 140

[12] TEJEDOR, Alberto del Campo — *La vida cotidiana en tiempos de la COVID. Una antropología de la pandemia*, pg.21

1. Arquitetura, Isolamento e Quarentena



06. *Island of the Dead*, Arnold Bocklin, 1880.

A pandemia de COVID-19 veio relembrar-nos da capacidade que um agente infeccioso e altamente contagioso tem de provocar e questionar a sociedade em que vivemos. No entanto, é certo pensar que o ser humano já conviveu historicamente com uma multiplicidade de doenças provocadas por diferentes tipos vírus.

O bacilo bubónico, bactéria popularmente conhecida por provocar a pandemia da Peste Negra, é apenas um dos diversos exemplos de bactérias responsáveis pelas grandes pandemias da época medieval, da qual se pode ainda destacar a Lepra; mais recentemente, a Varíola, a Poliomielite e o Ébola, provocados por diferentes vírus mas todos extremamente contagiosos. Assim, foram lançados novos desafios para as comunidades onde se desencadearam estas doenças epidémicas que, para além de pequenos surtos podem evoluir rapidamente para pandemias, e que comprovam que "os vírus são companheiros que nos acompanham forçosamente ao longo da vida"[13].

Embora reconheça que articular o discurso arquitetónico com a pesquisa sobre o programa, a paisagem e o território no campo dos estabelecimentos de saúde, seja uma questão complexa[14], este capítulo nasce da necessidade de perceber quais foram as soluções e estratégias estabelecidas para a proteção da população e saúde pública em situações de crise sanitária, e de que forma essas se materializam no espaço arquitetónico.

Antes da descoberta científica das bactérias e a percepção medicinal das pandemias, onde os métodos de prevenção ou tratamento eram associados à criação de vacinas e antibióticos, a melhor forma de evitar a propagação de doenças eram métodos diretamente associados ao afastamento entre pessoas, para evitar o contágio. Assim surgiram os conceitos de isolamento e quarentena, ambos são associados à "separação completa, física e social, de algo ou alguém em relação a uma determinada população"[15], no entanto, a sua origem nasce de situações diferentes e devem ser conceitos separados.

O **isolamento** é a medida utilizada para separar pessoas que foram confirmadas como infectadas por uma doença infecciosa de outros que não estão infectados. Nasce da certeza de que alguém se encontra doente, e da exigência de criar uma limitação física que separe de quem se encontra saudável. A forma como o isolamento higiénico se reflete no espaço arquitetónico é evidenciado sobretudo nos Sanatórios — cujo tema será falado adiante, no segundo capítulo — mas também nos hospitais. Ora, o Hospital é certa-

---

[13] CRUZADA; Santiago M. — "Vidas exceptionales: relaciones humano-virus en tiempos de pandemia" in *La vida quotidiana en tiempos de la COVID: Una antropologia de la pandemia,* pg.33

[14] TOSTÕES, Ana; ARNAUT, Daniela; PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) — *Curar e Cuidar. Arquitetura da Saúde em Portugal (1901-1976)*, pg. 11

[15] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space* Age, pg. 51

mente o exemplo mais evidente do isolamento higiénico, uma vez que existe a consideração geral de se tratar do "principal equipamento de saúde"[16], onde se encontre uma área de isolamento. No entanto, o Hospital não será abordado nesta investigação, não só pela complexidade programática, tecnológica e física que existe em torno da esfera hospitalar, mas também porque se considera que "estes equipamentos atravessam transformações radicais"[17].

Ainda que neste contexto esteja relacionado com o campo da saúde, o conceito de isolamento também se encontra presente noutro tipo de situações, por exemplo, de natureza social e religiosa. Do ponto de vista ético, pode igualmente ter dois carácteres distintos: o isolamento voluntário e isolamento involuntário. Portanto, entende-se a diversidade de situações que o tipo de arquitetura de isolamento pode comportar. Por um lado, as prisões e o *Panóptico*, espaços de isolamento involuntário e de natureza social, formalmente desenhados de forma a controlar e castigar pessoas cujo comportamento foi socialmente e moralmente inaceitável; por outro lado, os conventos cartesianos, desenhados intencionalmente para um "estilo de vida eremítico e cenobítico num perfeito equilíbrio"[18], caracterizado pelo silêncio e solidão, classificando-se então como um espaço de isolamento voluntário de natureza religiosa.

A **quarentena**, por outro lado, é uma medida usada para separar e restringir a circulação de pessoas assintomáticas que possam ter sido expostas a uma doença infecciosa, ainda que não apresentem sintomas ou confirmação de infecção. É um método que nasce da incerteza. Do ponto de vista etimológico, a palavra "quarentena" deriva da expressão italiana "quaranta giorni", quarenta dias, que corresponde ao tempo ideal para o afastamento entre duas ou mais pessoas suspeitas de estarem doentes[19].

'Praga' ou 'Peste' foram termos que ganharam força popular para representar epidemias caracterizadas por alta mortalidade. O primeiro registo de uma pandemia foi a conhecida Praga de Justiniano, em 541 d.C, um surto da bactéria proveniente das pulgas de ratos infetados que se encontravam nos navios comerciais chegados ao Egito, que se alastrou por todo o território mediterrâneo do Império Romano. Mais tarde, no início do séc. XIV, o bacilo bubónico regressou de forma mais intensa e ficou mais conhecida como Peste Negra, devido ao sintoma comum que identificava a doença nas pessoas infetadas - as extremidades do corpo começavam a ficar de cor negra.

---

16 TOSTÕES, Ana; ARNAUT, Daniela; PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) — *Curar e Cuidar. Arquitetura da Saúde em Portugal (1901-1976)*, pg. 17
17 Ibidem.
18 FERRO, Luís — *O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli,* pg. 14
19 MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age*, pg. 22

Confrontadas pelas numerosas mortes e pelos sintomas assustadores que a infeção provocava, as primeiras respostas da população eram sobretudo métodos supersticiosos e remédios antigos. Foi apenas em 1377, em Dubrovnik, antigamente conhecida como Republica de Ragusa, que foi implementado o conceito de quarentena, "num jogo equilibrado entre isolamento e tempo"[20].

Dada a sua localização privilegiada nas viagens marítimas mediterrâneas, o porto marítimo de Ragusa servia como paragem para mercadorias e ponte para pessoas que entravam na Europa a partir do Médio Oriente e Norte de África[21]. Nesse sentido, havendo suspeitas de que seria o local onde teve início a Peste Negra, o porto marítimo estabeleceu o chamado "trentina", derivado da palavra italiana "trenta", um sistema que obrigava os navios que davam entrada nos portos a permanecer ancorados distantes da costa durante trinta dias, para garantir um acesso à cidade livre de doenças[22]. Esta medida não só transformou o comércio mercantil como acentuou, de forma considerável, a atenção dada às doenças provenientes do comércio marítimo. Mais tarde, este período de tempo passou para quarenta dias, daí a etimologia do nome "quarentena", uma vez que o período de trinta dias não foi considerado suficiente para o seu propósito[23].

Este aumento do período de tempo de quarentena, dos trinta para os quarenta dias, foi também devido aos viajantes terrestres que, comparativamente aos viajantes marítimos que estavam isolados pelas circunstâncias geográficas da água, estes não ficavam limitados a um espaço físico. Desta forma, surgiu a necessidade de construir um edifício próprio para a prática de quarentena e isolamento dos infetados na cidade - o *Lazzaretto.*

Os Lazaretos eram as mais inovadoras infra-estruturas da Época Medieval, num período em que a Peste Negra atormentava grande parte da população. Concentrar e circunscrever os indivíduos doentes e os potencialmente infetados num espaço projetado para o efeito não era apenas uma solução médica, mas um sinal que existia um governo eficaz que oferecia confiança, cuidado e defesa para com os cidadãos[24].

Muitos dos Lazaretos medievais existentes pela Europa do séc. XV foram registados por John Howard, um investigador britânico, que dedicou os últimos vinte anos da sua vida a inspecionar prisões e Lazaretos em toda a Europa, e a registar os diferentes

---

[20]MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age,* pg. 37

[21] Ibidem.

[22] GARCIA, David — "Distant space: the architecture of quarantine". *The Architectural Review*, 8 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/buildings/health/distant-space-the-architecture-of-quarantine)

[23] GENSINI, G. et al — "The Concept of Quarantine in History: From Plague to SARS". *Journal of Infection,* pg. 258.

[24] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age,* pg. 33

espaços por onde viajou através de diários de bordo. O seu importante testemunho escrito e gráfico resultou na publicação *An Account of the Principal Lazarettos in Europe,* publicado a 1791. Estas instalações "parte hospital, parte prisão"[25], tinham a reputação de serem sujas e insalubres e, por isso, o registo da sua experiência pessoal nos locais visitados foi fundamental. Primeiramente, para a evolução e melhoria de condições deste tipo de espaços desenhados para isolar pessoas e mercadorias potencialmente infetadas, em segundo, para evidenciar a importância deste tipo de espaço, principalmente em cidades onde existem grandes trocas comerciais. Alguns dos Lazaretos visitados foram os construídos nas cidades de Marselha, em França; Trieste, Messina, Genova e Nápoles, em Itália; todos eles localizados em pontos estratégicos das rotas comerciais marítimas do Mediterrâneo.

Howard descrevia os Lazaretos como "edifícios fortificados com vista para o mar, complexos extensos que, uns dominavam ilhas inteiras, outros que, colocados no topo de falésias, comandavam a entrada no porto de embarque"[26]. Portanto, o local de implementação de um Lazareto era uma decisão significativa, uma vez que estes espaços sugeriam onde existiriam as trocas comerciais e, no sentido inverso, as trocas comerciais necessitariam de um local para isolar mercadorias e pessoas potencialmente infetadas. Portanto, teria de ser localizado tendo em conta o fácil acesso marítimo e terrestre e, em simultâneo, ser um edifício isolado para evitar o contacto com a população.

Relativamente ao seu desenho, estes espaços eram o reflexo da teoria e conhecimento medicinal dominante do tempo. Nesse sentido, os Lazaretos eram desenhados de acordo com o que se acreditava quais ser as causas e as consequências de uma doença. Conceitos como ventilação, higienização e iluminação de um espaço eram inexistentes no período medieval. Num dos seus diários de bordo, Howard descreve um "apartamento de isolamento de pessoas" como um "local sem janelas, com as paredes infestadas de vermes, sem móveis ou outros confortos básicos"[27].

No entanto, existia uma tentativa de uma organização espacial funcional, com a preocupação de separar os espaços infetados dos espaços limpos. Dentro dos muros, o programa dos Lazaretos consistia sobretudo em celas de isolamento, não só para os passageiros chegados à cidade mas também para as mercadorias transportadas. Envolvente às celas de isolamento individual, existiam espaços exteriores de relvados vazios, de forma a criar uma distância de separação entre cada conjunto de celas; capelas ou uma Igreja central que providenciava a comunhão entre os residentes; fon-

---

[25] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age,* pg. 32
[26] HOWARD, John — *An Account of the Principal Lazarettos in Europe,* pg. 10
[27] Ibidem.



07. *L'isole piu famose del mondo,* Thomaso Porcacchi, 1572.

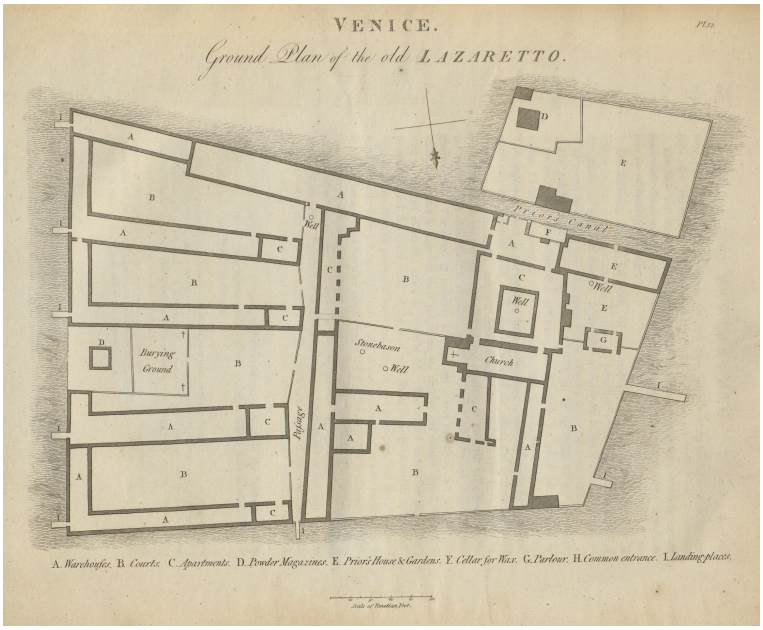
tes de água para promover a possível higienização dos passageiros e dos espaços em que viviam, e finalmente, cemitérios para os que não conseguiam sobreviver às doenças. Em suma, a sua organização espacial seguia a premissa do contacto mínimo entre residentes através de um equilíbrio de espaços abertos e espaços fechados, cheios e vazios.

Foi portanto, em Veneza que a arquitetura do Lazareto se materializou. Graças à topografia tão própria da cidade — um labirinto de ilhas, canais e pontes — que Veneza se tornou um "laboratório natural para experimentar novas formas de controlo geográfico, utilizando a água como barreira contra a propagação de doenças"[28]. De tal forma que, utilizando a condição de ilha, nasceram dois edifícios de quarentena e isolamento: o *Lazzaretto Vecchio* e *Lazzaretto Nuovo*. A 1468 deu-se início à construção do *Lazzaretto Nuovo* a norte da cidade de Veneza, numa ilha existente e previamente ocupada por um antigo mosteiro *Vigna Murada*[29]. A sua construção foi necessária devido ao crescente número de pessoas infetadas na cidade.

28 MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age. Pg. 20

29 "História do *Lazzaretto Nuovo*" (https://lazzarettiveneziani.it/en/lazzaretti/history-lazzaretto-vecchio , visitado a 11 de Abril 2023)

1.1.
Lazaretto Vecchio
Veneza, 1423



08. *Lazzareto Vecchio,* John Howard, 1791. Legenda: (A) Armazéns; (B) Pátios; (C) Apartamentos; (D) Depósito de pólvora; (E) Casa e Jardins do Prior; (F) Adega para cera; (G) Salão; (H) Entrada comum; (I) Docas de embarque e desembarque



09. *Isola del Lazzaretto Vecchio,* Francesco Guardi, 1750

Ora, o *Lazzaretto Vecchio,* como o nome indica e como John Howard afirma, foi o primeiro 'hospital de quarentena' a ser construído em 1423, a sul da cidade de Veneza. A sua construção foi feita de raiz a partir de pequena extensão de terreno seco e ao longo do tempo foi alargado conforme necessário. Este Lazareto foi pioneiro na organização espacial e linguagem formal, assemelhando-se a fortificações militares, tendo servido de modelo para as construções posteriores.

No desenho da planta térrea elaborado por John Howard, é possível identificar uma estratégia projetual do *Lazzaretto Vecchio*. Por um lado, o jogo de cheios e vazios, como mencionado anteriormente, é destacado pelo edifício fechado dos armazéns de mercadorias e "apartamentos" de pessoas infetadas com a evidência de espaços exteriores intercalados entre si. Por outro lado, a clara divisão entre o espaços de isolamento e o cemitério e os espaços dedicados ao Prior e a Igreja, implementada no centro da ilha.

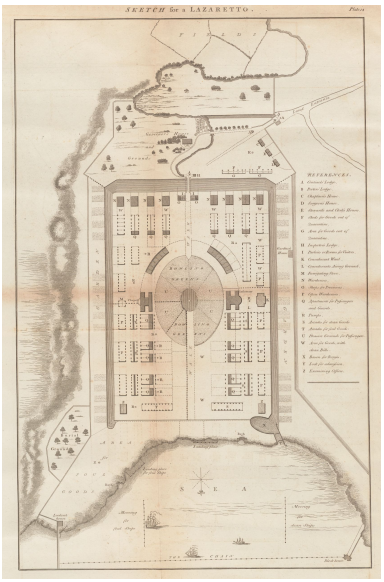
Esta organização revela-se interessante pelas preocupações que o desenho apresenta no cuidado em estabelecer limites entre as zonas destinadas a quarentena e as zonas higienizadas. Questões como a circulação são também evidentes no corredor que interliga as zonas infetadas e as não infetadas; mas também na colocação de vários locais de embarque em torno de toda a ilha, de forma a criar entradas isoladas que conectam diretamente com cada zona do Lazareto, evitando percursos propícios ao contágio. Por sua vez, a água tem uma importante valorização para o espaço, não só pela condição de ser uma barreira geográfica de isolamento mas também, pela sua utilização pontual ao longo de todo o programa do Lazareto, funcionando como um bem essencial à higienização. Estas fontes estão localizadas em sítios estratégicos, como por exemplo, no corredor de distribuição dos armazéns e apartamen-

tos; no espaço central junto à Igreja; e no espaço dedicado ao Prior.

Em relação aos "apartamentos", como Howard descreve, sabe-se que têm dois pisos, um térreo e outro elevado, e "são divididos e subdivididos em numeroso espaços individuais, maiores e menores, para receção de passageiros, com entradas e escadas separadas entre si"[30]. Sabe-se também que os espaços exteriores anexos a cada faixa de edificado são "relvados que não podem crescer muito alto, e não é permitido plantar nenhum tipo de árvore ou vegetais dentro dessa área"[31], provavelmente devido à possibilidade de dispersar doenças infecciosas.

Já a presença do Prior no Lazareto era de extrema importância para a organização social dentro do edifício uma vez que "é ele quem faz a gestão do espaço e a quem é confiado o governo e direção do Lazareto (…) um ofício de grande confiança cujo exercício está sujeito às mais estritas regras"[32]. Por outras palavras, o prior tinha a responsabilidade da separação dos espaços infetados e não infetados, mas também, da vigilância e controlo para que nenhum passageiro escapasse do Lazareto. Nesse sentido, era atribuído um espaço de habitação permanente ao Prior, implementado o mais afastado possível da zona de espaços infetados, anexo a uma pequena ilha onde apenas era permitida a sua passagem.

As viagens de Howard revelam que mesmo as instalações mais bem projetadas, construídas especificamente para o isolamento de pessoas e bens, podem ser uma experiência intolerável se não forem concretizadas com os devidos cuidados. Para Howard, um Lazareto, um hospital ou qualquer complexo de isolamento e quarentena "deve ter uma atmosfera mais alegre e esperançosa para quem a frequenta"[33]. Resumindo tudo o que aprendeu sobre a quarentena e nas suas viagens, Howard desenvolveu um projeto abstrato de um Lazareto Ideal, localizado num terreno imaginário com vista para o mar, cuja organização programática estaria claramente dividida entre os espaços salubres e espaços possivelmente infetados. Por sua vez, esses espaços estariam desenhados em torno de um jardim amplo e agradável que "seria tão conveniente como salubre"[34]. O porto de embarque seria igualmente dividido em dois, de um lado, o local de embarque de navios sujos, oposto ao desembarque de navios limpos. Apesar das limitações, a arquitetura do Lazareto e a sua condição de ilha provou ser um modelo de isolamento de doenças ao longo dos séculos seguintes.



10. *Sketch for an Ideal Lazaretto,* John Howard, 1791

[30] HOWARD, John — *An Account of the Principal Lazarettos in Europe,* pg. 13
[31] Ibidem, pg.14
[32] Ibidem, pg. 16
[33] Ibidem.
[34] Ibidem.

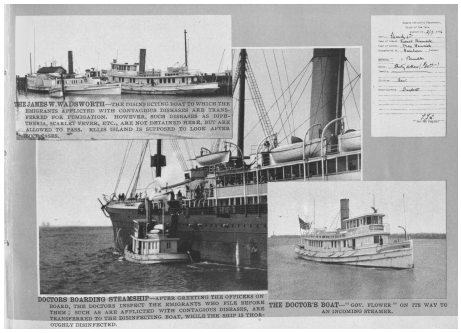
1.2.
Ellis Island
Nova Iorque, 1898-1909



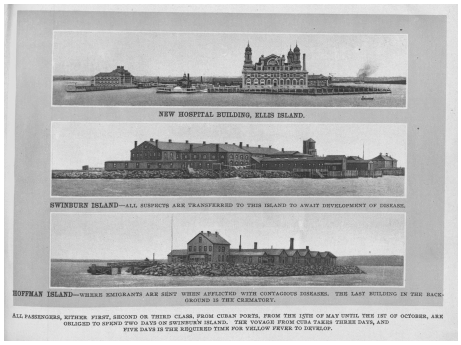
11. *Aerial Photography of Ellis Island,* New York Municipal Archives, 1956

No final do século XIX, surgiu um intenso fluxo de imigração para os Estados Unidos da América. Entre a nova geração de imigrantes estavam irlandeses, cujo país passava por um período de fome e pobreza, e judeus do leste Europeu, que sofriam de perseguições políticas, cuja entrada na cidade de Nova Iorque era o passaporte para uma vida digna com novas oportunidades. Estes movimentos migratórios eram marcados pela paragem em ilhas de inspeção, antes da entrada na cidade. Assim, estas ilhas funcionavam como estação de receção, inspeção, isolamento e possível tratamento das pessoas que apresentavam sinais de doenças.

Nessa época, a Febre Amarela e a Cólera eram as doenças predominantes na população vindoura e, à semelhança do ocorrido na Peste Negra e na construção de Lazzaretos, as estações de inspeção serviam como barreira sanitária na entrada da cidade. Assim que os navios migratórios chegavam à baía da cidade de Nova Iorque, o primeiro contacto era feito por médicos que se aproximavam por meio de pequenos barcos para fazer uma primeira inspeção, ou "diagnóstico"[35].



12. *Doctor's Boat,* New York Municipal Archives, 1950



13. *Ellis Island, Swinburne Island* e *Hoffman Island,* New York City Municipal Archives, 1950

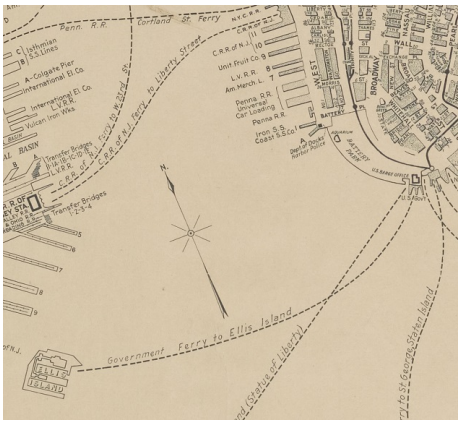
Dependente do resultado da observação médica e da classe social de cada um, cada pessoa era selecionada para a respetiva ilha. Pessoas que viajavam em primeira classe eram apenas inspecionadas pelos médicos no barco, sem requerer a entrada em qualquer ilha de isolamento e quarentena. Já os viajantes de classes mais baixas eram direcionados para um barco que os separava em diferentes ilhas: os que se encontravam visivelmente doentes eram enviados para a *Ellis Island* para receber tratamentos e exames médi-

[35] ARONCZYK, Amanda — "Photos: The Strange History of NYC's Swinburne and Hoffman Islands" (https://gothamist.com/arts-entertainment/photos-the-strange-history-of-nycs-swinburne-and-hoffman-islands)

cos; os que eram suspeitos de estarem potencialmente infetados pela doença eram enviados para a *Swinburne Island* para um período de quarentena; e os que assumidamente estiveram em contacto com uma doença infecciosa eram enviados para a *Hoffman Island,* para um período de tempo em isolamento.

As ilhas *Swinburne* e *Hoffman* eram construções pouco elaboradas, consistindo apenas em pedaços de terreno emerso, construídos de raiz, e aglomerados de pequenos edifícios sem ordem ou organização. Estas foram concebidas de forma rápida e urgente como resposta ao incêndio que desabou o *Marine Hospital* em Staten Island, popularmente conhecido por *"The Quarantine"*[36], o principal complexo de que albergava pessoas potencialmente infetadas.

Pelo contrário, a *Ellis Island* consistia numa construção elaborada que visava o planeamento da principal Estação de Imigração da cidade. Devido à sua localização estratégica junto ao porto de Nova Iorque, a Ellis Island sempre teve um papel importante na evolução da cidade. Durante décadas, a ilha estava reduzida a um terreno natural, com a evidência de fortificação militares. Foi apenas no final do século XIX e inicio do século XX que a ilha foi aumentada para uma forma rectangular com três braços também chamados de *ilhas* — n.º 1, n.º 2 e n.º 3 — conectadas entre si por uma estreita faixa de terra[37]. Este formato demonstra o desenvolvimento de um complexo e rigoroso mecanismo de controlo informado pelos processos de inspeção[38]. Fruto de um concurso de arquitetura ganho pelos arquitetos Boring & Tilton, o complexo de edifícios foi especificamente projetado para moldar o movimento e separação de imigrantes, de forma a evitar possíveis contágios. Além disso, o conjunto combina vários estilos de arquitetura de forma a dar um significado monumental à nova Estação de Imigração.



14. *Map of upper New York,* pormenor da localização da *Ellis Island* e o trajeto de barco até ao porto de *Manhattan*, Hagstrom Map Company, 1920

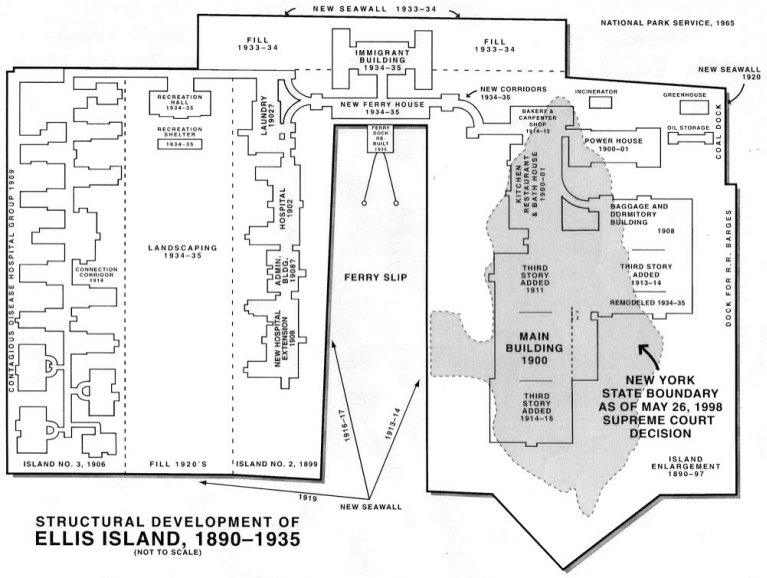
A primeira fase de construção, entre 1898 a 1900, foi o *Great Hall*, edifício principal de recepção e examinação na Ilha n.º1, com apoio de uma cozinha, balneários e dormitório, e o Hospital, construído na Ilha n.º 2. A segunda fase, completada em 1909, foi dedicada à construção de uma ala de isolamento para imigrantes com doenças contagiosas, na Ilha n.º 3. Enfermarias de sarampo, enfermarias de isolamento e outras instalações, foram projetadas como uma série de pequenos pavilhões ligados apenas por um corredor estreito — semelhante ao desenho do *Lazzareto Vecchio* — e a escolha das superfícies materiais eram sobretudo azulejos vitrificados e iluminação de cobre, que possuem proprie-

---

[36] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age*, pg. 49

[37] ROBINS, Anthony; URBANELLI, Elisa — *Ellis Island Historic District,* pg. 28

[38] ARSUAGA, Guillermo Sánchez — "Ellis Island: Architecture at the Service of Biopower" in *Sick Architecture, E-flux magazine,* (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/345271/ellis-island-architecture-at-the-service-of-biopower/)



15. *Map of Ellis Island,* desenvolvimento estrutural entre 1890, onde consistia num pequeno pedaço de terra e 1935.

dades antibacterianas, permitindo uma desinfeção contínua do espaço[39]. Os balneários, por exemplo, espaços fundamentais à limpeza e higienização do corpo, foram projetados de forma a que duzentas pessoas pudessem tomar banho de cada vez, onde, diariamente, oito mil pessoas tinham acesso à sua higiene pessoal.

Dentro da higienização dos espaços, eram evidenciadas questões funcionais associadas à separação de pessoas infetadas e distanciamento social: os corredores de distribuição do complexo eram separados de acordo com o diagnóstico médico e a gravidade da doença. Parte do complexo tinha, também, uma longa escadaria que ligava o piso térreo à cota alta do edifício e, simultaneamente, servia como espaço de exame médico: caso alguém não conseguisse subir as escadas, tanto por incapacidade física ou por respiração ofegante, indicaria que teriam de ficar no piso térreo para nova observação[40].



16. *Great Hall* ou *Register Room, 1907*

O espaço central, *Great Hall,* era a divisão mais complexa e imponente da Ellis Island e, também, o espaço mais importante no processo de triagem de imigração. A utilização de asnas e pilares metálicos industriais, semelhantes aos usados na estações ferroviárias da época, fazia com que a sala ganhasse uma grande amplitude, e permitia a colocação de janelas de grandes dimensões em todas paredes, oferecendo uma iluminação total da sala [41]. Por sua vez, as janelas possuíam engrenagens de abertura que possibilitavam a renovação do ar. Assim, este espaço central da Ellis Island era multifuncional, onde os caminhos e triagem de imigrantes pudessem ser flexivelmente redimensionados em função das exigênci-

[39] GARCIA, David — "Distant space: the architecture of quarantine". *The Architectural Review*, 8 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/buildings/health/distant-space-the-architecture-of-quarantine)

[40] ARSUAGA, Guillermo Sánchez — "Ellis Island: Architecture at the Service of Biopower" in *Sick Architecture, E-flux magazine*. Novembro 2020 (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/345271/ellis-island-architecture-at-the-service-of-biopower/)

[41] *Ibidem*.

as médicas, bem como o número de pessoas a serem examinadas. Aqui, os imigrantes esperavam, por vezes por muitas horas, sentados em condições "semelhantes a gaiolas"[42] para exames médicos adicionais.

Embora fosse categorizado como um espaço de isolamento e quarentena de possíveis pessoas infetadas, a *Ellis Island* era igualmente, edifício desenhado para o controlo e vigilância que, por consequência, discriminava as famílias pela classe social e estatuto financeiro. À semelhança do *Lazzareto Vecchio* vivido por John Howard, a experiência de habitar a *Ellis Island* era dolorosa e inquietante. Numa partitura de música escrita em 1914 por um imigrante, é possível entender o quotidiano na ilha de inspeção através da sua letra: "Oh *Ellis Island*, a porta para a terra livre, quão assustadora pareces ser! Muito lutámos e sacrificámos para vir para a América. Trememos com grande esperança. Agora, aqui nesta ilha, no limiar e com o objetivo à vista, é-nos dito que temos de parar e não avançar mais". Ora, o processo de chegar ao destino era muitas vezes demorado, onde alguns chegavam a passar meses à espera da certificação para poder pisar o solo de Nova Iorque.

Em 1914 sucedeu a Segunda Guerra Mundial e foi sentido um forte declínio do fluxo migratório para os Estados Unidos da América. Pela segunda metade do século XX, quando foi obtido o conhecimento científico das bactérias que produzem as doenças infecciosas, lentamente os procedimentos de inspeção nas ilhas americanas caíram em desuso.


Ellis Island

Intro. Voice SOLOMON SMALL

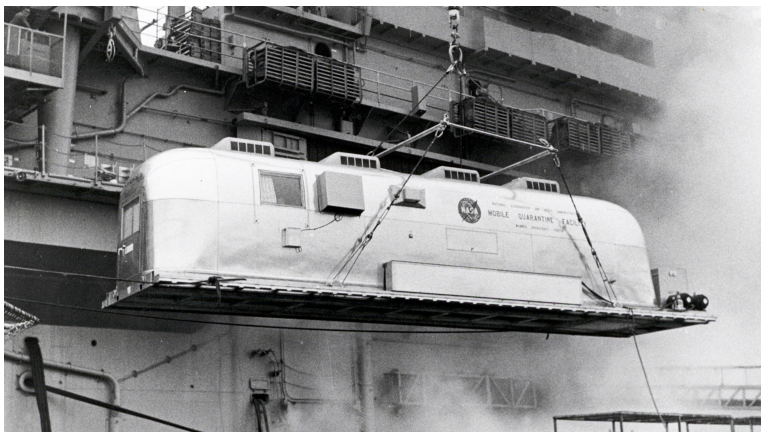
17. *Ellis Island,* partitura de música de Solomon Small, 1914. Tradução da língua Iídiche para o Inglês: "*Oh Ellis Island, you portal to the free land, how fearful you seem! We've struggled and sacrificed to come to America. We tremble with our great hopes. Now here on this island, at the very threshold and in sight of our goal, we are told to stop and go no further.*"



18. Família de imigrantes no cais de *Ellis Island* à espera do barco para seguir para Nova Iorque, 1925

[42] Alison Bateman-House, "Medical Examination of Immigrants at Ellis Island," *AMA Journal of Ethics* 10, no. 4 (April 1, 2008): 235–41.

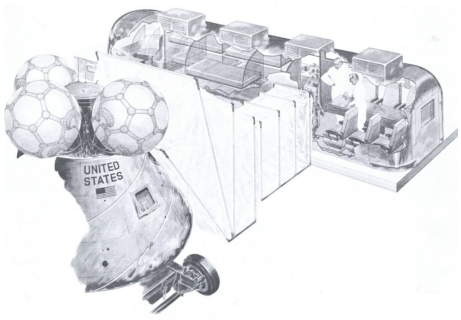
1.3.
Mobile Quarantine Facility
Houston, 1960



19. *Mobile Quarantine Facility* a ser deslocada para a *Lunar Receiving Laboratory,* 1969

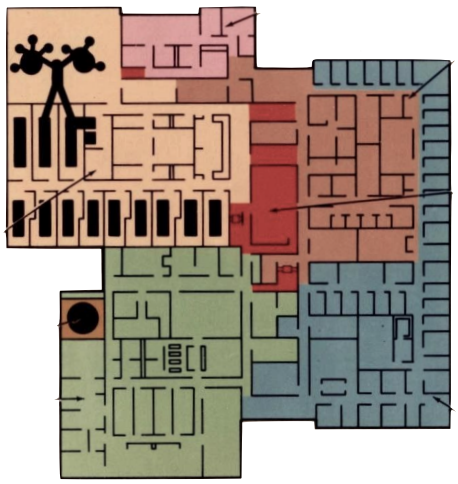
Na década de 1960, a exploração do desconhecido deu um salto histórico para a humanidade, marcado pelo início das missões Apollo. Enquanto a *National Aaeronautics and Space Admnistration* (NASA), se preparava para enviar astronautas para a Lua, surgiram preocupações entre comunidade científica sobre a ameaça de agentes patogénicos lunares desconhecidos. Embora o "risco de contaminação da Terra com quaisquer possíveis microrganismos lunares fosse muito reduzido, o conhecimento científico vigente não poderia descartar essa possibilidade"[43]. Nesse sentido, foi criado o programa de quarentena e isolamento dos astronautas, bem como das amostras lunares recolhidas que, por sua vez, seriam também protegidas de possíveis contaminações do ambiente terrestre, medida indispensável para uma análise científica rigorosa, precisa e segura.

Assim, o novo programa de quarentena teve início no momento em que os astronautas regressados da Apollo 11 aterraram a nave espacial no Oceano Pacífico. Nesse instante, a equipa de recuperação abriu a escotilha de escape e entregou roupas especialmente projetadas para o isolamento biológico[44] dos astronautas Neil Armstrong, Michael Collins e Buzz Aldrin, que as colocaram com a escotilha novamente fechada. De seguida, ao saírem da nave que se encontrava flutuante, foram higienizados com um desinfetante à base de iodo antes de serem transportados de helicóptero para o local onde estaria a *Mobile Quarantine Facility* (MQF), uma estação móvel de quarentena temporária, cujo acesso era feito através de um túnel de pressão negativa[45]. Numa proposta inicial, pensou-se em manter a MQF a bordo de um porta-aviões durante o período de quarentena, no entanto, foi decidido que seria transportada para a unidade de isolamento final em Houston, no *Lunar Receiving Laboratory* (LRL).



20. Ligação controlada entre a nave espacial e a *Mobile Quarantine Facility,* 1969

[43] "50 Years Ago: Mobilide Quarantine Facility arrives in Houston" (https://www.nasa.gov/feature/50-years-ago-mobile-quarantine-facility-arrives-in-houston, visitado em julho 2023)
[44] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space* Age, pg. 174
[45] Ibidem, pg. 174



21. *Lunar Receiving Laboratory,* esquema de organização funcional. Legenda: a amarelo, laboratório de amostras lunares; a rosa, laboratório de contagem de radiação; laranja, laboratório de suporte; azul, área administrativa; a vermelho, zona de transição; a verde, área de receção da tripulação e a zona sinalizada a laranja e preto, área de observação da nave espacial.

Por sua vez, o LRL foi projetado especialmente para conter e analisar as amostras recolhidas da viagem à Lua, de forma controlada, bem como alojar os astronautas que, após o período de quarentena e isolamento, deveriam ser colocados sob exames médicos. Além da análise minuciosa de uma variedade de componentes científicos, o espaço do Laboratório deveria ser um espaço de isolamento, pensando em toda a sua organização de fora para dentro, protegendo o seu conteúdo do mundo exterior. Assim, o LRL era, ele próprio, como uma "versão moderna do *Lazzaretto* do séc. XIV"[46], construído como uma ilha com sistemas internos de limites altamente controlados e protocolos formais de acesso. Neste caso, a contenção de possíveis agentes alienígenas infecciosos foi manifestada por um projeto arquitetónico minimalista e moderno, concretizando-se funções nunca antes imaginadas[47].

A MQF era essencialmente uma caravana estilo *Airstream* totalmente modificada, projetada para a função de quarentena e isolamento, durante um período de tempo de dez dias. As *Airstream* eram as caravanas modernas do momento, capazes de reproduzir o espaço doméstico dentro de um dispositivo sobre rodas, simbolizando liberdade de movimento e acomodação. O seu revestimento exterior, de alumínio selado, tornava o espaço interior hermético e um sistema de ventilação mecânico fornecia pressão negativa para "isolamento bacteriano"[48]. Consequentemente, o interior estava equipado com um sistema sonoro que o conectava ao exterior; bem como a presença de oxigénio de emergência, tanques com águas residuais e uma instalação de descontaminação através da qual alimentos e rochas lunares transitavam entre o interior e exterior. Relativamente à sua organização interior, a *Mobile Quarantine Facility* distribuía de forma compacta e linear um espaço de dormitório, cozinha equipada com forno de microondas, um espa-

[46] GARCIA, David — "Distant space: the architecture of quarantine". *The Architectural Review*, 8 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/buildings/health/distant-space-the-architecture-of-quarantine)
[47] Ibidem.
[48] MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space* Age. Pg. 174



22. Imagem do interior da *Mobile Quarantine Facility,* onde aparecem Neil Armstrong, Michael Collins e Buzz Aldrin a ler o jornal, 1969

ço de estar e uma zona de banho. John Hirasaki, o engenheiro responsável por controlar a tecnologia do fluxo de ar da *Airstream* modificada relatou que "no início, parecia uma festa, em que os astronautas estavam ansiosos para falar sobre sua experiência. Havia bebida e comida, inclusive comida pronta para o novo micro-ondas e chuveiros quentes para todos."[49]

Este espaço de quarentena e isolamento assemelha-se aos exemplos anteriores do *Lazzareto Vecchio* e *Ellis Island* pela sua condição de 'ilha', ainda que de forma abstrata. No entanto, existe uma grande diferença comparativamente aos exemplos referidos pela qualidade de vida, do habitar deste espaço temporário. Na realidade, embora fosse um procedimento necessário no combate a incertezas, pensado para proteger a Terra da vida alienígena, o planeamento para a obrigação de ficar isolado numa *Aistream* durante dez dias, foi pensado para que os ocupantes sentissem o maior conforto possível. A fotografia do momento em que os astronautas, sorridentes, foram visitados pelo Presidente Richard Nixon, demonstra o sentimento de segurança que o espaço de quarentena e isolamento pode transmitir.



23. Presidente Richard Nixon recebe os astronautas da Apollo 11, 24 julho de 1969

Assim, entendemos que a quarentena e o isolamento tanto podem ser conceitos que se refletem na ameaça, no distanciamento, na insegurança e, muitas vezes, na discriminação; como podem também representar uma oportunidade para a criatividade e conexão, como observados no exemplo da *Mobile Quarantine Facility.*

Considerando o movimento cíclico deste tipo de fenómenos, os autores do livro *Until Proven Safe,* acreditam na inevitável possibilidade de voltamos a enfrentar outro tipo de crise sanitária, onde nos encontraremos mais dependentes da quarentena, e não menos. Seja um futuro mais ou menos próximo, torna-se cada vez mais necessário encontrar "novas formas de tornar tolerável a separação dos outros" e conceber "novas formas de isolamento e quarentena"[50]. Ora, isto não significa que seja incentivado um estilo de vida em isolamento, ou que se cultive uma certa tendência de individualidade da sociedade. Pelo contrário, reconhece-se que iremos viver um futuro partilhado e, nesse sentido, que tenhamos um espírito coletivo para encontrar soluções em conjunto. Observado o fenómeno recente da COVID-19, percebemos que, de facto, quando existe um período de incerteza entre a exposição de um vírus e o seu diagnóstico, onde a infraestrutura médica é inadequada e o efeito de transmissão provocado pela globalização se sobrepõem, "muitas vezes, a quarentena é realmente a única escolha que temos"[51].

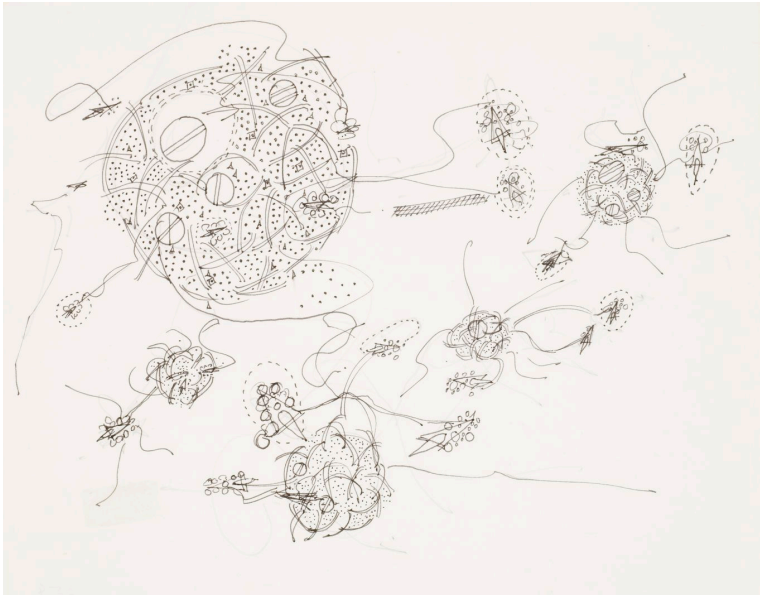
---

49 URI; John — "50 Years Ago: Mobile Quarantine Facility Arrives in Houston"(artigo disponível em https://www.nasa.gov/history/50-years-ago-mobile-quarantine-facility-arrives-in-houston/, visitado a 28 de Abril 2023)

50 MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age*, pg. 192, pg. 210

51 Ibidem.

2.
Arquitetura e Saúde



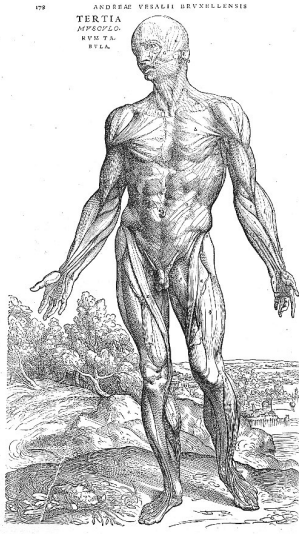
24. *Immune vs. Cancer cells, no. 1,* Gordon Matta-Clark, 1978.

A Arquitetura e a Medicina sempre estiveram interligadas[52]. O primeiro momento em que se conjugaram os dois campos, de forma teórica, foi no século I a.C, na publicação *De Architectura,* por Vitrúvio, onde são colocadas questões relacionadas com a saúde no desenho da arquitetura. Por um lado, a preocupação em escolher o melhor lugar para as cidades — "a eleição de um lugar o mais saudável possível. Este será alto e não nebuloso, sem geadas e voltado para um quadrante que não seja nem quente nem frio, mas temperado. Depois evitar-se-á a vizinhança de pântanos"[53]. Por outro lado, na preocupação da salubridade de um espaço interior, destacando-se a importância da orientação solar e a direção dos ventos na construção de um edifício.

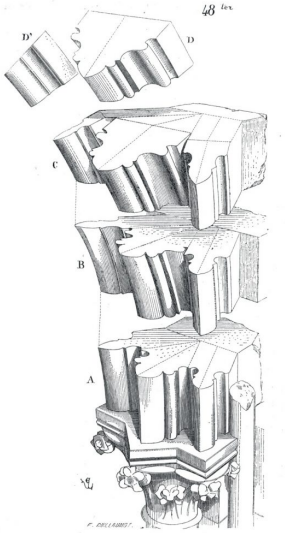
Em 1523, Andreas Vesalio publica o seu tratado de anatomia, *De Humani Corporis Fabrica.* Numa época em que a dissecação de cadáveres era uma prática regular como forma de aprimorar o conhecimento anatómico, Vesalio considera o corpo humano uma estrutura arquitetónica, comparando ao seu funcionamento ao de uma fábrica, no sentido construtivo. A mais evidente comparação é feita no primeiro livro que dedica o estudo dos ossos e articulações do corpo humano, comparando-os com o sistema estrutural de um edifício. Já na segunda metade do século XIX, "enquanto os médicos investigavam o misterioso interior do corpo, cortando-o e dissecando-o, os arquitetos tentavam entender o interior dos edifícios imaginando os fragmentos que o constituíam, como um edifício dissecado"[54]. Nesse sentido, Viollet-le-Duc ilustra a sua publicação *Dictionaire raisonné de l'architecture française* com elementos arquitectónicos seccionados, tratando a "arquitetura medieval como um corpo para ser analisado"[55].

Por sua vez, o início do século XX foi marcado por profundas transformações em ambas as áreas. Na esfera medicinal, pelas descobertas científicas das causas bacterianas das doenças, sobretudo da tuberculose. Na esfera arquitetónica, pelo desenho de sanatórios e pela procura de espaços que promovessem a saúde dos habitantes, coincidindo assim com o início da Arquitetura Moderna, cujos princípios "parecem ter sido retirados diretamente de um texto médico sobre doenças"[56].

Partindo deste paralelismo, de que forma podem os arquitetos desenhar ou adaptar os espaços de acordo com as doenças do seu tempo, procurando a saúde dos habitantes?



25. *De Humani Corporis Fabrica,* Andrea Vesalio, 1523.



26. *Tas-de-charge,* Viollet-le-Duc, 1854-1868

[52] "Architecture and medicine have always been tightly interlinked".
COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* pg.13
[53] VITRÚVIO, Marcus — *Os dez livros de arquitectura de Vitrúvio: corrigidos e traduzidos recentemente em português por Maria Helena Rua, com notações e figuras de Claude Perrault*, pg. 12 Lisboa: Decist, 1998, pg. 30
[54] COLOMINA, Beatriz - *X-ray Architecture,* pg.15
[55] Idem, pg. 16
[56] COLOMINA, Beatriz — X-ray Architecture. p.16

2.1.
Arquitetura e Saúde Pública
Cartografias de Doenças e Modelos Urbanos Higienistas



27. *Pegasus Above the City*, Karl Freiderich Schinkel, 1837

A Revolução Industrial, marcada pela transformação dos novos processos de fabricação sobretudo no Reino Unido, Europa e Estados Unidos, durante a segunda metade do século XVIII até meados do século XIX, foi um momento transitório no panorama económico e social, mas também no pensamento urbanístico e arquitetónico. À medida que as cidades industriais cresciam rapidamente, uma série de problemas urbanos surgiam em consequência da poluição provocada por fumos e poeiras.

Sentiu-se a sobrelotação populacional devido à necessidade da classe trabalhadora viver junto das novas fábricas, que por sua vez, se localizavam no centro das grandes cidades. Assim, dada a falta de saneamento nas ruas, começaram a emergir graves problemas de saúde pública, sobretudo, nas zonas populacionais sobrelotadas, onde era crescente a disseminação de doenças contagiosas. Assim, na década de 1830-40, surgiu o primeiro grande surto de Cólera em Londres, que facilmente se propagou para França e Alemanha.

Nesse sentido, médicos da altura procuraram formas de melhorar a sua prática e, para um melhor entendimento da origem das doenças, começaram a utilizar mapas e cartografias de doenças. Da mesma forma, "os arquitetos começaram a considerar a relação da sua disciplina à nova realidade"[57], como aconteceu com Friedrich Schinkel que, após uma viagem a Inglaterra, desenhou a cidade "perdida numa manta de fumo"[58].

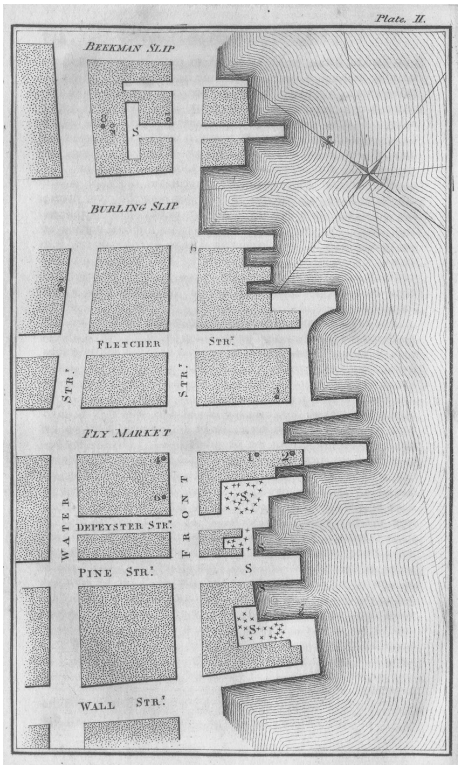
---

[57] GISSEN, David — "The Theory of Pollution for Architecture"in *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* pg. 117

[58] GISSEN, David — "The Theory of Pollution for Architecture"in *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* pg. 117

Ora, os mapas e cartografias de doenças eram uma resposta à necessidade de compreender a sua disseminação nas cidades. Através do método de mapeamento de Cólera, Febre Tifóide e outras doenças, começaram a ser descobertos padrões associados às condições precárias das habitações, mas também, fatores urbanísticos que evidenciavam a propagação.

Ao delinear uma doença no mapa, através da identificação de pessoas infetadas eram considerados vários tipos de informação pertinentes à perceção da epidemia em causa. Por exemplo, a informação acerca da localização espacial e as suas características — se é um beco, uma rua, junto a uma fonte de água — ou o tipo de condições e inter-relações sociais que se vivem no espaço representado — se é uma zona de trocas comerciais, ou pelo contrário, uma zona pouco movimentada — eram essenciais à compreensão da doença e da sua propagação. Um dos primeiros exemplos é um mapa de 1797, realizado por Valentine Seaman, que ilustra a identificação de pessoas infetadas com Febre Amarela, em áreas urbanas com "poças de putrefação"[59] devido à proximidade da "água estagnada e pútrida"[60], e seguramente pela falta de ventilação provocada pela forma do edificado envolvente.



28. *An inquiry into the cause of the prevalence of the Yellow Fever in New-York,*
Valentine Seaman, 1797.

Portanto, o uso de mapas para registar doenças era particularmente comum na ciência médica, uma vez que ainda não eram conhecidas as causas biológicas das mesmas, descoberta que será feita mais tarde, na década de 1850 através do trabalho de Pasteur[61]. No entanto, a representação parecia ser limitada à simples anotação dos casos epidemológicos, sem perceber outro tipo de determinantes de saúde a eles associados — o seu "uso permanecia limitado a fazer correlações visuais, em vez de analisar os possíveis fatores subjacentes como por exemplo, fatores sociais e económicos"[62].

Nesse sentido, em 1842 surgiu um interessante desenvolvimento das cartografias médicas, quando Edwin Chadwick desenhou o mapa *Sanitary Map of the Town of Leeds,* onde estão reunidos três tipos de informação gráfica: dados sobre casos individuais de infeção por Cólera, representada a pontos vermelhos, e doenças respiratórias com pontos de cor preta; dados sobre o grau de pobreza das habitações, representado-se os blocos habitacionais com três tons de preenchimento, em que o mais escuro representa alto grau de pobreza e o mais claro, baixo grau de pobreza; e representado a cor castanha está a área de espaço público insalubre, com carência em cuidados de higiene[63].

---

[59]VAUGHN, Laura — *Mapping Society: The Spatial Dimensions of Social Cartography*, pg. 25
[60] Ibidem.
[61] Ibidem, pg. 27
[62] Ibidem.
[63] Ibidem, pg. 55



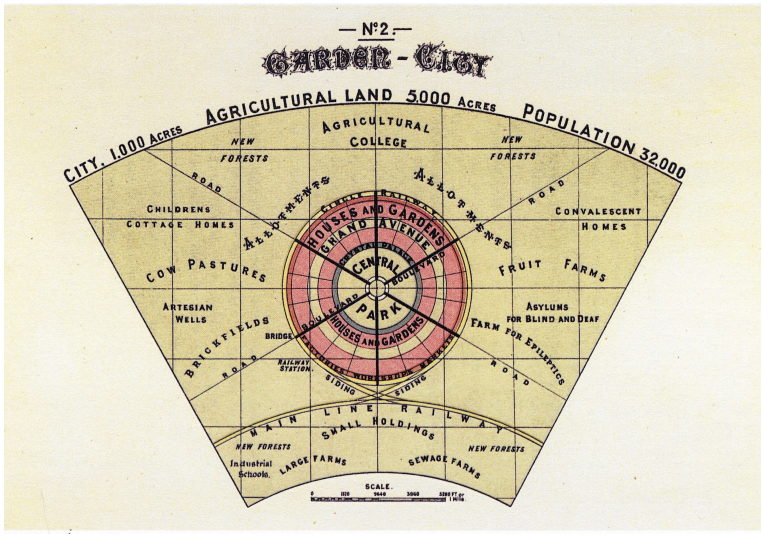
29. *Sanitary Map of the Town of Leeds,* Edwin Chadwick, 1842

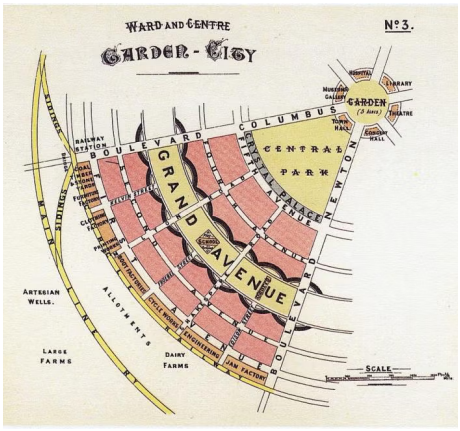
Ora, a partir da cartografia de Chadwick, torna-se evidente que a doença está intrinsecamente associada à falta de higiene do espaço público que, por sua vez, é proveniente do interior das casas — assunto que será pormenorizado mais à frente. De facto, as ruas assinaladas como insalubres estão junto das habitações de condições precárias, devido à sobrelotação de pessoas e famílias, relacionando diretamente a doença e pobreza.

Nesse sentido, as condições de habitação foram uma das preocupações mais evidentes na cartografia, cujas conclusões sublinharam a necessidade de melhorar a configuração das habitações da classe trabalhadora[64]. Por outro lado, a análise da configuração urbanística também evidenciou que "a combinação de quarteirões curtos com morfologia urbana complexa, definida por campos visuais estreitos desde as ruas principais até aos seus interstícios"[65] significava que, por um lado, existia pouca ventilação e circulação de ar, produzindo a estagnação de poeiras e bactérias; por outro lado, que os fluxos de movimento para a área eram restritos, e portanto, estes espaços eram menos cuidados pela população.

Assim, as conclusões mais evidentes retiradas do mapeamento de doenças realçaram a necessidade da urgência na pavimentação das ruas; um sistema de drenagem e saneamento eficaz, para um abastecimento populacional de água salubre; e a construção de cemitérios fora das cidades. De certa forma, a higiene pas-

[64] VAUGHN, Laura — *Mapping Society: The Spatial Dimensions of Social Cartography*, pg. 25
[65] Ibidem, pg. 34





30. 31. *Garden-City,* Ebenezer Howard, 1898; n.º1 e n.º2, respetivamente, escala da cidade e escala da sexta parte.

sou a ser o tema fundamental da transformação dos espaço urbano, e consequentemente, do espaço doméstico. Nesse sentido, a resposta para o problema da sobrelotação das habitações fez surgir o tema da 'suburbanização', que propunha o desenvolvimento habitacional na periferia das cidades, mantendo-se a comunicação ao centro por linhas de comboio[66]. Esta questão gerou um intenso debate crítico sobre formas da cidade e teorias urbanas, que resultou de uma grande diversidade de modelos urbanísticos.

O mais célebre modelo urbano de preocupação higienista foi o da "cidade-jardim", de Ebenezer Howard, publicado em 1898 no seu livro *Garden-Cities of Tomorrow.* Howard acreditava na possibilidade de descentralizar a indústria e a habitação, evitando a sobrelotação populacional e, consequentemente, evitando a visível degradação das condições de vida nas cidades. Assim, este modelo utópico procurava promover a saúde pública e a higiene urbana através de um equilíbrio entre a 'vida na cidade' e 'vida no campo', combinado os benefícios de ambas. Desta forma, seria possível viver num espaço que articula os benefícios do centro urbano — como por exemplo a oportunidade de emprego, salários dignos e vida social ativa — num contexto de campo salubre, em harmonia com a natureza, onde é possível "elevar o nível de saúde e do bem-estar a todos os verdadeiros trabalhadores, qualquer que seja a sua posição"[67].

A morfologia do modelo de cidade-jardim de Howard estava minuciosamente definida. De forma circular, com raio de aproximadamente um quilómetro e com área de 400 hectares, o modelo era constituído, primeiramente, por um jardim central, como o coração natural da cidade, onde se localizavam os serviços públicos e onde se cruzavam seis *boulervards,* que dividam o espaço em seis

[66] VAUGHN, Laura — *Mapping Society: The Spatial Dimensions of Social Cartography*, pg. 45

[67] CHOAY, Françoise — *O Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, (5ª edição), pg. 222

partes. O anel seguinte era constituído pelo 'Palácio de Cristal', espaço recreativo e de entretenimento local, e exterior a esse anel, seguiam-se os lotes habitacionais que, por sua vez, estavam intercalados por uma grande avenida de 125 metros de largura, ladeada por corredores verdes, onde se localizavam as escolas. Finalmente, no anel exterior da cidade-jardim, que marcava o limite periférico, encontravam-se as novas instalações industriais — lojas, mercados, depósitos de carvão e de madeira, e outro tipo de manufacturas — procurando manter a "fumaça, esse elemento nocivo"[68] dentro de um limite estreito. Após a delimitação exterior, o espaço era livremente deixado em campos vastos, permitindo a agricultura suburbana e produção de gado.

Embora se considerasse uma visão utópica no planeamento do território, este modelo foi concretizado nas zonas de Letchworth e Welwyn, no Reino Unido, nas primeiras décadas do século XX, pelos arquitetos Parker e Louis de Soissons, respetivamente[69]. De certa forma, o modelo de cidade-jardim impulsionou muitos arquitetos, urbanistas e paisagistas ao longo dos dois séculos seguintes na procura de soluções que promovam a saúde dos habitantes.

Assim, a "higiene torna-se o tema fundamental que conduz a transformação do espaço urbano e doméstico"[70]. Os planos urbanos passam a ser assentes em "novos sistemas de mobilidade e a abertura de grandes avenidas e no combate à poluição baseados em sistemas de drenagem, no alinhamento de árvores, e sobretudo, na inclusão de parques verdes nas cidades"[71]. Como exemplo surgem, quase em simultâneo, o plano urbanístico conduzido por Eugène Hausmann para Paris, em 1853, caracterizado pela criação de amplas avenidas arborizadas e a instalação de sistemas de esgotos; o plano de Ildefons Cerdá para Barcelona, em 1859, definido pelo desenho urbano em quarteirões abertos para melhorar a ventilação e iluminação natural no espaço público, bem como pela implementação de parques urbanos; e ainda, o plano urbanístico e paisagístico de Frederick Olmstead, para a criação do *Central Park*, no final do século XIX, em Nova Iorque.

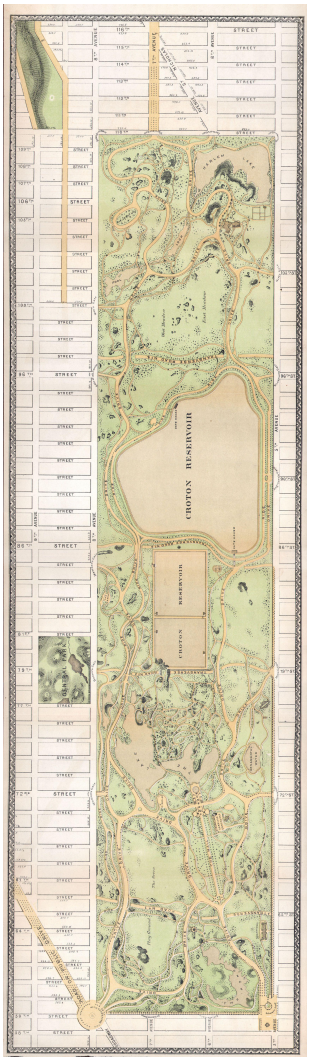
Ainda que muitas destas transformações urbanas tenham tido um grande impacto do ponto de vista social, principalmente pela mobilização de grandes comunidades como reflexo da demolição das respetivas habitações, o novo planeamento das cidades veio confirmar a importância da harmonia entre a cidade ventilada por grandes avenidas e espaços verdes, partindo da premissa que

---

[68] CHOAY, Françoise — *O Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, (5ª edição), pg. 225
[69] Ibidem.
[70] TOSTÕES, Ana; ARNAUT, Daniela; PROVIDÊNCIA, Paulo — *Curar e Cuidar: Arquitetura da Saúde em Portugal,* pg. 9
[71] Ibidem.

Ebenezer Howard defendia. Ora, o "corpo doente da cidade do século XIX foi objeto de transplantes cirúrgicos, com a criação de pulmões verdes"[72] — parques municipais destinados a desempenhar um papel purificador, higiénico e educativo.

Daqui, é possível considerar dois tipos de verde urbano — o higiénista, representado pelos parques e jardins, e o ornamental, constituído por enfiamentos arborizados. Particularmente, o *Central Park,* funcionou não só como ação higienista, a partir da "mancha de 341 hectares aberta para a densa quadrícula de construção"[73], mas sobretudo, "como ferramenta terapêutica inovadora na preservação da saúde mental dos cidadãos"[74]. A visão de Olmstead era sanitária, mas também social — ou seja, para além de existir uma preocupação em criar um espaço verde capaz de regenerar o ambiente urbano, baseado na poluição, excesso de *stress* e de ruído constante, existia também um esforço em procurar o bem-estar dos habitantes da grande metrópole, na procura pelo silêncio, sentido de calma e ar purificado. Ainda hoje, podemos encontrar este tipo de atmosfera nos parques urbanos, onde "a presença do verde parece ser o antídoto para os problemas causados pelo estilo de vida urbano, cada vez mais considerado 'antinatural' e, portanto, prejudicial"[75].



32. Desenho para o *Central Park,* Frederick Olmstead, Nova Iorque, 1869

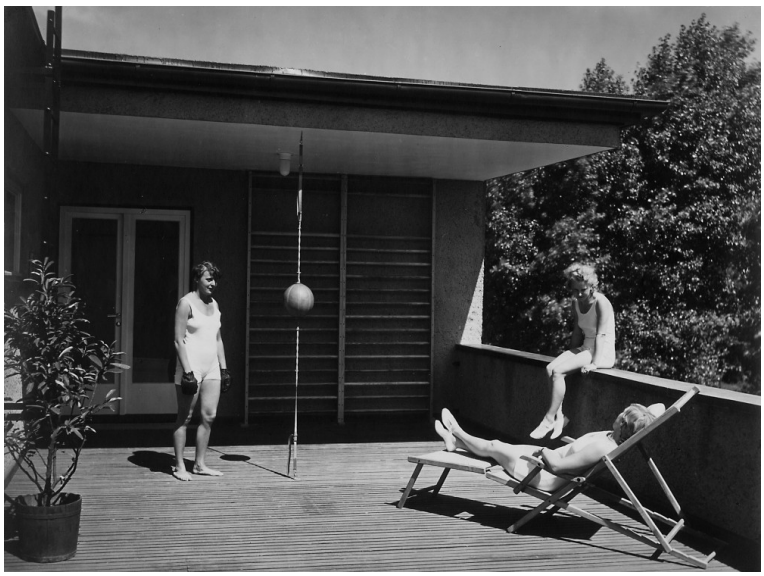
Portanto, a partir das considerações retiradas das cartografias de doenças da segunda metade do século XIX, os modelos urbanísticos planeados foram fundamentais no pensamento sanitário das cidades. De facto, a procura de respostas aos problemas industriais fez aumentar uma crescente consciencialização sobre a relação entre o ambiente construído e a saúde, destacando-se a importância de planear cidades e espaços urbanos que promovam o bem-estar dos cidadãos.

Estes esforços continuam a moldar o desenvolvimento urbano e a busca por uma coexistência entre a saúde dos habitantes e as cidades em constante evolução. Hoje em dia, a reformulação da higiene nas cidades passa por retirar conclusões e ensinamentos das experiências higienistas do século XIX. Por exemplo, a partir do alargamento das avenidas, promover uma rede viária com diferentes tipos de mobilidade, para o aumento dos passeios pedonais e ciclovias para o uso da bicicleta. Por sua vez, a utilização dos jardins e parques urbanos para impulsionar atividades desportivas e comunitárias entre os vários habitantes.

---

[72] BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko (ed.) — "Demedicalize Architecture" in *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* pg. 17
[73] TOSTÕES, Ana; ARNAUT, Daniela; PROVIDÊNCIA, Paulo — *Curar e Cuidar: Arquitetura da Saúde em Portugal,* pg. 17
[74] Ibidem.
[75] BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko (ed.) — "Demedicalize Architecture" in *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* pg. 18

2.2
Arquitetura e Saúde Individual
Tuberculose
Corpo Saudável e Arquitetura Moderna



33. Casa de Theo Effenberger, na exposição de habitação *Werkbund,* Breslau, 1929

Da cartografia de Edwin Chadwick de 1842, apresentada anteriormente, retira-se uma importante conclusão: a higiene do espaço da rua é inseparável da higiene do espaço doméstico e, por sua vez, inseparável da higiene pessoal do indivíduo. O primeiro influencia o segundo e, consequentemente o terceiro, numa cadeia de transmissão direta. No mesmo ano da realização da cartografia *Sanitary Map of the Town of Leeds,* Chadwick comanda uma inovadora reforma sanitária que promove a limpeza do interior das habitações, sobretudo as da classe trabalhadora. Aqui, os arquitetos foram os principais agentes de transformação, imediatamente mobilizados para a prevenção de doenças através do desenho de "edifícios indutores de saúde"[76].



34. *Lodgers in Bayard Street Tenement, Five Cents a Spot,* Jacob August Riis, Nova Iorque, 1889

Nessa altura, as deficientes condições de vida geradas pela má alimentação e pela ausência de higiene doméstica tinham origem no problema da habitação. A sobrelotação das habitações era também um problema, pois, num mesmo espaço, chegavam a viver cinco a seis famílias[77]. Para além disso, os espaços interiores eram precários, sem ventilação nem iluminação natural, intensificando a propagação de doenças, principalmente, a tuberculose, principal ameaça na época.

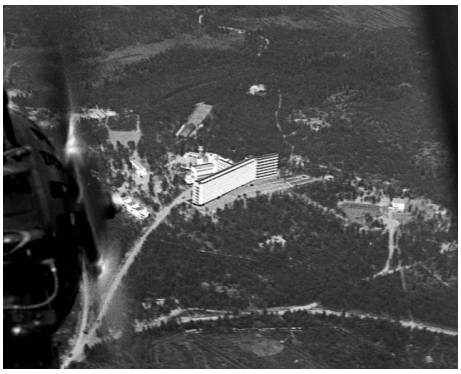
A descoberta do bacilo da tuberculose em 1882, pelo microbiologista Robert Koch, evidenciou de forma científica a relação existente entre a bactéria e a doença, e clarificou muitas questões em torno da saúde dentro do espaço da casa. No entanto, esta nova consciencialização da presença de bactérias reforçou ainda mais a necessidade de projetar a casa de forma a prevenir a acumulação de microrganismos — "a arquitetura tornou-se bacteriana"[78].

---

[76] COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark — "The Bacterial Clients of Modern Architecture" in *Docomomo: Cure and Care.* Barcelona: Docomomo Internacional, 2020, pg. 12
[77] VAUGHN, Laura — *Mapping Society: The Spatial Dimensions of Social Cartography*, pg. 25
[78] COLOMINA, Beatriz — *X-Ray Architecture,* pg. 73

Ora, a tuberculose teve um enorme impacto na sociedade do início do século XX. Colaborações entre arquitetos e médicos tornaram-se comuns no desenho de espaços de tratamento e cura da doença — os sanatórios. Este tipo de edifício assinala o início da experimentação da Arquitetura Moderna, representada pela "nova ordem invisível com imagens claras e transparentes, vistas como limpas, claras e saudáveis, numa espécie de higiene visual"[79].

Em contraste com o panorama do edificado do século anterior, o desenho de um sanatório refletia o que se considerava ser o melhor para o tratamento — e senão a cura — da tuberculose: luz solar e ventilação natural. Nesse sentido, os sanatórios construídos no início do século XX eram predominantemente compostos por profundas galerias, permitindo o maior contacto possível com o exterior e contacto com sol, mas também, grandes vãos envidraçados que permitiam iluminação natural do espaço interior. Beatriz Colomina assemelha esta transparência entre o interior e o exterior dos espaços dos sanatórios à leitura de um corpo através do raio-X — "os edifícios modernos até começaram a parecer imagens médicas, com paredes de vidro transparentes revelando os segredos internos das estruturas"[80]. Mais tarde, é possível associar estes novos materiais e técnicas de construção ao movimento moderno. Ou seja, de certa forma, "o sanatório modernizou a arquitetura"[81].



35. Vista aérea do Sanatório, Paimio, 1930



36. Pacientes no terraço do Sanatório, Paimio, 1930

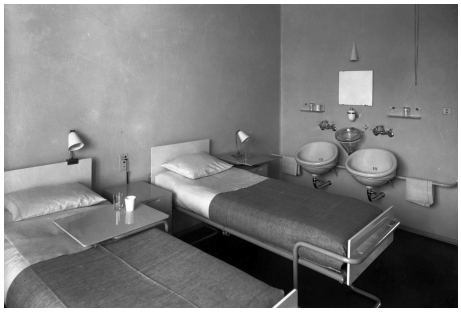
Geralmente, os edifícios de sanatórios eram afastados das cidades, assemelhando-se a ilhas, isolados em zonas montanhosas, florestas ou junto à costa marítima, por se considerarem ser zonas onde o ar era mais puro e onde a tranquilidade permitia uma melhor recuperação dos doentes. Esta sensação de flutuar fora do seu habitat urbano normal desafiou a definição de arquitetura em função da saúde — "é como se a própria arquitetura tomasse a cura"[82]. De forma exemplar surge o sanatório em Paimio, na Finlândia, desenhado por Aino e Alvar Aalto, em 1929. Para os arquitetos, o sanatório tinha o propósito de "funcionar como um instrumento médico"[83], sendo o próprio edifício "um corpo saudável que abriga corpos doentes"[84].

Deste modo, este projeto representa exatamente o que a arquitetura 'anti-bacteriana' defendia. A luz solar, fundamental ao tratamento e cura, penetrava todo o edifício pelas grandes janelas, mas também, nas galerias e profundos terraços que caracterizavam a forma do edifício. Os quartos, que alojavam dois pacientes, eram simples e sem ornamentos, para minimizar superfícies onde a poeira pudesse acumular. As esquinas de encontro entre parede, chão e

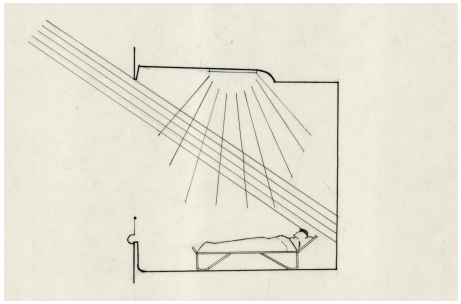
[79] COLOMINA, Beatriz — *X-Ray Architecture,* pg. 73
[80] Ibidem, pg. 16
[81] Ibidem, pg. 74
[82] Ibidem.
[83] Ibidem, pg. 65
[84] Ibidem, pg. 63



37. Candeeiro de parede e teto azul, Marek Ševčík, 2022



38. Quarto dos pacientes, Gustaf Welin, 1933



39. Diagrama dos raios de sol e raios de aquecimento no quarto dos pacientes, Alvar Aalto, 1929

teto eram arredondadas e as paredes interiores eram de cor branca, característica de limpeza e higiene, pontuadas pelos "calmantes e tranquilos"[85] tons de azul no teto.

De facto, neste projeto, o teto adquire a máxima importância, pensado como "um novo alçado"[86]. Uma vez que os seus principais utilizadores são pessoas acamadas, todo o edifício do sanatório foi desenhado do ponto de vista da pessoa na posição horizontal — contrariamente à maior parte dos projetos, em que o utilizador se encontra na vertical.

Assim o desenho do quarto foi pensado tendo em conta vários fatores. A iluminação artificial não podia estar em candeeiros de teto comuns, mas sim na parede, de forma a não ferir os olhos dos pacientes. Para o sistema de aquecimento do quarto, eram usados radiadores de teto de forma que o calor incidisse diretamente nos pés do paciente. O vão das janelas teve de ser calculado pela perspetiva da cama, bem como os parapeitos das varandas exteriores, permitindo ao doente observar a vista, sem esforço. Os móveis e instalações sanitárias foram igualmente desenhadas pelos arquitetos, incluindo cadeiras com encosto inclinado para facilitar a respiração e pias desenhadas especialmente para reduzir o ruído da água.[87]

Os fatores psicológicos da doença têm uma enorme importância na recuperação — como defende Susan Sontag na sua publicação *Ilness as a Metaphor.* Por isso, a atitude dos arquitetos no desenho do sanatório em Paimio era a de criar conforto, uma vez que "um longo período de confinamento pode ser extremamente deprimente para um paciente acamado"[88]. Ora, viver num sanatório durante muito tempo faz dele uma casa — "o sanatório teve que ser pensado como um novo tipo de casa. E ao contrário, a casa genérica precisava ser um sanatório"[89].

De certa forma, o sanatório torna-se modelo para o desenho de outros edifícios, onde o "paciente de tuberculose é principal cliente da arquitetura moderna"[90]. Por outras palavras, a doença deixou de ser vista como uma excepção, mas sim como um princípio comum, ao qual arquitetura quotidiana procurava ter capacidade de promover a saúde dos habitantes. Baseados nesta premissa, os arquitectos do período moderno propuseram uma mudança no paradigma habitacional, através das preocupações medicinais dentro do espaço da casa.

---

[85] COLOMINA, Beatriz — *X-Ray Architecture,* pg. 67
[86] Ibidem
[87] AALTO, Alvar — "The Humanizing of Architecture", *The Technology Review*, November 1940, pg.102-107
[88] COLOMINA, Beatriz — *X-Ray Architecture,* pg. 69
[89] Ibidem.
[90] Ibidem, pg. 74

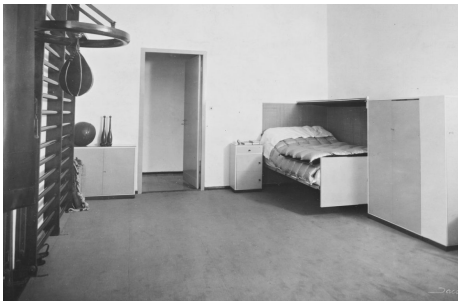
Le Corbusier foi um grande impulsionador desta mudança na arquitetura da segunda metade do século XX. Ele acreditava na ideia de que a "a casa é antes de tudo uma máquina de saúde, uma forma de terapia"[91]. De facto, a sistematização dos cinco fundamentos da Arquitetura Moderna, lançados em 1923 na publicação *Vers une architecture,* são baseados em questões sanitárias. A utilização de *pilotis* surge pela necessidade de desconectar a casa do "solo frio e húmido, onde as doenças se reproduzem"[92]. Por sua vez, a cobertura plana utilizável manifesta ser um espaço possível para a realização de exercício físico e usufruto do sol.

No seu filme *L'architecture d'aujourd'hui,* de 1929, em colaboração com o realizador Pierre Chenal, Le Corbusier percorre várias das suas obras, enfatizando o importante valor do sol e da prática de exercício nos terraços exteriores. Tal como nos sanatórios, a incorporação da ideia de cura e prevenção das doenças no espaço da casa era fundamental — "não há linha entre a arquitetura doméstica e a medicina"[93].



40. *Frames* do filme *L'architecture d'aujourd'hui,* 1929

Ora, a preocupação e cuidado com o corpo torna-se uma prática comum no habitante do século XX. A casa moderna, para além de ser vista como um equipamento médico, era também "um mecanismo de cuidado do corpo, como um equipamento de exercício destinado a melhorá-lo, a produzir um corpo forte e saudável". O conceito de saúde física, promovida pelas habitações modernas, era também a base da saúde mental e o equilíbrio de todas as atividades quotidianas. Então, daqui nascem duas figuras base para o planeamento de um espaço doméstico — "o frágil doente de tuberculose que busca a cura e a figura atlética que busca a prevenção das doenças da modernidade."[94]



41. Quarto para Piscator, Marcel Breuer, Berlim, 1927

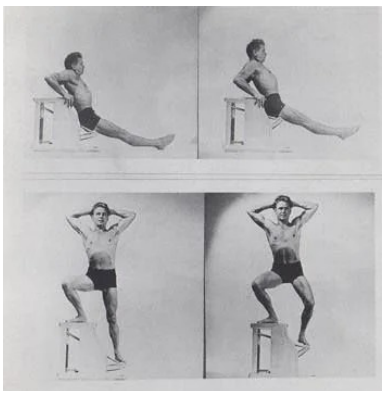
Assim, as novas habitações modernas, sobretudo as mais influentes elaboradas para as Exposições de Arquitetura Moderna, tinham já incorporado um espaço de equipamento de ginásio dentro do espaço doméstico. Como por exemplo, o quarto desenhado por Marcel Breuer, em Berlim, 1927, onde no mesmo espaço de dormir se encontram equipamentos para a prática de exercício físico. Também nas *Immeubles Villas* de Le Corbusier, pensadas em 1922, cada apartamento tinha uma zona desportiva "onde os instrutores de ginástica orientariam os pais e também os filhos"[95].



42. Desenho do interior de uma habitação da *Immeuble Villa*, Le Corbusier, 1928.

Na mesma altura, Joseph Pilates era já um verdadeiro motivador do exercício físico através de técnicas e métodos que ele próprio inventou, adequados a diferentes tipos de corpos. Em 1945, desenvolve a *Wunda Chair*, um cadeira portátil e fácil de instalar

[91] COLOMINA, Beatriz — *X-Ray Architecture,* pg. 20
[92] Ibidem.
[93] Ibidem, pg. 22
[94] Ibidem, pg. 108
[95] Ibidem, pg. 20



43. *Wunda Chair*, Joseph Pilates, 1945

no espaço doméstico, que tanto funcionava como uma peça para sentar e relaxar, como para praticar exercício. Esta cadeira multifuncional podia ser "orientada em diferentes lados para corresponder a vários exercícios e era leve e portátil o suficiente para ser transportado para fora para exercícios ao ar livre."[96]

O cuidado com o corpo passou de ser uma preocupação com a saúde física para uma preocupação estética, que se tornou uma tendência na população de classe média americana. Este movimento de 'culto do corpo' surgiu em Los Angeles com Philip Lovell, um naturopata, "guru da saúde"[97] e cronista do jornal local *Los Angeles Times.* Lovell acreditava num estilo de vida que tinha como ideal o retorno à natureza e incluía, não só a prática de exercício físico, mas também uma dieta vegetariana, jardinagem, dormidas ao relento, 'banhos de sol' e nudismo, e a negação ao álcool e tabaco.



44. Richard Neutra, atrás a *Health House* de Philip Lovell, Los Angeles, 1929

Assim, em 1930, Lovell consultou Richard Neutra para que lhe desenhasse a sua casa e que, por sua vez, fosse uma demonstração destes princípios de vida. Assim foi construída a *Health House,* que integrava varandas para dormir em todos os quartos e janelas de grandes dimensões, para a luz solar se difundir no espaço interior, e por sua vez, permitir a prática de nudismo em toda a casa[98]. Influenciado pelas teorias de homeopáticas de Lovell, Richard Neutra acreditava também que a arquitetura poderia promover a saúde dos habitantes sem "os usos excessivos de ornamentação"[99]. Tal como Neutra, Le Corbusier acreditava que a "simplificação das superfícies ornamentadas reduz o *stress* sobre os nervos, produzindo uma decoração 'saudável' através de uma higienização estética do campo visual"[100]. Para o arquiteto, a pintura branca das paredes, característica da arquitetura moderna, para além de higiénica, era um estímulo calmante para o habitante.

O discurso arquitetónico em torno da promoção da saúde física e mental dos habitantes provou ser um momento transitório, desde o pensamento projetual de uma obra até à construção do edifício. No período moderno, esta relação entre Arquitetura e Medicina refletiu o habitante como paciente o arquiteto como o possível médico, evidenciando que a forma como é pensada a Arquitetura, de facto, pode ser um importante contributo para um melhor bem-estar e saúde de quem a vive.

---

96 BRIGGS, Ibiayi — "Body Culture and Contrology" in *Sick Architecture, E-flux magazine*. Junho 2022. (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/470301/body-culture-and-contrology)

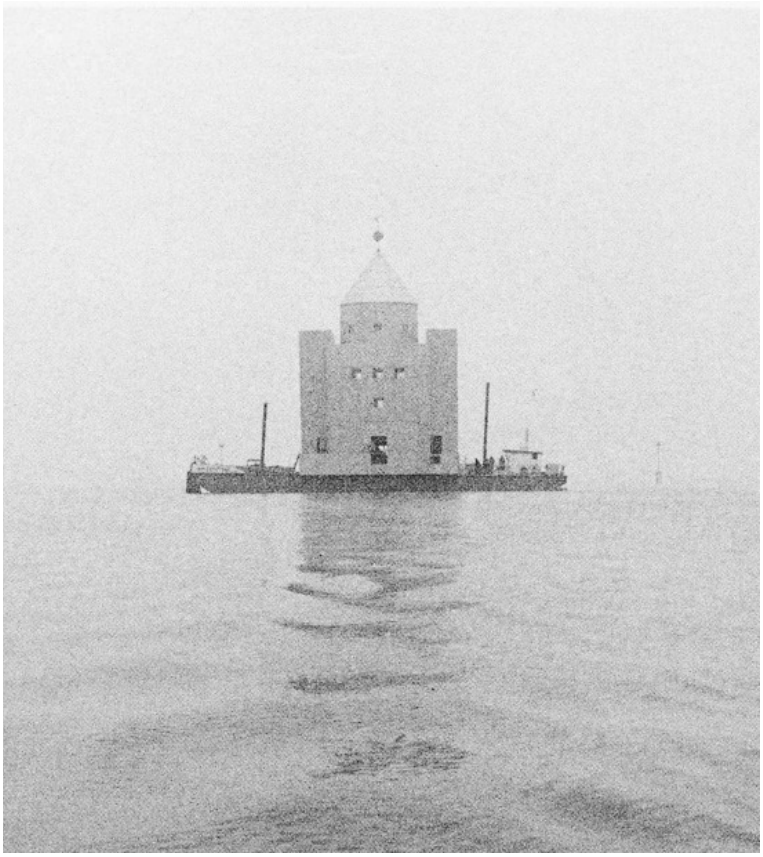
97 SCHRANK, Sarah — "Sunbathing in Suburbia: Health, Fashion and the Built Environment" in BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko (ed.) — Imperfect Health: The Medicalization of Architecture, pg. 365

98 Ibidem.

99 Ibidem.

100 COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark — "The Bacterial Clients of Modern Architecture" in *Docomomo: Cure and Care.* Barcelona: Docomomo Internacional, 2020, pg. 12

3.
Habitar durante a pandemia COVID-19



45. *Il Teatro del Mondo,* Aldo Rossi, 1980

Após exposição dos temas falados anteriormente, nomeadamente, a Arquitetura como papel fundamental na promoção de estratégias de proteção contra o contágio de um agente patogénico e, mais tarde, a arquitetura como forma de promover saúde física e mental no habitante, nasce o capítulo que analisa a experiência da arquitetura durante a pandemia COVID-19. De facto, durante os meses de março, abril e maio de 2020, grande parte da população permaneceu em casa — a arquitetura foi a primeira 'vacina' contra o vírus. As casas "tornaram-se na primeira bolha de prevenção ao contágio ao vírus da pandemia COVID-19, onde se adaptou o espaço doméstico, privado e familiar à condição de um local de isolamento e quarentena"[101]. Portanto, torna-se evidente que, à luz de uma pandemia no mundo globalizado, as medidas do período medieval continuaram a ser as mais utilizadas, levando à "redescoberta do lar como um lugar central na vida das pessoas, uma estrutura crucial para enfrentar uma crise"[102]

Até ao momento, foram os arquitetos a encontrar a vacina — pelo menos a do confinamento, que é a casa. Portanto, talvez possamos perceber que o desenho do espaço, o desenho da casa, do lugar onde habitamos - dos lugares que vivemos - é mais importante ainda do que aquilo que imaginávamos.

Ana Tostões,
29.04.[2020], pg. 633

Mas nem todos puderam ficar em casa. De facto, no momento transitório em que tudo aconteceu, quando se fecharam fronteiras, muitas pessoas encontravam-se fora das suas rotinas habituais. Por exemplo, pessoas que viajavam num país estrangeiro, tanto em trabalho como em lazer, que tiveram de permanecer em abrigos temporários, por tempo indefinido. Ainda a título de exemplo, também muitos estudantes universitários, que viviam em residências ou em quartos arrendados, tiveram de permanecer nesses espaços sem puderem regressar às suas casas de família, quer partilhassem habitação com pessoas conhecidas ou não. Todas as pessoas nestas situações, e em muitas outras indescritíveis, tiveram de adaptar o espaço em que se encontravam, preparando-se para viver em isolamento, durante aproximadamente três meses.

A questão da saúde está intimamente ligada ao direito à casa, porque neste sistema, neste estado de emergência, de confinamento, a casa acaba por ser tão importante como o hospital. É uma forma de se interromperem cadeias de transmissão.

Patrícia Barbas,
05.04.[2020], pg. 263

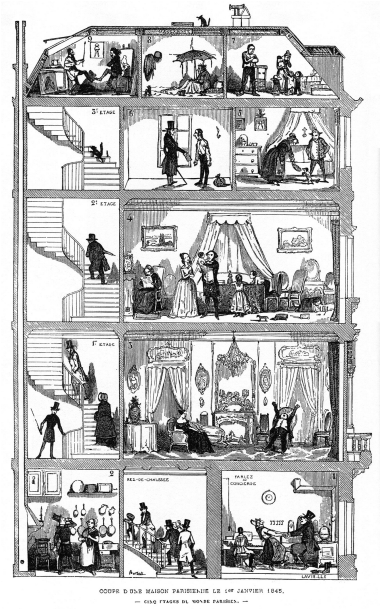
Embora se tenha em consideração que existem realidades sociais muito complexas associadas ao isolamento em casa, este capítulo cresce a partir da hipótese de que foi possível, para todos, habitar a casa durante o período de confinamento domiciliário. Partindo deste pressuposto, a casa enquanto abrigo contra o contágio do vírus da COVID-19 tornou-se no epicentro do quotidiano da sociedade. Todas as atividades que se realizavam no exterior público, movimentaram-se para o interior privado do espaço doméstico. As nossas habitações, de repente, tornaram-se centrais em "confinamentos profiláticos para isolamento social, em prol da saúde pública, seja como palco de tele-trabalho e tele-escola, ou ainda, no tratamento individual e isolamento das infeções.[103]

---

[101] MOREIRA, Inês; MELÂNEO, Paula; PINTO, Helena - "Espaços de Emergência Pandémica" in *Jornal Arquitetos*, nº 261, 7 Julho 2022, pg. 16

[102] ALCOCER, Atxu Amann; MARTELLA, Flavio — "Public house: the city folds into the space of home", *The Architectural Review,* nº1472, 4 Junho 2020 (https://www.architectural-review.com/essays/public-house-the-city-folds-into-the-space-of-the-home)

[103] MOREIRA, Inês; MELÂNEO, Paula; PINTO, Helena - "Espaços de Emergência Pandémica" in *Jornal Arquitetos*, nº 261, 7 Julho 2022, pg. 16.



46. *Les cinq étages du monde parisien*, Desenho de Bertall, gravado por Laville, gravura publicada em Le Diable à Paris, 1845.

No discurso arquitetónico, a casa diverge em várias circunstâncias. No contexto de confinamento devido à pandemia de COVID-19, habitar uma vivenda ou moradia foi diferente de habitar um apartamento. A habitação unifamiliar, ou moradia, permite que a prática de isolamento e quarentena sejam feitos, à partida, sem grandes dificuldades, por se inserir num terreno próprio e privado. Por outro lado, a habitação plurifamiliar, em formato de bloco habitacional constituído por vários apartamentos, adquire um carácter mais desafiante pelo simples facto de necessitar de espaços comuns para o acesso a cada espaço privado individual. Estes lugares de partilha, onde antes se sentia a atmosfera comunitária, tornaram-se espaços de estranheza, medo e desconfiança entre as pessoas e, simultaneamente, espaços ambíguos que produziram realidades inesperadas.

As características de cada casa durante este período de tempo também determinaram a qualidade de vida dos seus habitantes. "Varandas, terraços, pátios e outras zonas exteriores simples, tornaram-se novos indicadores sócio-económicos e de qualidade de vida, durante o confinamento, surgindo como fatores de valorização do espaço doméstico e do desenho arquitetónico"[104], permitindo aos moradores aceder ao exterior sem sair de casa. A habitação unifamiliar, por exemplo, permite muitas vezes a existência de um jardim ou um terraço dentro do perímetro privado; já as habitações plurifamiliares, pelo seu carácter comum, na melhor das hipóteses permitem a existência de uma varanda.

Pela complexidade acrescida de dinâmicas e de factores envolvidos na esfera do habitar, a estudo concentra a análise de exemplos de habitação plurifamiliar, ou seja, em formato de apartamento. Partindo do princípio que os blocos habitacionais estão localizados nos centros urbanos, a habitação plurifamiliar adquire uma maior concentração de população e, consequentemente, mais espaços e atmosferas de partilha. Segundo Georges Teyssot, a "arquitetura do quotidiano descreve-se a partir de um corte de um edifício de habitação plurifamiliar"[105], onde, no mesmo edifício, se encontram diferentes tipos de quotidianos e apropriações.

> As pessoas não habitam os mesmos espaços. Há pessoas que fazem uma quarentena num T0 de trinta ou quarenta metros quadrados, o que não é a mesma coisa que passá-la numa casa com espaços exteriores. Há todo um tecido de heterogeneidade na forma como a sociedade é construída que vem ao de cima perante uma crise deste género.
>
> Pedro Bragança, 12.04.[2020], pg. 370

Partindo da ideia geral da habitação plurifamiliar, é considerado uma outra característica que determinou uma grande diferença no habitar durante a pandemia: a dimensão e as áreas de cada espaço. Efetivamente, foi muito diferente viver num apartamento com as áreas mínimas impostas, e um apartamento com áreas mais generosas. A falta de espaço é um dos defeitos mais evidentes em muitos apartamentos, sobretudo nas construções mais recentes, e o aumento do número de apartamentos com áreas mínimas é uma das queixas mais manifestadas por parte dos moradores. Um dos

[104] Ibidem.
[105] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* p. 153

problemas mais gritantes demonstrados nas estatísticas habitacionais nacionais é o aumento da população que vive em alojamentos com falta de espaço[106].

Portanto, tendo em contra que existiram uma série de factores e determinantes para a qualidade de vida do habitar durante a pandemia, este capítulo tentará percorrer cada um deles, comparando com exemplos arquitetónicos que lhes são correspondentes. Será feita uma leitura que coloca em paralelo o todo e a parte, respetivamente, a casa e as divisões que a constituem — *hall* de entrada interior e exterior da casa, sala de estar, sala de jantar, cozinha, quarto, casa de banho, e ainda, a varanda. Ao singular cada peça, em diferentes situações, procura entender-se as circunstâncias do habitar de cada espaço, onde podemos encontrar algumas conclusões acerca do desenho de cada um e o impacto na utilização do mesmo.

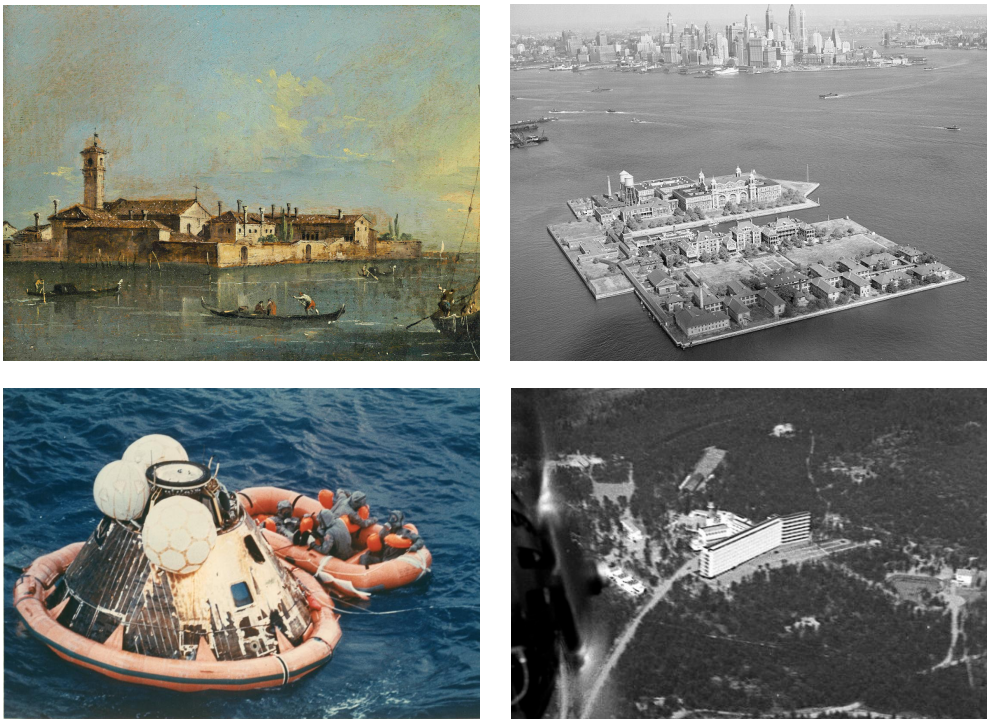
Ora, comecemos por pensar a casa como um todo — de certa forma é possível comparar a ideia de **ilha** com as habitações durante a pandemia, onde espaço público ficou vazio e silencioso. Este paralelo entre a casa e a ilha remete-nos imediatamente para os exemplos anteriormente falados, o *Lazzareto Vecchio* e a *Ellis Island,* ilhas construídas para isolar as pessoas infetadas e colocar em quarentena as pessoas potencialmente infetadas, e ainda a *Mobile Quarantine Facility,* uma peça isolada, dentro do espaço construído do Laboratório de Receção Lunar. Efetivamente, durante os primeiros meses de pandemia pela COVID-19, dentro de cada casa — ou de cada *isola* — algumas pessoas encontravam-se num processo de isolamento por estarem infetadas, mas também pessoas em processo de cura. Assim, é igualmente evidenciado um paralelo com o espaço do sanatório, relembrando o exemplo do Sanatório em Paimio, mencionado anteriormente.

Assim, a casa adquiriu duas finalidades: a de ser um espaço de isolamento e quarentena e, simultaneamente, um espaço quepudesse promover o bem-estar, saúde física e mental dos habitantes. Através do confinamento, re-descobrimos a nossas casas a partir de uma nova perspectiva, que nunca pensámos viver. A casa como um todo, como ilha, funcionou igualmente como uma "caixa de ressonância emotiva potentíssima"[107] onde a "permanência fixa, forçada, num único espaço, trabalhou dentro de nós, trazendo à superfície exigências inauditas, metamorfoses em curso que teriam tido outros tempos de maturação e outras consequências, levantando uma procura no sentido último das coisas e de verdades que provavelmente, antes, não teríamos tido vontade de abordar."[108]

> Atualmente, estamos a sentir na pele que a imposição de áreas mínimas tem impacto. Estamos a reaprender a importância […] da qualidade do espaço da casa e não apenas da necessidade de haver algum espaço dentro dela para as pessoas co-habitarem e/ou se isolarem.
>
> Tiago Mota Saraiva, 27.03.[2020], p.110

---

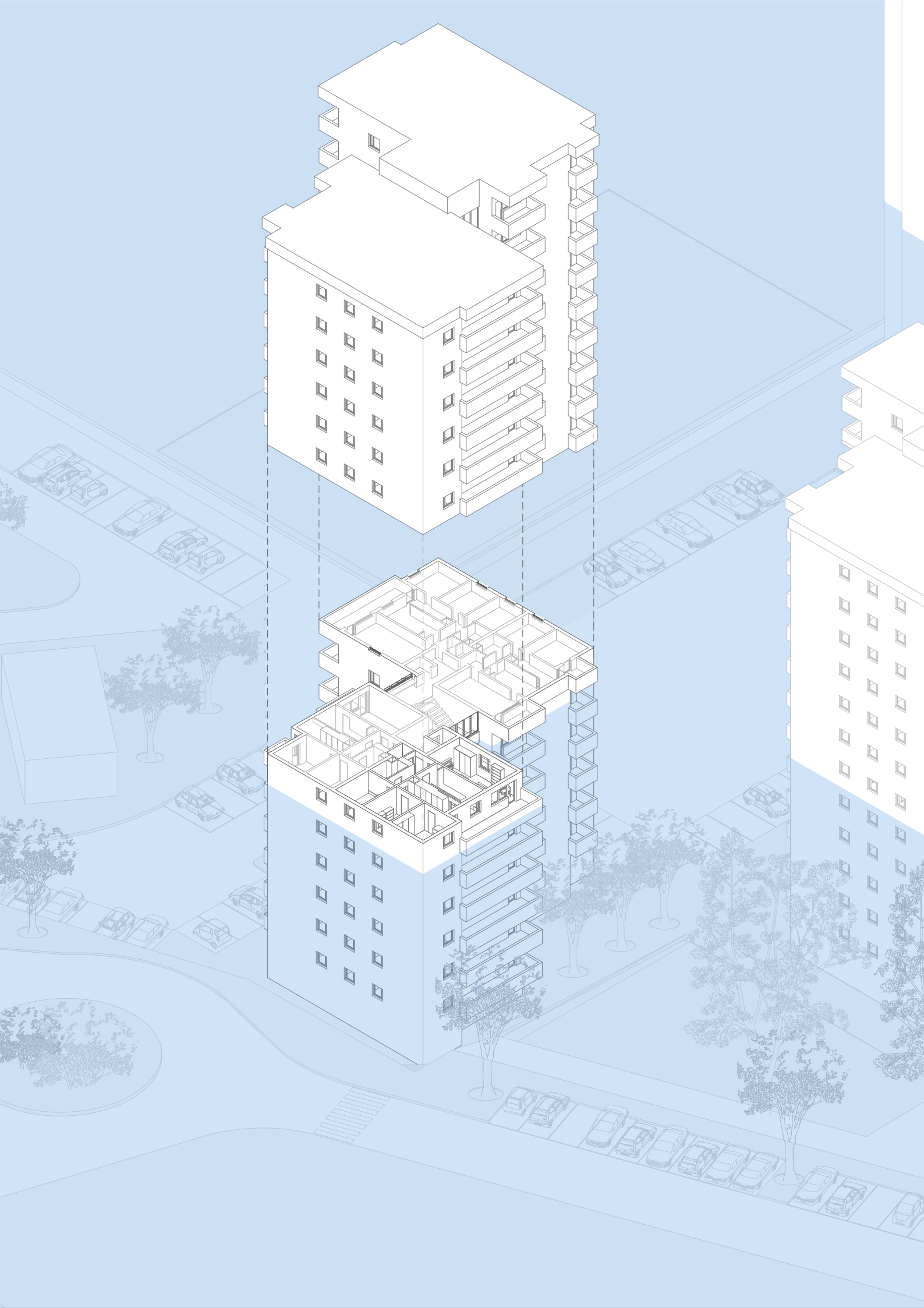
[106] Instituto Nacional de Estatística (INE) — Rendimento e Condições de Vida, Privação habitacional - 2021.
[107] MOLINARI, Luca — "Habitar em Transformação" in *Dwelling in Transition*, pg. 46
[108] MOLINARI, Luca — "Habitar em Transformação" in *Dwelling in Transition*, pg. 46



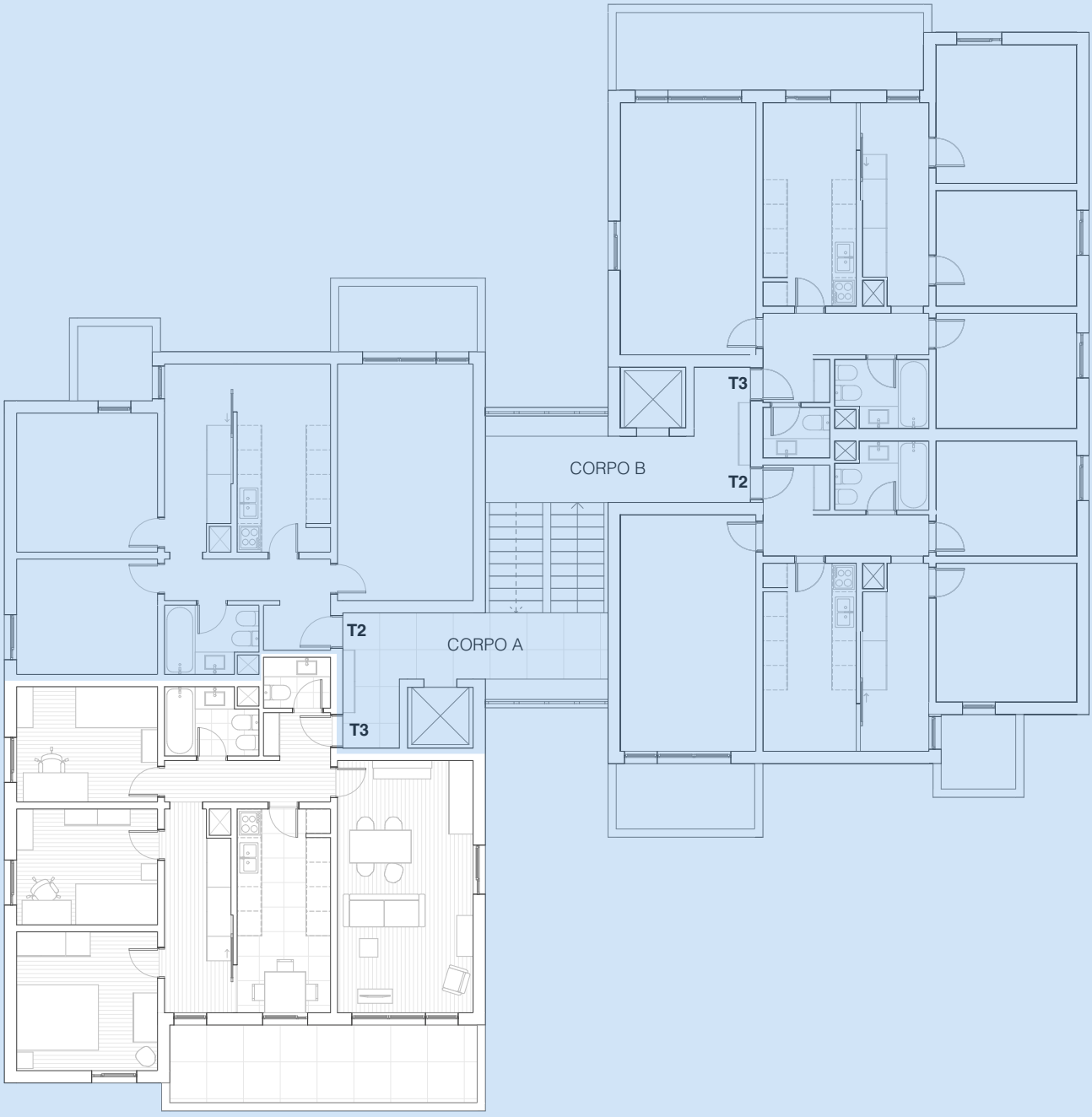
47. Montagem comparativa dos quatro casos de estudo anteriormente estudados, enfatizado o carácter de *ilha.*










T3
CORPO B
T2
T2
CORPO A
T3

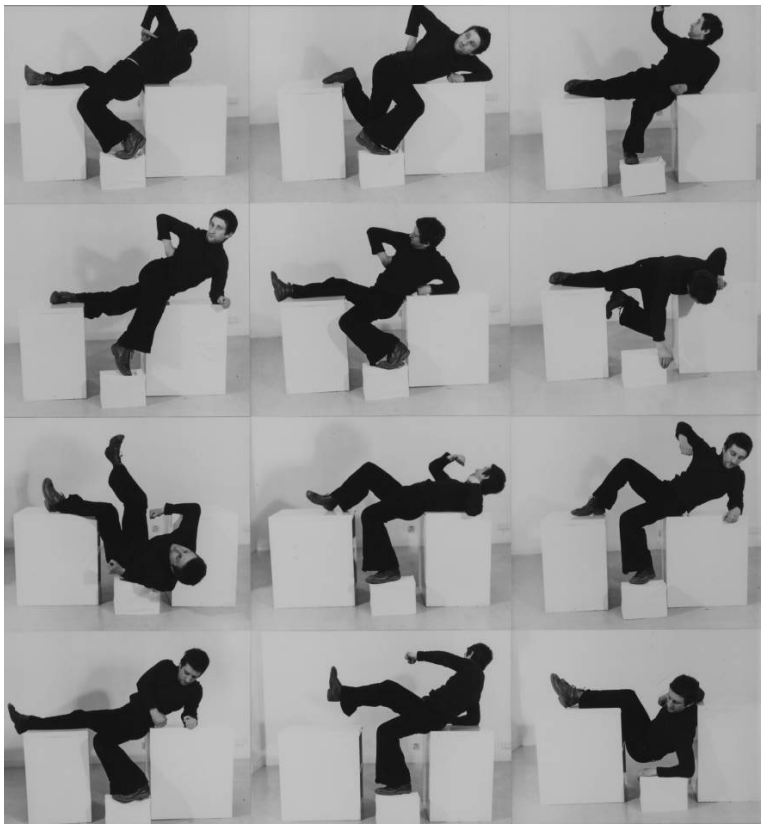
A Torre *Buenos Aires*, uma das três torres pertencente ao conjunto habitacional *Parque América* localiza-se em Algés, município na área periférica cidade de Lisboa. A torre tem uma composição interessante: de forma simétrica e cruzada, o edifício divide-se em dois corpos, Corpo A e Corpo B, consequentemente desnivelados por um lance de escadas. Assim, o centro da torre é a caixa de escadas que une ambos os corpos e torna-se o espaço essencial ao funcionamento do organismo habitacional. Por sua vez, este espaço é iluminado naturalmente em todos os pisos, através de janelas de grandes dimensões que permitem também a ventilação do espaço vertical. Em cada piso de ambos os Corpos, existe um espaço de estar fornecido por um pequeno banco, que permite aos moradores um lugar coletivo e privado para sentar e conviver.

Cada piso é constituído por dois apartamentos: T2 e T3, respetivamente, Direito e Esquerdo. No Corpo A, os apartamentos têm orientação solar nascente, norte e poente; no corpo B, nascente, sul e poente.

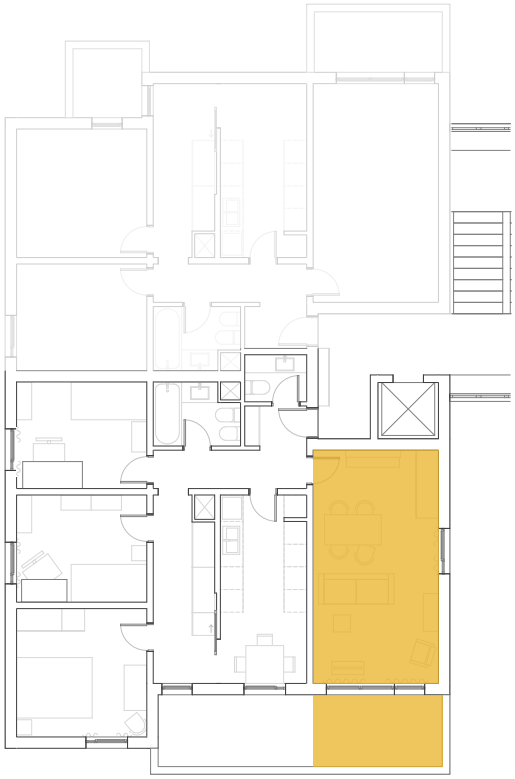
O apartamento T3 do sexto andar do Corpo A é a minha habitação familiar e, por sua vez, o campo de experimentação para o estudo do habitar durante o confinamento pela pandemia COVID-19. Aqui, na nossa 'ilha', fomos três pessoas de um só agregado familiar que, de forma individual e simultaneamente coletiva, procurámos adaptar o espaço às necessidades do dia-a-dia em confinamento.

O apartamento, enquanto soma de diferentes partes, refletiu numa complexa dinâmica de possibilidades. Estas observações dividem-se nos três temas — Adaptabilidade, Individualidade e Limites — associados a diferentes divisões da habitação. Numa leitura dicotómica entre o **antes** e o **durante** a pandemia, observaremos, então, como se transformaram os modos de habitar neste espaço doméstico.

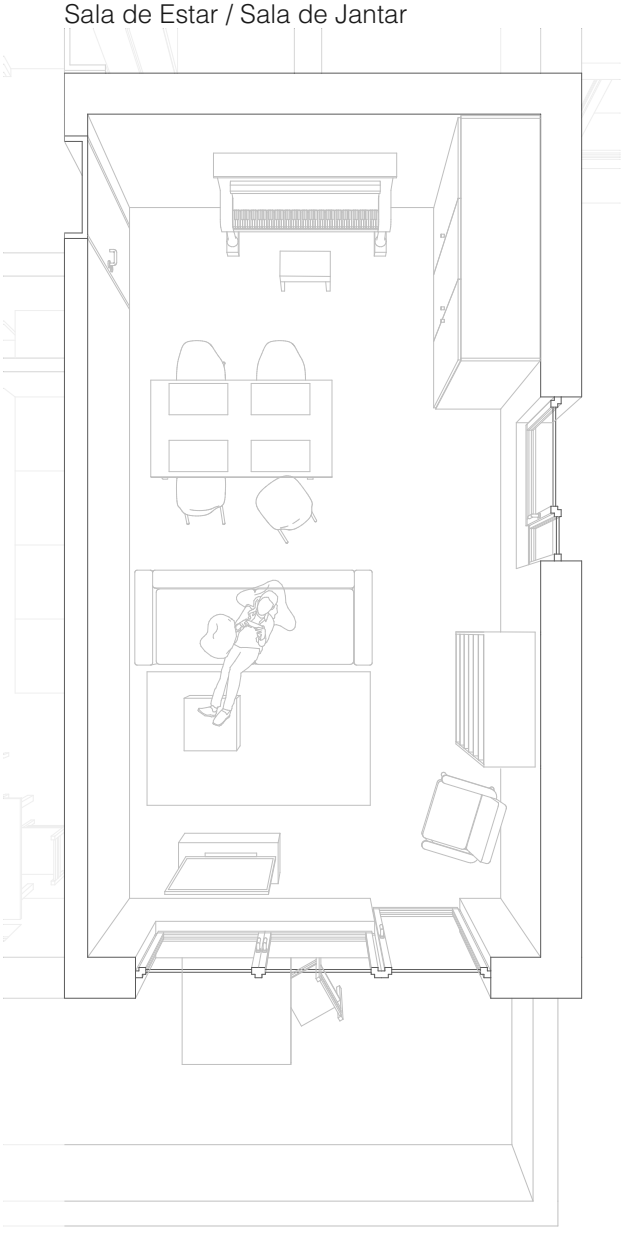
3.1.
Adaptabilidade



48. *Pose Work for Plinths I*, Bruce McLean, 1971

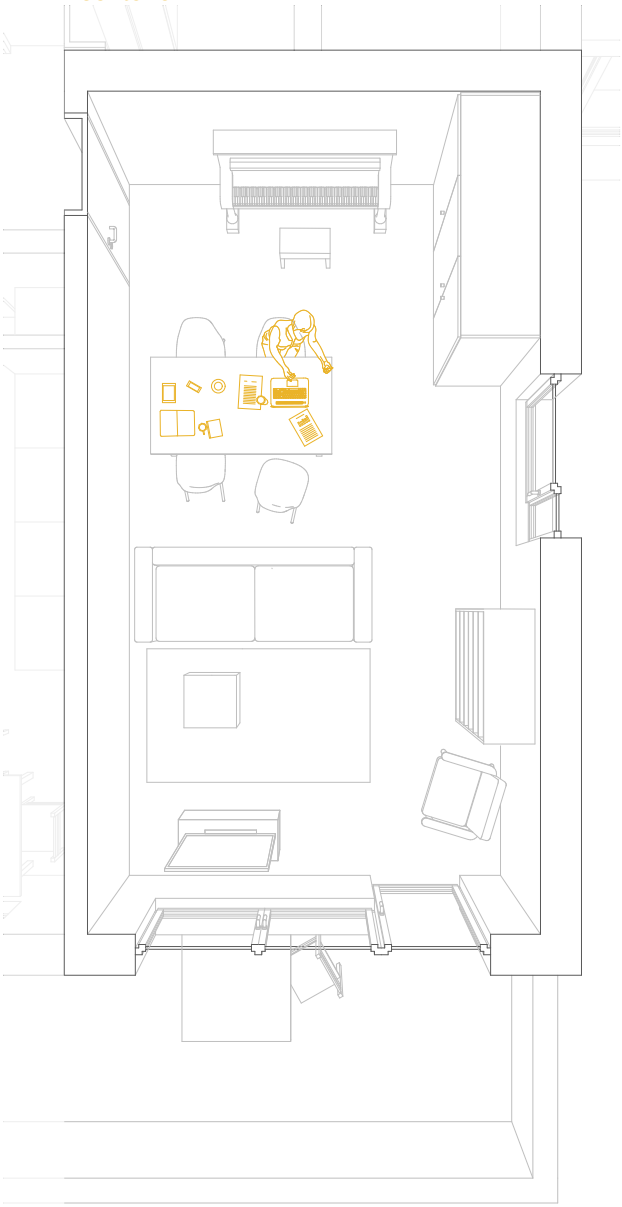


Sala de Estar / Sala de Jantar

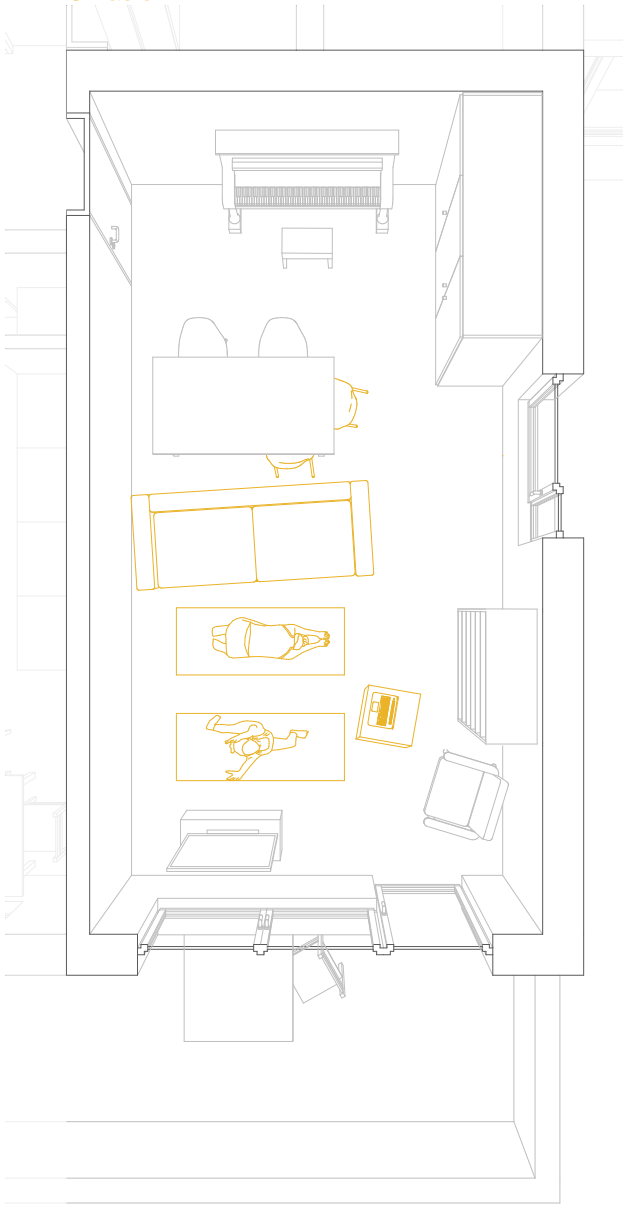


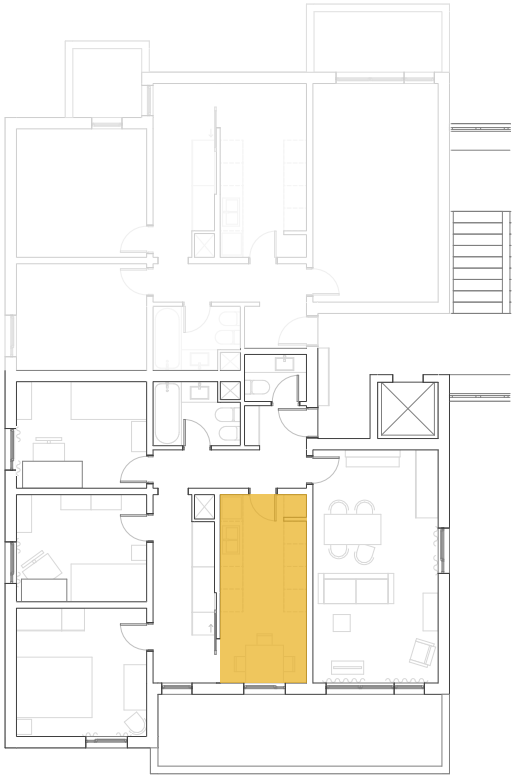
A sala é o espaço com maior área da casa, com cerca de 21 m^2. Anteriormente, a sala era apenas utilizada ao fim do dia, quando voltávamos do trabalho, e onde nos encostávamos no sofá, ligávamos a televisão, e relaxávamos. Durante o confinamento, a mesa da sala passou a ser o espaço de trabalho de apenas um de nós, de forma a que as reuniões por video-chamada fossem mais sossegadas. Ao fim de todos os dias, empurrávamos o sofá para conseguirmos ter mais espaço para estender os colchões exercitar o corpo. Assim, todos os dias, a sala era simultaneamente o palco de reuniões de trabalho, convívios, sessões de cinema, aulas de *pilates* e por vezes, pista de dança.

Escritório

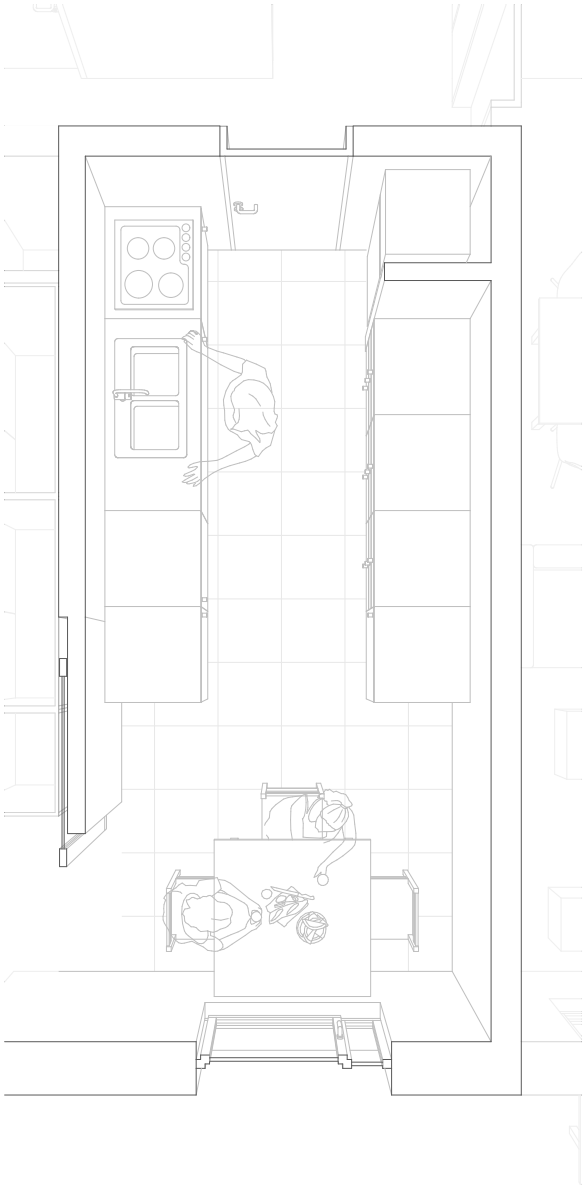


Ginásio





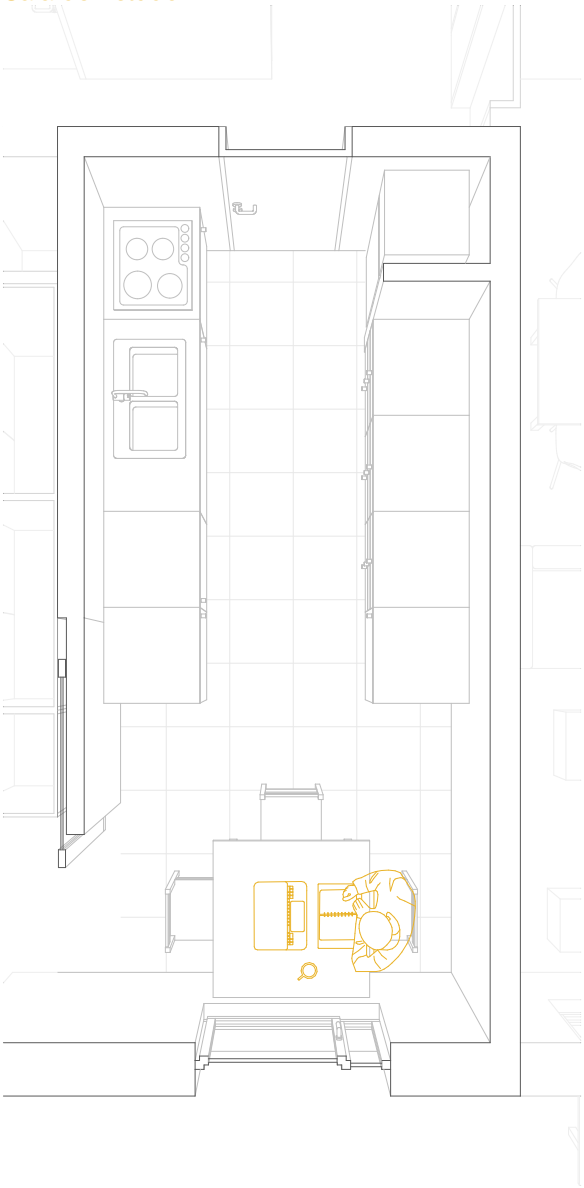
Cozinha



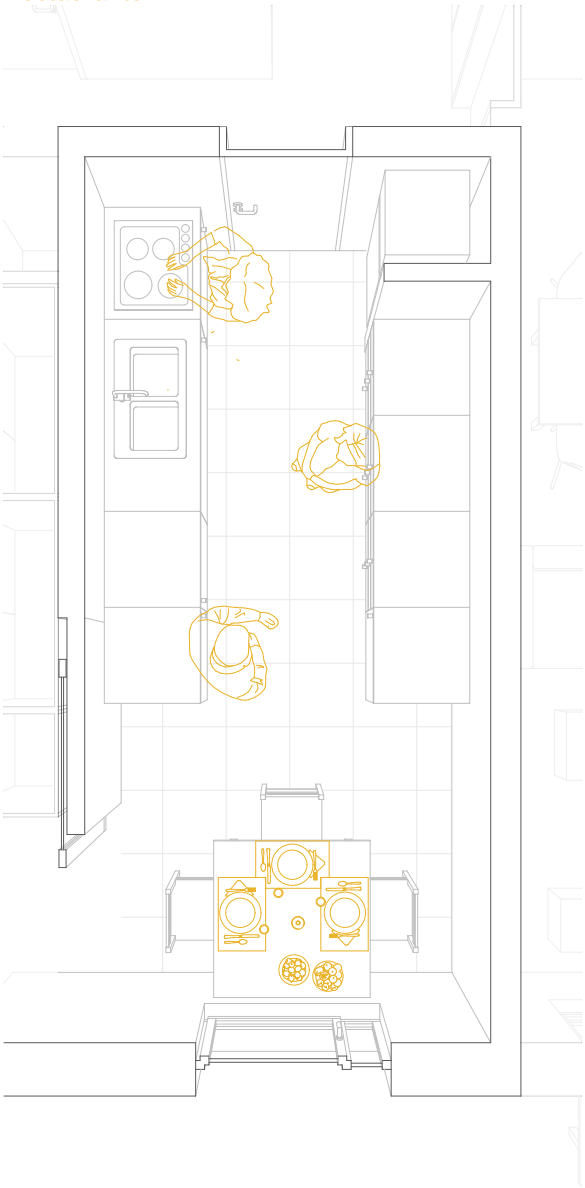
A cozinha é, figurativamente e literalmente, o espaço central da casa. Por ter duas aberturas, uma para o *Hall* de entrada, e outra para o corredor dos quartos, a cozinha funciona como ponto de encontro.

Durante o confinamento, a mesa da cozinha foi protagonista de todas as refeições, uma vez que a mesa da sala funcionava como escritório. Nos dias em que a luta contra a rotina era maior, cozinhámos receitas novas e fingimos estar num restaurante. Fora das refeições, a mesa da cozinha foi espaço de estudo e aulas por video-chamada.

Sala de Estudo



Restaurante



O estudo do habitar do espaço da casa começa pela mais evidente transformação sentida durante o período de confinamento: a necessidade de adaptação das atividades quotidianas dentro do espaço doméstico.

As cozinhas compensaram as cafetarias fechadas onde tomávamos o café da manhã; as salas de estar compensaram as praças vazias onde nos reuníamos e a mesa da sala de jantar tornou-se na nova mesa de escritório. As plataformas *stream* de filmes tentaram substituir o cinema fechado, as curadorias e transmissões *live* tentaram compensar o museu fechado, e simultaneamente, as inscrições nas aulas de ginástica *on-line* tentaram manter viva a vontade de fazer exercício fora do espaço do ginásio, fazendo do pavimento da nossa casa uma novo piso para pilates e yoga. Desde o desporto, o entretenimento e ao trabalho, quase todas as atividades presenciais coletivas tradicionais encontraram o seu "*alter ego* digital, sacrificando o contacto físico, a proximidade e a ideia de espaço como uma articulação tridimensional de vidas"[109].

Neste momento, estamos todos em casa a fazer tudo o que eram os nosso desempenhos noutros espaços. Isto faz pensar.

Ana Jara,
26.03.[2020], p.95

Este tipo de situações assemelham-se ao enredo do filme *The Terminal*, de Steven Spielberg, em que a personagem principal fica inesperadamente retida no aeroporto e, ao longo do tempo, vai domesticando este espaço público, adaptando-se de forma a sentir-se em casa. Georges Perec afirma que "as atividades essenciais à vida, e a maioria das atividades sociais, podem ser realizadas sem dificuldade dentro dos limites de um aeroporto internacional"[110], uma vez que "nele existem todo o tipo de infra-estruturas necessárias ao dia-a-dia: poltronas e até zonas de descanso para poder dormir, casas de banho equipadas com chuveiros, restaurantes e cafeteiras, perfumarias, cinema, e ainda, zonas de tratamento financeiros e troca de dinheiro, e portanto, "um deslocamento, mais aparente do que real, dos nossos hábitos e ritmo, e pequenos problemas de adaptação" que "logo se tornaria entediante sem dúvida"[111].





Frames do filme *The Terminal*, de Steven Spielberg, 2004. **49.** Personagem principal dorme nos lugares de espera da porta de embarque; **50.** Domestica a casa de banho pública.

Ora, o conceito de adaptabilidade nasce da necessidade de algo se adaptar ao meio em que se encontra, de forma a encontrar conforto e bem-estar. Paralelamente, a capacidade de um indivíduo, ou conjunto de indivíduos, de se adaptar às condições externas de um espaço habitacional, e vice-versa, é um tema que tem sido cada vez mais discutido em Arquitetura. Deve-se, no entanto, distinguir o conceito de 'Adaptabilidade' e 'Flexibilidade', que no âmbito do habitar são facilmente colocados num paralelismo ambíguo e cujas diferenças têm sido motivo de várias publicações ao longo das últimas décadas.

Vamos viver a nossa casa intensamente, e por isso também se vai sentir necessidade de a mudar e adaptar.

Tiago Mota Saraiva,
27.03.[2020], p.113

[109] ALCOCER, Atxu Amann; MARTELLA, Flavio — "Public house: the city folds into the space of home", *The Architectural Review,* nº1472, 4 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/public-house-the-city-folds-into-the-space-of-the-home)
[110] PEREC, Georges – *Species of Spaces and Other Pieces*, pg. 27
[111] Ibidem, pg. 27

A casa é o espaço doméstico, pelo que há um determinado tipo de comportamentos e de funções que lá são exercidas; depois, saímos e temos o escritório, e temos o espaço público, uma série de situações e lugares que cumprem outro tipo de funções. […] De repente, toda essa fragmentação acaba por ser concentrada num único espaço, a casa, que nos obriga a descobri-lo de uma forma diferente. […] Acredito numa questão de se conceber uma flexibilidade consciente, uma flexibilidade em que seja possível resolver situações e encontrar diferentes alternativas de espaço para se coexistir.

Alexandra Cruz, 17.04.[2020], pg. 447

A casa é uma entidade que nunca é estática. Isto porque os padrões de uma estrutura familiar mudam, os padrões de uma estrutura laboral mudam, os padrões de uma estrutura social, como vemos agora, mudam e a casa tem essa particularidade de ter de dar resposta a estas situações todas.

Sérgio Fazenda Rodrigues, 04.04.[2020], p. 246

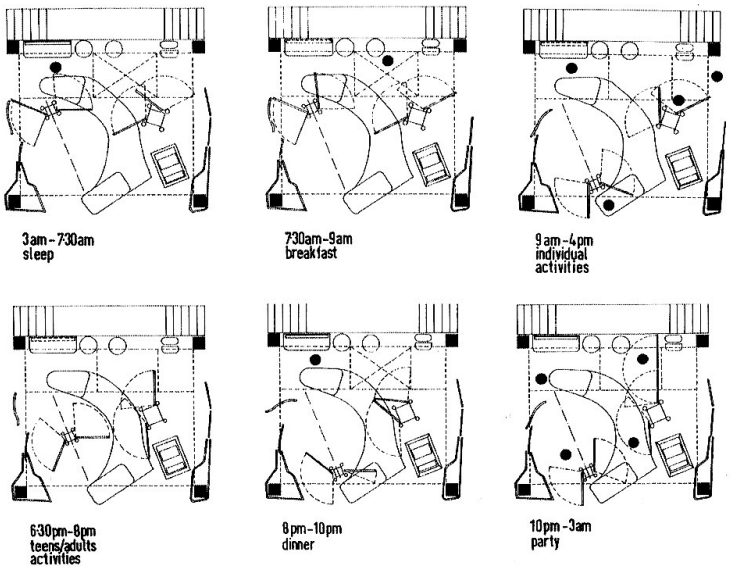
Resumidamente, poder-se-á afirmar que "a adaptabilidade é alcançada no desenho dos quartos ou unidades de modo a que possam ser usados de diversas maneiras, principalmente através da sua organização, tipos de circulação e designação destes espaços. (...) Por sua vez, a flexibilidade é conseguida pela alteração da estrutura física do edifício: juntando ou estendendo compartimentos ou através de painéis e mobiliário móvel e flexível."[112] Ou seja, a adaptabilidade está mais relacionada com as questões de uso, enquanto que a flexibilidade envolve problemas de forma e técnica[113]. Portanto, neste contexto, iremos analisar as questões das variação de usos no espaço doméstico, focando-se na capacidade de adaptabilidade no espaço.

A razão do debate arquitetónico em torno deste tema deve-se a dois fatores: por um lado, à transformação das formas de habitar, que reflete a evolução e diversificação de atividades sociais, culturais e tecnológicas, que se têm sentido ao longo dos últimos anos; por outro lado, pela dificuldade em gerir as relações familiares e outros grupos domésticos, no momento em que o tempo passado em casa é progressivamente maior, devido à incorporação de várias atividades. Estes fatores estão diretamente ligados ao desenho do espaço doméstico que, de certa forma, o confinamento provocado pela pandemia veio acentuar. De facto, a casa não é uma entidade fixa, mas sim um organismo dinâmico que deve constantemente responder às várias transformações contemporâneas. Comecemos, então, por falar das transformações derivadas da evolução tecnológica, que têm ganho cada vez mais destaque na forma como a habitação é pensada e desenhada.

O fascínio pela tecnologia no ambiente doméstico, em conjunto com o desejo de adaptabilidade do espaço, tem sido o fio condutor de inúmeras propostas, muitas delas utópicas, para o espaço da 'casa do futuro' — uma delas a proposta *Living 1990,* de Archigram. Este protótipo de habitação para o ano de 1990, construído e exposto trinta anos antes, em 1967, baseava-se nas tecnologias vigentes do tempo para idealizar a melhor circunstância do habitar. "As paredes, os tetos e os pisos são 'condições' de parede, (…) os limites são rígidos, mas ajustáveis, programados para se moverem para cima e para baixo, para se aproximarem e abrirem"[114], movimentados eletronicamente e controlados pelo habitante, de forma a que o espaço se adapte às necessidades de cada momento.

Portanto, graças à tecnologia incorporada nos equipamentos domésticos, esta 'habitação' adapta-se totalmente ao ocupante, ou ao grupo de ocupantes, permitindo-lhe realizar todas as atividades

[112] SCHNEIDER, Tatjana; TILL, Jeremy — *Flexible Housing*, UK, Architectural Press, 2007, pg. 5.
[113] Ibidem, pg. 5
[114] GALFETTI, Gustau Gili — *Pisos Piloto. Células domésticas experimentales,* pg. 58



51. Esquema de um ciclo de 24 horas no projeto *Living 1990*, Archigram. *The Great Weekend Telegraph Exhibition*, Londres, 1967

do quotidiano, como dormir, comer, trabalhar e ainda, lazer; tudo isto dentro de uma área limitada.

De forma indireta e abstrata, o protótipo da *Living 1990,* e a imagem que representa as diferentes atividades ao longo do ciclo do dia, assemelha-se à experiência de confinamento em casa durante a pandemia. Dentro de um só espaço limitado, fomos obrigados a distribuir todas as atividades do dia-a-dia, como dormir, comer, trabalhar, e lazer, à semelhança do exemplo demonstrado, com a junção da prática de desporto, estudos escolares, entre outras atividades. Contudo, torna-se interessante comparar as ideologias tecnológicas futuristas pensadas entre 1967 e os dias de hoje, em que a possibilidade de realizar estas atividades deve-se à tecnologia contemporânea definida pela abertura de informação pela *internet,* que está representada por dispositivos como computadores, *smartphones,* e outros aparelhos *wireless* — "esses dispositivos portáteis e penetrantes, que transformam profundamente a nossa forma de vida"[115].

Aqui, a diferença entre a *Living 1990* e a casa em confinamento está na forma como a tecnologia se difunde no espaço doméstico. No primeiro exemplo, a tecnologia está incorporada nos móveis, paredes, piso e teto, enquanto modificadores do espaço; no segundo, a tecnologia não está incorporada nos elementos arquitetónicos, mas sim, associada ao habitante, que por sua vez se adapta às condições da casa. Tatjana Schneider e Jeremy Till, caracterizam estas diferentes utilizações como *hard* e *soft use* — "o *hard use* é muitas vezes aliado à retórica da flexibilidade: portas de correr, paredes móveis e móveis dobráveis vêm à tona como um conjunto de mecanismos que enquadram o usuário como um operador de equipamentos arquitetónicos. O *soft use*, por outro lado, passa o controlo para o usuário, permitindo-lhe apropriar-se do

As pessoas estão a reinventar espaços dentro de casa, estão a transformar a sala de jantar numa zona de trabalho partilhado entre dois irmãos, por exemplo. As pessoas sentem a necessidade de simularem, tanto quanto possível. Simular ou encontrar um espaço onde se sintam bem. A minha experiência em casa é muito essa: tanto tenho de arrastar a mesa da cozinha para perto da janela e ficar lá a trabalhar no Verão, como no Inverno tenho de recolher a mesa e ficar num canto mais quente […] Isso acaba também por ser um exercício de arquitetura se pensarmos em ajustar um espaço que é doméstico a um espaço de trabalho.

Ana Neiva,
22.03.[2020], p.36

Isso é o que acho mais bonito nesta fase de confinamento: nós tivemos de voltar a descobrir a casa. […] As pessoas estão todas a brincar com os espaços que têm em casa, com as situações da cozinha, com as situações dos quartos, com todas as espécies de quartos que nos guardam a vida […]. Às vezes esquecemo-nos de exercitar [a criatividade] nos espaços do quotidiano e a casa, neste momento, é o suporte de todas as relações de criatividade que estamos a desenvolver, exatamente por estarmos fechados.

Luís Maria Baptista
, p.146

[115] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 27

espaço como bem entender”[116]. Tendo em conta os dois exemplos apresentados, a relação entre a adaptabilidade e a sobrevalorização dos equipamentos tecnológicos no espaço doméstico, fazem elevar a seguinte questão: “O corpo ainda habita a casa, ou será que a casa, desdobrada numa série de microdispositivos, habita agora o corpo?”[117].

Numa visão realista, o protótipo da *Living 1990* apesar de materializar um vontade pertinente na adaptabilidade do espaço, dificilmente de concretizou ao longo dos anos. No panorama da habitação plurifamiliar em estudo, entende-se então que é o indivíduo que se adapta à casa, e que, portanto, demonstrando que a “adaptabilidade com o qual nos podemos envolver hoje parece ter encontrado o seu parceiro ideal na tecnologia suave”[118]. Analisemos então que tipo de atividades que colocaram em prática as ideias mencionadas.



52. *Tiempo de trabajar, En casa,* Sergio Mantecón, abril 2020

A questão do trabalho em casa foi levantada há muito tempo já quando, nos apartamentos burgueses do século XIX, existiam escritórios que davam para a escada e para o apartamento[119]. Esta prática manteve-se ao longo dos anos e foi evoluindo tanto em estratégia de trabalho, bem como, na adaptação das soluções arquitetónicas para o espaço de trabalho, dentro do panorama dos apartamentos contemporâneos. Na verdade, a pandemia pela COVID-19 e o confinamento em casa veio acentuar a sua importância e questionar novas possibilidades de organização da casa e das suas partes. O trabalho em casa, neste contexto, só foi possível pela presença de uma rede funcional de dispositivos eletrónicos e tecnológicos, que conectou as equipas laborais remotamente.

Esta possibilidade do teletrabalho, se bem gerido, pode ser uma forma de melhorar a nossa qualidade de vida, porque, se calhar, não precisamos de ir todos os dias ao escritório.

Patrícia Barbas, 05.04.[2020], pg. 264

No momento da obrigação em permanecer em casa, onde a transição para trabalho remoto foi forçosamente repentina, muitas pessoas tiveram de reinventar o espaço para trabalhar. Desde o quarto de hóspedes ao quarto onde dormiam, desde a cozinha à sala, desde a mesa de jantar, à escrivaninha e, inclusive, à cama foram encontradas alternativas espaciais. Para muitos, foi ainda necessário gerir pequenos espaços partilhados com o agregado familiar — questão que será vista no capítulo seguinte.

[…] As casas, assim como têm espaços para dormir, têm de ter espaços para estudar e espaços para trabalhar. Isto é uma pequena alteração que nós vamos ter de aplicar dentro da nossa arquitectura doméstica.

Nuno Sampaio, 22.04.[2020], pg. 522

Por um lado, este acontecimento demonstra que "a vida doméstica e o trabalho podem compartilhar o espaço físico, e a casa pode ser considerada, simultaneamente, um local de trabalho e de descanso”[120]. Trata-se de acompanhar a tendência de evolução

---

[116] SCHNEIDER, Tatjana; TILL, Jeremy — *Flexible Housing*, pg. 7
[117] Ibidem, pg. 27
[118] GALFETTI, Gustau Gili — *Pisos Piloto. Células domésticas experimentales.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997, pg. 58
[119] ELEB, Monique — “L’habitat d’aujourd’hui et de demain: flexible, adaptable, reversible?” In *Revista Proyeto Progreso Arquitetura* , nº16, “Práticas Domésticas Contemporâneas”, pg, 30
[120] LOPEZ, Cándido; CARREIRO, Maria — *LA CASA: Piezas, Ensambles y Estrategias*, p.12.

urbana que levará muitas pessoas a trabalhar em casa, melhorando a qualidade de vida relativamente a uma economia de tempo e gestão financeira de transporte.

Por outro lado, o facto de o trabalho poder ser feito em casa significa que está incorporado na ideia geral de "improdutividade doméstica"[121] e, portanto, pode muitas vezes ser desvalorizado, onde se misturam comportamentos éticos opostos, entre o trabalho e o descanso. Ou seja, o tele-trabalho pode levar a uma maior dissolução da ideia de lazer, entrando-se numa "dinâmica de trabalho alienante, confundido-se estes dois territórios"[122]. incorporação de toda a vida num só espaço, tal como no exemplo do coletivo Archigram, faz com que as transições entre cada atividade deixem de existir. O espaço-tempo, promovido essencialmente pelos movimentos pendulares entre o espaço da casa e o espaço do escritório, torna-se inexistente, e portanto, questionável em relação à velocidade de ocupação do dia.

Portanto, é necessário re-pensar nas soluções habitacionais que promovam a possibilidade de teletrabalho, "incorporando espaços onde seja possível configurar dispositivos de trabalho que possam ser utilizados com tranquilidade e eficiência"[123], dentro de uma atmosfera agradável e equilibrada ao habitante. Falamos de tele-trabalho, por ser a transformação mais evidente dos últimos tempos e a mais exigente no compromisso com dispositivos tecnológicos em casa, mas podemos também pensar noutro tipo de atividades, menos relacionadas com a esfera eletrónica, como a prática de desporto, os convívios entre a vizinhança, entre outros — "De certa forma, a 'casa' tem de ser completamente equipada, e não apenas com utensílios e dispositivos na sua forma ultratecnológica moderna. Porque a casa é um lugar saturado pela sobreposição de diferentes instituições (propriedade, sexualidade, parentesco, família, linhagem, técnicas, civilidade, privacidade, intimidade) e que talvez permita definir o lar comum 'equipamento'"[124]. Este tipo de incorporação encaminha-nos para a relação entre o apartamento e o conjunto habitacional que o contém.

Um edifício equipado, permite a adaptação da habitação nas diversas fases da vida de um habitante e da comunidade que o envolve. Para Monique Eleb, "o edifício equipado deverá ser exigido no futuro, não só para trabalho, mas para lazer, para praticar

Nestas zonas invisíveis, muito encolhidas dentro da nossa casa, passámos a ser pessoas que acordam e vão diretamente para uma reunião, a desempenhar uma função muito particular; pessoas que vão cozinhar e que depois têm de estar, formalmente, numa reunião da Câmara. É um pouco estranho. Acho que estamos a ter um off sobretudo destes espaços-entre, da nossa vida-entre.

Ana Jara,
22.03.[2020], pg.36



53. '*Confinados', Pablo,* Santi Burgos, Manzanares el Real 26 março 2020

Relativamente à questão das tipologias, a História diz-nos que as tipologias mais flexíveis são aquelas que perduram. (…) As tipologias que têm mais capacidade de se adaptarem a novos programas, mais capacidade de transformação.

Rita Aguiar Rodrigues,
23.04.[2020], pg. 541

[121] ALCOCER, Atxu Amann; MARTELLA, Flavio — "Public house: the city folds into the space of home", *The Architectural Review,* nº1472, 4 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/public-house-the-city-folds-into-the-space-of-the-home)
[122] Ibidem.
[123] ELEB, Monique — "Modos de vida emergentes y hábitat" in BELENGUER, Maria — *Nuevos Modos de Habitar.*pg. 46.
[124] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 27



54. Planta-tipo dos pisos, *Rigaud Cooperative Housing and Nursery,* Bônhote Zappata



55. *Frames* da entrevista a moradores do conjunto habitacional.
"E isso sim, é verdade, falando da pandemia / ia dizer que foi uma alegria, isso não. Mas vivemos muito melhor aqui"
Entrevista completa em https://www.amaneceres-domesticos.es/cuidados/

Falando de Arquitetura, vai haver mudanças nas tipologias, nas suas dimensões e espaços exteriores? Provavelmente, sim.

João Crisóstomo, 24.04.[2020], pg.558

desporto, e ainda, para dar possibilidade à instalação de uma creche, um centro de dia e uma lavandaria"[125].

Surge então, em forma de exemplo, o conjunto habitacional *Rigaud Cooperative Housing and Nursery,* em Genebra, finalizado em 2018, pelo gabinete de arquitetura Bônhote Zappata. Este conjunto habitacional, de carácter cooperativo e coletivo, é uma sequência de seis grandes 'casas' justapostas, constituindo 49 apartamentos de tipologia T2. O acesso aos apartamentos é feito através de amplos patamares inseridos entre cada casa, com proporções generosas, e são utilizadas pelos moradores como uma extensão de suas próprias casas e estimulam a convivência dos vizinhos. Além dos apartamentos habitados, as extremidades do conjunto são compostas por quartos de hóspedes — ou "habitações satélite", que serão mencionadas adiante. A disposição dos edifícios cria uma área de recepção que dá acesso a uma creche, espaços para trabalhar e comércio local; a sul, o edifício enquadra uma área protegida e ensolarada para os moradores. Este conjunto é gerido num espírito de participação com os futuros residentes[126].

Ora, este sentido comunitário do conjunto habitacional, juntamente com a incorporação dos espaços de trabalho e creche, promove aos seus habitantes um certo sentido de completitude e tranquilidade. Numa entrevista a dois moradores, em 2022, explicam que no contexto da pandemia, sentiram uma experiência mais positiva graças à entre-ajuda e sentido comunitário dos vizinhos. "Este tipo de edifício equipado e de utilização mista, construído com ou sem participação, é o sonho de numerosos residentes urbanos que gostariam de ter à sua disposição espaços partilhados no seu habitat"[127]. A possibilidade de fazer tele-trabalho, estudar ou praticar desporto num espaço habitacional onde as limitações de uso e partilha são flexíveis e permeáveis entre o grupo doméstico e a comunidade de habitantes, permite refletir acerca das novas propostas de habitação plurifamiliar.

---

[125] ELEB, Monique — "L'habitat d'aujourd'hui et de demain: flexible, adaptable, reversible?" In *Revista Proyeto Progreso Arquitetura* , nº16, "Práticas Domésticas Contemporâneas", pg.31

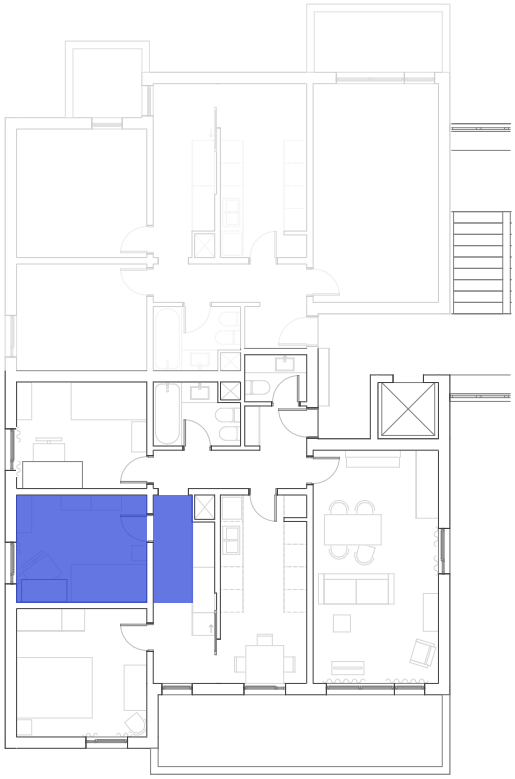
[126] Descrição do projeto pelo gabinete de arquitetura Bônhote Zappata — https://bonhotezapata.ch/en/projects/rigaud-cooperative-housing-and-nursery

[127] ELEB, Monique — "L'habitat d'aujourd'hui et de demain: flexible, adaptable, reversible?" In *Revista Proyeto Progreso Arquitetura* , nº16, "Práticas Domésticas Contemporâneas", pg.31

3.2.
Individualidade
Isolamento
Intimidade

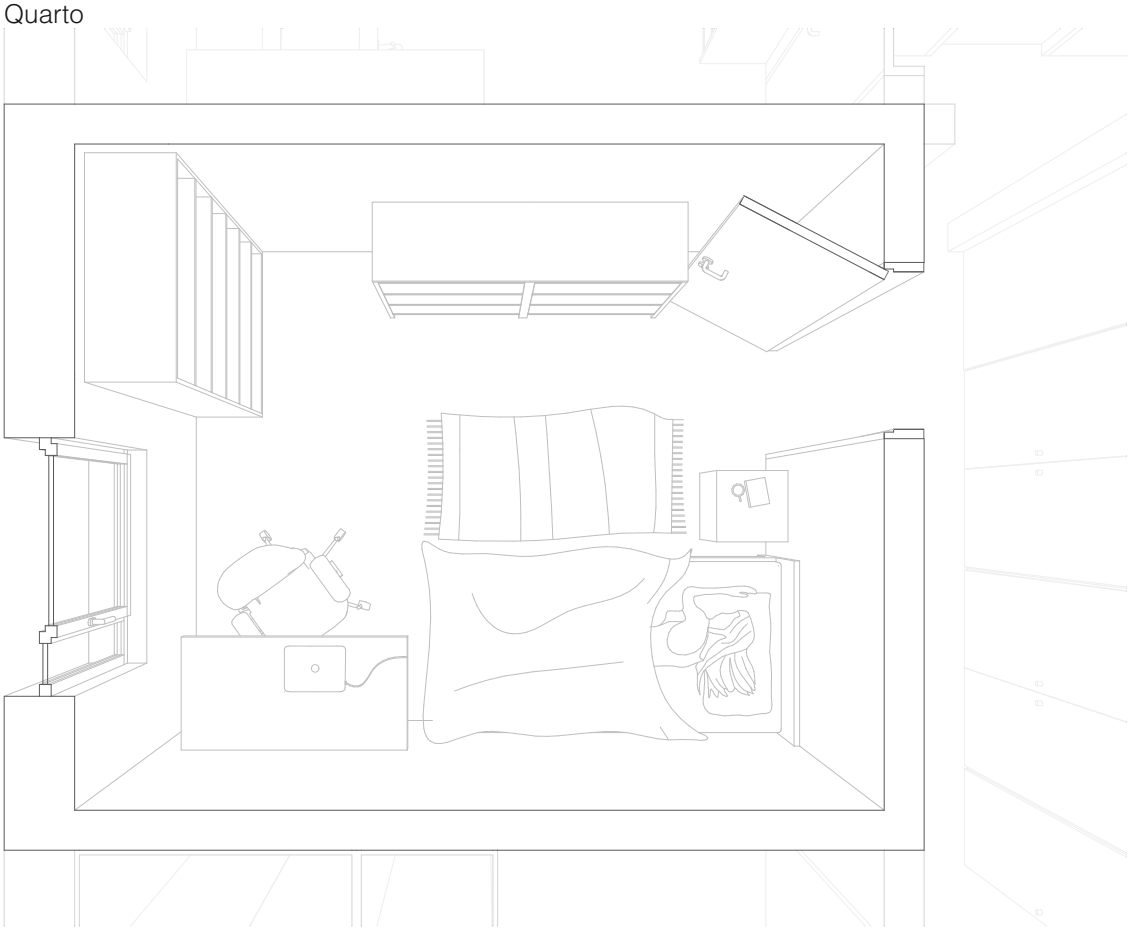


56. *England 70-80,* Gil Rigoulet, 2015.

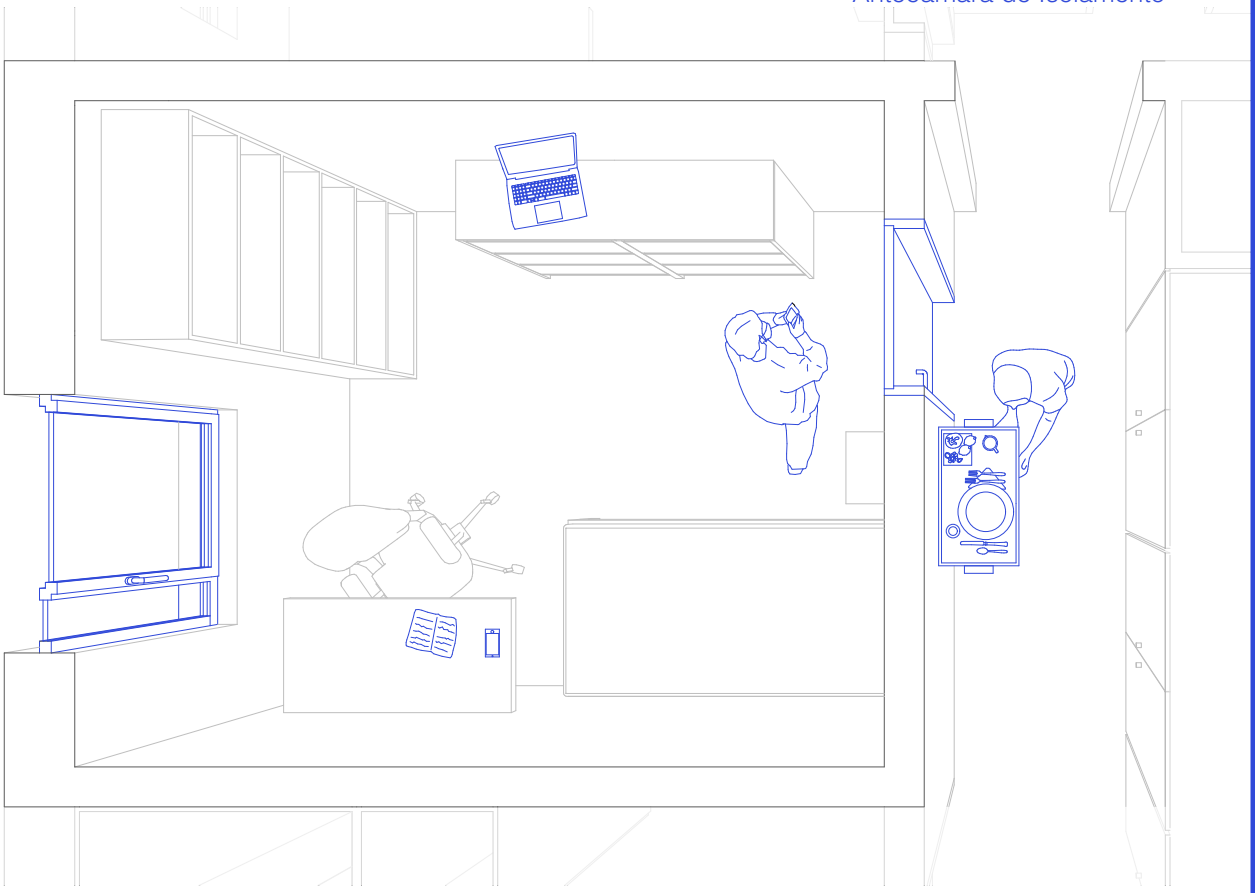


Quando testei positivo à COVID-19, vivi o quarto intensamente, como uma espécie de célula individual onde fazia tudo. De manhã acordava, vestia-me e sentava-me na mesa para as aulas online. Ao fim do dia, sentada na cama, conseguia ler e ver filmes no computador. Para comer sem sair do quarto, precisava da ajuda de outra pessoa para deixar as refeições num tabuleiro, do outro lado da porta. Assim, o corredor da zona dos quartos recebeu uma nova identidade, não só de circulação, mas também como uma 'antecâmara de ajudas', e a comunicação ficava reduzida às chamadas por telemóvel, do quarto para a sala.

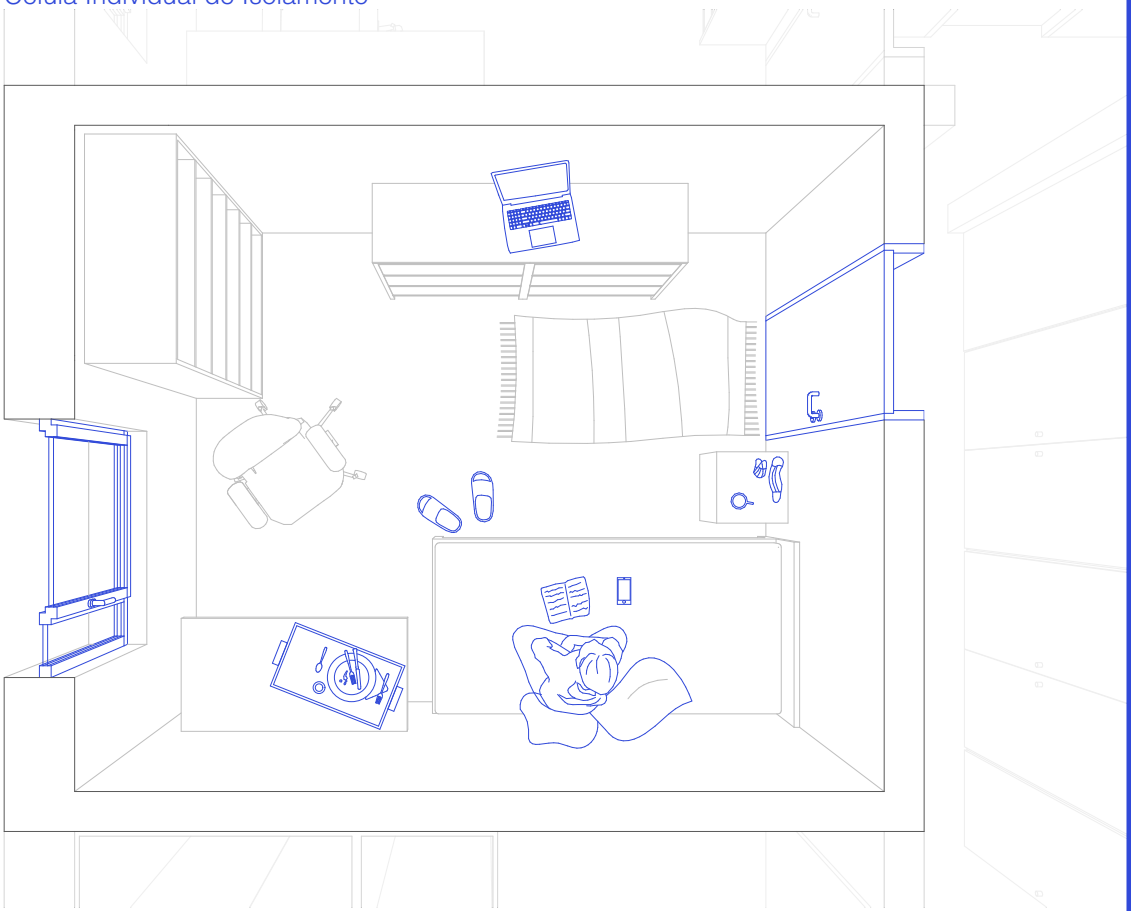
Quarto



Antecâmara de Isolamento

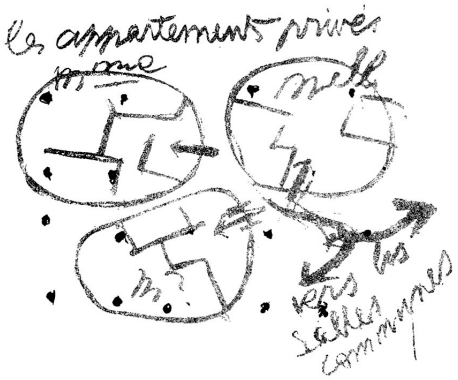


Célula Individual de Isolamento



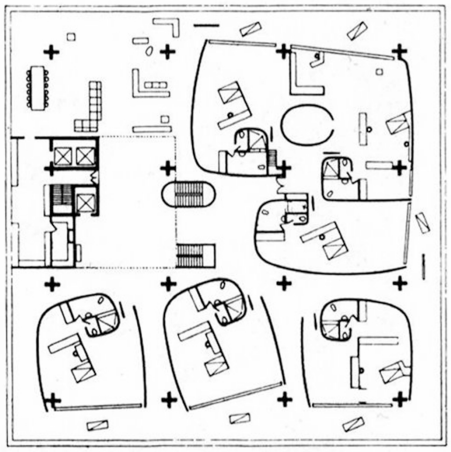
A obrigação de confinamento devido à pandemia COVID-19 trouxe consigo várias alterações ao nível do espaço pessoal de cada um. A noção de espaço individual dentro do espaço doméstico, quando partilhado, traduziu novas relações de intimidade entre os habitantes e novos desafios quanto à autonomia do espaço individual na eventualidade de praticar o 'isolamento profilático'. Portanto, este segundo sub-capítulo irá introduzir o tema do espaço individual, dentro da habitação. Numa relação entre a parte e o todo, respetivamente, o quarto e a casa, pretende-se perceber as diferentes esferas de individualidade, de que forma este espaço consegue adquirir as vertentes de espaço íntimo e espaço de isolamento, através da autonomia de usos, e por consequência, como se formam os espaços comuns na casa, após este sentido de individualidade.

Na segunda década do século XX, os princípios dominantes da arquitetura moderna eram fundamentados pelo conceito de *Existenzminimum*, termo introduzido por Ernst May no II CIAM, em 1929. Este conceito era baseado na premissa de que as novas habitações deveriam ser pensadas através do espaço mínimo vital ao indivíduo, introduzindo-se assim a ideia de 'espaço doméstico individual'. Simultaneamente, na conferência "o Plano da Casa Moderna", e posteriormente na publicação *Précisions*, em 1930, Le Corbusier define soluções para a habitação moderna, em que propõe espaços individuais para cada habitante, dentro do espaço comum da casa. Através da estrutura organizada de *pilotis*, sugerindo uma planta livre, são desenhados três espaços fechados, respectivamente descritos como "*les appartements privés*"[128], organismos completos e autónomos — "A forma imaginária de toda a habitação é a vida, não numa casa, mas numa caixa com divisórias. Esta traz a marca do seu ocupante."[129]



57. *Les Appartments Privés*, Le Corbusier. *Précisions*, 1930

Cerca de vinte anos mais tarde, em 1954, a ideia é traduzida no projeto para o Palácio do Governador de Chandigarh onde, dentro do espaço limitado pela envolvente do edifício, estão marcados o espaços individuais de cada habitante. Igualmente descrito em *Précisions*, a ideia do projeto é formada pela reunião descontínua de pequenos apartamentos individuais, ou 'quartos autónomos', onde as peças "flutuam sobre a bandeja que as suporta"[130]. Aqui, a casa constitui-se como um agregado de individualidades, fazendo dispersar o espaço comum — "traçadas as linhas, o interior resultante tem certas qualidades atribuídas a ele: é o território de alguém. O que fica de fora é um simples espaço partilhado."[131].



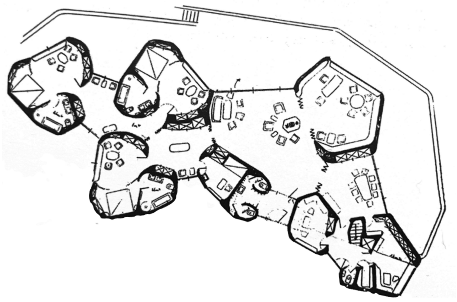
58. Projeto para o Palácio do Governador de Chandigarh, Le Corbusier, 1954. (FLC 4197)

128 LE CORBUSIER — *Précisions: sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme,* pg. 32

129 PERROT, Michele — *História dos Quartos,* pg.9

130 MONTEYS, Xavier — *La habitación: más alla de la sala de estar*, pg. 54

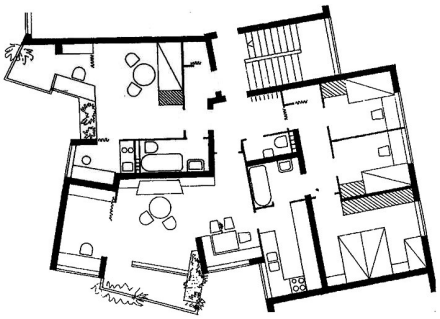
131 FUERTES, Pere — "La habitación como ámbito de la intimidad" in *La Casa. Piezas, Ensambles y Estrategias,* pg.127



59. Casa Hecke, Hemmelreich, Frans Krause, 1962.

De conceito idêntico mas com diferentes circunstâncias, a Casa Hecke, projetada por Franz Krause em 1962, é também definida pelos 'apartamentos privados', ou quartos autónomos que, à diferença do Palácio do Governador, encontram-se delimitados pelo perímetro da casa, deixando assim de ser 'peças flutuantes' no espaço da casa, mas sim unidades constituintes da mesma. Tratam-se de pequenos apartamentos - constituídos por cama, casa de banho, cozinha e uma pequena sala de estar - que, tanto pela sua identidade de nicho, como pela sua posição no espaço, fazem com que a casa se assemelhe a uma "pequena aldeia"[132]. Por sua vez, em virtude da proximidade destes espaços individuais, os espaços comuns tornam-se mais contidos e permitem criar uma relação de partilha mais íntima entre o espaço individual e espaço comum.

Portanto, ambas as soluções revelam uma espacialidade de 'casa dentro da casa', ou seja, ainda que exista um espaço que permita a conexão entre eles, estes apartamentos são de tal forma autónomos que fazem com que o espaço comum se torne secundário. São casas compostas por aglomerados de pequenas casas autónomas.



60. Habitações em Charlottenburg Nord, Berlim, Hans Scharoun, 1956-1961.

Entre as soluções anteriores e o objeto de estudo — a habitação plurifamiliar — surge o exemplo das habitações em Charlottenburg Nord, projetadas por Hans Scharoun em 1956, em que parte das habitações têm uma solução interessante relativamente à segregação espacial, resultado da união de um pequeno 'apartamento individual', ou estúdio, a uma habitação de maior dimensão. Este pequeno apartamento é uma unidade autónoma com acesso pela caixa de escadas comum do bloco habitacional, mas tem também uma porta que permite relacionar-se com o resto da casa, colocando-se como 'anexo'. A ambiguidade desta solução permite-nos considerar que estamos perante duas casas separadas entre si no momento em que a porta está fechada ou, quando a porta está aberta, uma casa que possui um 'quarto autónomo', equipado com as estruturas necessárias - casa de banho, cozinha - independente das funções da casa principal. Este quarto "não se trata de um espaço especializado para dormir, mas sim um conjunto de ambientes organizados para satisfazer as necessidades que o indivíduo, ou casal, exige no domínio da intimidade"[133].

Comparativamente às soluções do Palácio do Governador e da Casa Hecke, onde fora dos limites dos espaços individuais, apenas se encontram as funções sociais, coletivas e partilhadas, esta solução mostra que, fora do "apartamento privado", peça autónoma, não só se encontram as funções exteriores, mas também, um apartamento igualmente completo. Ou seja: é uma solução de

---

[132] MONTEYS, Xavier — *La habitación: más alla de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2014, pg. 56

[133] FUERTES, Pere —" La habitación como ámbito de la intimidad" in *LA CASA. Piezas, Ensambles y Estrategias,* pg.137

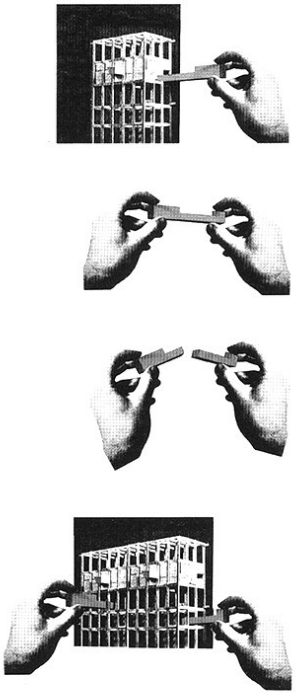
'casa dentro da casa', com a diferença de ser uma 'casa anexa à casa'.

Xavier Monteys denomina este tipo de soluções como "habitaciones satélite", ou quartos satélite — a junção de uma peça extra ao espaço da casa, com a possibilidade e relevância de ser uma "peça adaptável às necessidades dos habitantes, como uma extensão da casa fora do seu perímetro"[134]. Um dos exemplos mais evidentes e extremos desta unidade anexa é a *Céllule Parasite,* idealizada por Jean Cháneac e produzida por Marcel Lachat, em que é acrescentado à casa um pequeno espaço anexo, assente na sua própria estrutura. Esta "célula parasita" que se assemelha a um casulo, permite ser um pequeno espaço individual, íntimo e isolado, e simultaneamente pertencente à casa, ocupando o espaço na fachada do edifício.



61. *Céllule Parasite,* Jean-Louis Chanéac e Marcel Lachar, Geneva, 1968

Já no contexto da habitação plurifamiliar, o quarto satélite é um elemento autónomo da casa localizado dentro do perímetro do edifício que a contém— seja diretamente anexo à habitação principal, como acontece no exemplo da habitação em Charlottenburg Nord, ou localizado num piso diferente do mesmo bloco habitacional. Esta peça pretende ser um complemento ao que já existe, obedecendo às normas da habitação principal como um todo e não sendo utilizada como uma unidade separada. Estas divisões podem ser espalhadas em diferentes partes do edifício e que, sem necessidade de pertencer a uma família para toda a vida, podem fazer parte do bem comum e ser utilizadas nos períodos em que forem necessários, por exemplo, "para colocar escritórios" onde se "permite a sua utilização sem a necessidade de entrar em casa."[135]



62. *Quarto-satélite em Bloco de Habitação*, colagem de Xavier Monteys

Este tipo de habitação individual parece hoje ter ainda mais importância devido ao crescente desejo contemporâneo da individualidade e intimidade no espaço da casa — realidade que se destacou sobretudo durante o confinamento pela pandemia — e consequentemente pelo interesse de um maior grau de autonomia no espaço individual, tornando-o menos dependente dos espaços comuns. Utilizando novamente o exemplo do projeto para o Palácio de Chandigarh e as habitações em Charlottenburg Nord, é possível diferenciá-los pelos equipamentos dentro dos 'quartos', sendo que um tem um espaço para cozinhar e o outro não.

Portanto, o grau de autonomia e independência do espaço cultiva a individualidade, e por sua vez o isolamento. Nas situações mais comuns do panorama habitacional, e considerando o exemplo da habitação pessoal como o objeto de estudo em análise, esta satisfação pelo espaço autónomo faz com que equipamentos domésticos sejam incorporados dentro do espaço do quarto. O exemplo mais comum é a introdução da casa de banho, tornando

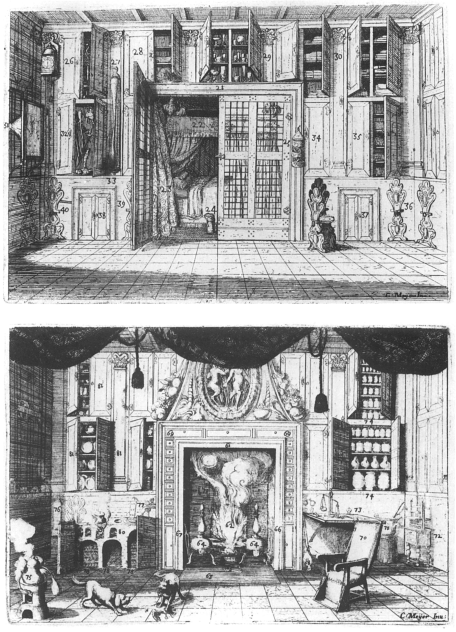
É muitas vezes necessário ir para o quarto e fechar uma porta, não é? Disso toda a agente necessita, e há gente que não tem essa possibilidade.

Tiago Mota Saraiva, 27.03.[2020], p.110

[134] MONTEYS, Xavier — *La habitación: más alla de la sala de estar,* pg. 110
[135] Ibidem, pg. 112

os quartos nas chamadas *suítes*, e tornando o quarto significamente mais autónomo. No entanto, consideram-se também situações mais simples, como por exemplo, a introdução de equipamentos digitais, como a televisão, computador, aparelhos de música dentro do quarto.

Esta ideologia de incorporar equipamentos dentro do espaço manifesta-se sobretudo na câmara de maravilhas[136] de Cornelius Meyer, concebida no final do século XVII. Num único quarto de planta quadrangular, e pretendendo dar espacialidade total ao seu espaço central, Meyer desenhou 82 compartimentos diferentes de móveis retrácteis nos quatro alçados das paredes interiores do espaço, como "uma fantasia de armazenamento"[137]. Esta invenção sem precedentes propunha equipar o habitante por completo, isolado do exterior, com todo o tipo de objetos e instrumentos domésticos necessários ao habitar individual autónomo, inclusive, um armário para uma "galinha poder entrar e deixar ovos", um "tubo de escuta para descobrir o que está a acontecer nas outras salas" e uma "câmera obscura para observar a atividade na rua ainda na cama"[138].



63. *Del Fabricar Commodo*, Cornelius Meyer, 1689

Num contexto contemporâneo, e menos fantasioso, poder-se-á dizer que hoje em dia temos câmaras de maravilhas encorporadas com objetos e equipamentos digitais. Numa esfera ainda mais íntima do que a do quarto, a cama conquista um novo espaço de autonomia individual. A cama, símbolo da intimidade, "o espaço individual *par excellance*, o espaço elementar do corpo"[139], tem-se tornado "cada vez mais sofisticada, equipada com todo tipo de dispositivos de entretenimento e comunicação como uma espécie de sala de controle"[140]. Durante o confinamento pela pandemia COVID-19, este tipo de dependência tornou-se ainda mais intenso, na medida em que a maioria da informação exterior era proveniente de fontes digitais, sobretudo, a televisão e telemóvel, como câmaras obscuras modernas. Por sua vez, criou-se o que Colomina descreve como "um sonho centenário de conectividade doméstica a milhões de pessoas", fazendo-se uma "comunicação cama a cama"[141]. O desejo de autonomia e de "ter um espaço só para si é relativamente universal, atravessa civilizações e épocas. O sono, o sexo, o amor, a doença, as necessidades corporais, mas também as



64. Hugh Hefner, fundador da *Playboy*. Fotografia de Burt Glinn, 1966

136 "As câmaras de maravilhas caracterizam-se muitas vezes por serem um espaço cujas paredes são revestidas por mobiliário com compartimentos especializados e adaptados ao tipo de objetos que recebem". CEIA, Joana — *Atlas do Espaço Individual.* Porto: FAUP, dissertação de mestrado, 2022.

137 WILKINSON, Tom — "A journey around my flat: shut-in strategies". *The Architectural Review*. 9 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/a-journey-around-my-flat-shut-in-strategies)

138 MIDDLETON, Robin — "The One- Room Apartment". *AA Files,* No. 4 (July 1983), p.61

139 PEREC, Georges — *Species of Spaces and Other Pieces*, pg. 16

140 COLOMINA, Beatriz — "The Bed in the Age of COVID-19" in *Vitra Maganize,* 19 de Junho de 2020. (https://www.vitra.com/en-br/magazine/details/the-bed-in-the-age-of-covid-19)

141 Ibidem.

da alma — rezar, meditar, ler, escrever… — convidam ao retiro."[142]

Ora, todos estes exemplos gravitam em torno de uma ideia de individualidade que, de certa forma, não vive sozinha. Para existir individualidade, tem de existir um contexto de comunidade — "a procura de um espaço de retiro, ou a reivindicação do próprio espaço são ações que apenas se enquadram num contexto de sociabilidade; isto é, o ato de retirar-se encontra o seu significado num contexto caracterizado pelo contacto e troca com o outros"[143]. De exemplo idêntico, no convento cartesiano de carácter eremítico, o "monge encontra o seu isolamento dentro da sua cela individual, no entanto, partilha a sua solidão com outros monges"[144]. Ou seja, embora viva em isolamento do mundo exterior, e em isolamento individual, não está privado da condição social, através das funções comunitárias dentro do convento. No contexto pandémico, o isolamento, embora indesejado, enfatizou essa a necessidade do espaço comum, da partilha e da sociabilidade.

A questão é que nós somos seres que vivem em comunidade, somos seres sociais e de confiança. […] Nós temos mesmo esta necessidade de sentir, de cheirar e espero que nunca venhamos a perdê-la, sinceramente, senão passaremos a ser algo que para mim não faz sentido.

Jorge Garcia Pereira, 21.03.[2020], p.22

O contexto de comunidade dentro do espaço da casa tem ganho uma heterogeneidade de hipóteses. Segundo Monique Eleb, "cada vez mais torna-se necessário trabalhar a distribuição da casa para propor espaços mais adaptados às novas formas de grupos domésticos aos modos de interação entre as pessoas que estão em evolução"[145]. Tendo em conta a evolução da sociedade nas últimas décadas e as novas estruturas familiares vigentes, "é preciso reflectir também sobre a adaptação da casa aos ritmos atuais da vida quotidiana, sobre as formas de relaxar, de trabalhar e de consumir em mutação".[146]

As relações que temos com o Outro, com a pessoa que está mais próxima, com o vizinho, com quem dividimos a casa, todas elas mudaram. Mas julgo que a situação [o confinamento] obriga, sobretudo, a repensar a maneira como vivemos com aqueles que vêem a nossa intimidade. Tudo isso implica alterações dentro de portas, dentro do espaço que habitamos, porque aquilo que é a nossa casa passa a ser uma coisa diferente.

Sérgio Fazenda Rodrigues, 04.04.[2020], pg. 246

Partindo desse princípio, são enumeradas uma série de situações que exemplificam a forma como a sociedade e as formas de habitar tem evoluído ao longo do tempo — "a esperança de vida aumentou, o que por vezes cria o problema da coabitação entre várias gerações; os jovens emancipam-se tardiamente, devido à crise económica, mas também devido a uma maior tolerância por parte dos pais relativamente à vida sexual dos seus filhos; a coabitação juvenil ou pré-matrimonial tornou-se algo normal, principalmente por motivos associados à residência universitária; a diminuição do número de casamentos acarreta atraso na aquisição de casa própria; observa-se também uma queda na taxa de natalidade, e o lar de uma família numerosa tornou-se a exceção; a taxa de divórcio e o número de famílias monoparentais tem aumenta-

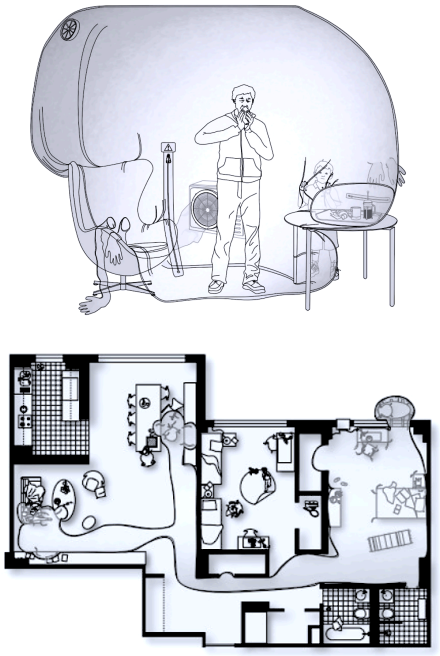
142 PERROT, Michele — *História dos Quartos,* pg.73
143 SILVA, Ana Sofia Pereira — *La intimidad de la casa. El espacio individual en la arquitetura doméstica en el siglo XX*, pg. 106.
144 Ibidem, pg. 103.
145 ELEB, Monique — "Modos de vida emergentes y hábitat" in BELENGUER, Maria — *Nuevos Modos de Habitar.* Valencia: COAVC, 1996, pg. 46.
146 Ibidem, pg. 46.

O confinamento veio trazer à tona muitas coisas, e nem todas são boas. Uma delas é a maleabilidade das relações. Transformou muito as relações e também abriu outras hipóteses estranhas.

Patrícia Barbas, 05.04.[2020], pg. 246

Com este vírus impôs-se que quem tem o vírus tem de estar em isolamento. Mas como se espera se a família deste cidadão vive num T0 onde não há espaço?

Alexandra Cruz, 17.04.[2020], pg. 448



65. *Domestic Isolation Room*, David Garcia Studio, 2010

do, o que estrutura de forma diferente a procura de habitação e a relação com a propriedade; e finalmente, nas grandes cidades os membros de uma mesma família vivem em ritmos diferentes no mesmo espaço."[147]. Ou seja, o domínio da família nuclear foi substituído por uma variedade de tipos de agregados familiares e outro tipo de grupos domésticos.

Todas estas situações, e ainda outras possivelmente mais complexas, geram uma certa tensão na partilha de espaços e na adequação os usos pretendidos. Por isso, é necessária esta reflexão acerca da intimidade do espaço doméstico, na tentativa de manter as exigências de conforto coletivo —"com o aumento da complexidade das relações entre os indivíduos que vivem juntos numa casa e com a necessidade de expressar a intimidade num leque cada vez mais amplo de ações, o quarto assume uma responsabilidade que pode entrar em conflito com muitas estruturas existentes que não foram pensadas com essa finalidade"[148].

Por exemplo, a 'descompartimentação' e fluidez espacial das divisões da casa são soluções que hoje em dia se impõem cada vez mais no desenho do espaço doméstico, numa procura pela transparência e pela intimidade partilhada — "O espaço 'moderno', feito de continuidades e transparências pode ser convertido, também, naquele onde a vista controla tudo, onde a intimidade está ausente."[149]. No entanto, são colocadas certas questões acerca da individualidade, por exemplo, "como isolar-se num quarto ou mezanino aberto para a sala?"[150] Segundo Teyssot, "a vida em espaços abertos ao olhar de não-íntimos está cheia duma vulnerabilidade assustadora."[151].

Remetendo para a circunstância de higiene e saúde — como fazer isolamento profilático em contexto de pandemia, numa casa partilhada, com a espacialidade de *open-space*? A importância dos espaços individuais no espaço da casa, além do carácter necessário para a construção de uma identidade íntima do habitante, é também necessária em situações como as que a pandemia de COVID-19 fez surgir durante o período de confinamento. O projeto de David Garcia Studio, realizado em 2010, é um exemplo teórico da exploração da vida numa casa em quarentena. O projeto consiste na criação de um invólucro de bolha transparente e insuflável, conectado por um sistema de ar condicionado que controla a troca de ar, onde o habitante infetado evita a propagação da doença para os restantes habitantes da casa e simultaneamente, con-

147 ELEB-VIDAL, Monique — "Modos de vida emergentes y hábitat" in BELENGUER, Maria — *Nuevos Modos de Habitar.* Valencia: COAVC, 1996, pg. 46.
148 FUERTES, Pere —" La habitación como ámbito de la intimidad" in *LA CASA. Piezas, Ensambles y Estrategias,* pg.137
149 ELEB, Monique — "Modos de vida emergentes y hábitat" in BELENGUER, Maria — *Nuevos Modos de Habitar,* pg. 48
150 Ibidem, pg. 48
151 TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios*, p. 167

segue percorrer todos os espaços da habitação[152]. Esta solução procura garantir padrões de higiene hospitalar em ambiente doméstico, de forma a controlar o espaço infetado do espaço saudável, na falta de um espaço fechado em casa. O espaço individual é limitado não por um espaço rígido, mas sim um espaço maleável e flexível. Ainda que o projeto seja uma resposta utópica para questões acerca do isolamento higiénico, são materializados problemas reais e certamente sentidos durante a pandemia.

Um exemplo contemporâneo, que se assemelha à estratégia de Xavier Monteys para as habitações-satélite, é o conjunto habitacional *La Borda*, em Barcelona, construído e terminado em 2018. À semelhança do exemplo utilizado no capítulo anterior, este projeto foi pensado num contexto participativo, junto dos habitantes e do gabinete de arquitetura Lacol. Esta iniciativa tornou-se uma experiência piloto no desenvolvimento, construção e gestão social de habitação em Espanha. É uma oportunidade para repensar a produção de casas acessíveis, com a participação dos utilizadores.

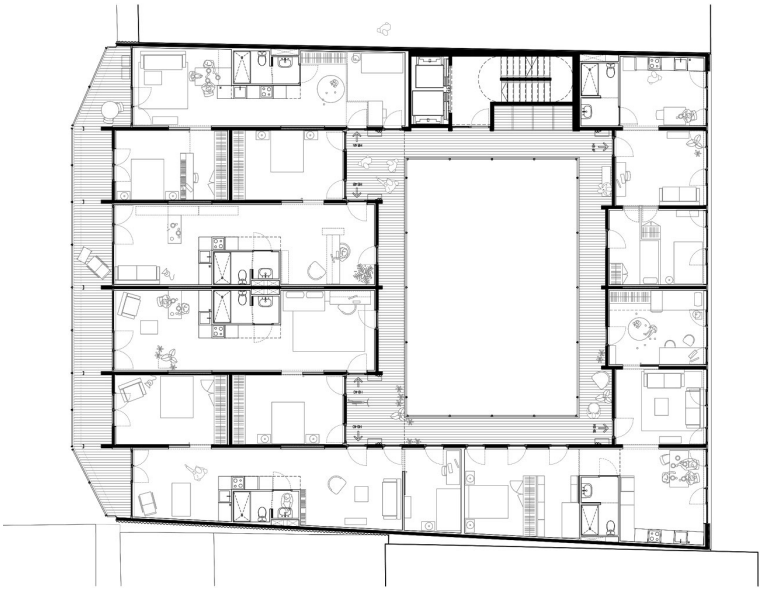
A circunstância exemplar deste projeto no contexto do espaço individual dentro da habitação deve-se à redefinição dos programas e organização formal dentro de um conjunto habitacional. Portanto, o edifício *La Borda* é constituído por 28 apartamentos, de dimensões que variam entre 40, 60 e 75m², compostos por uma pequena *kitchenette* e casa de banho, quarto e pequena sala de estar, com aberturas de varanda, orientada para o logradouro do lote, e para a galeria envolvente ao pátio central[153]. Os espaços comunitários, nomeadamente, cozinha, sala de jantar, lavandaria, espaço multi-usos, espaço para hóspedes, espaço de saúde e cuidados médicos, jardins e espaços exteriores e semi-exteriores como o

Ora, é impossível não pensar nos constrangimentos relacionados com a convivência de uma família, ou de pessoas que vivem em conjunto, dentro do mesmo espaço, sabendo que há pessoas infectadas e que têm de estar num determinado grau de isolamento, e outras que não têm de o fazer; pensar na constituição das famílias que é também ela muito heterogénea [há famílias onde vivem três, no limite, cinco gerações e há famílias em que vive uma só geração].

Pedro Bragança,
12.04.[2020], pg. 371

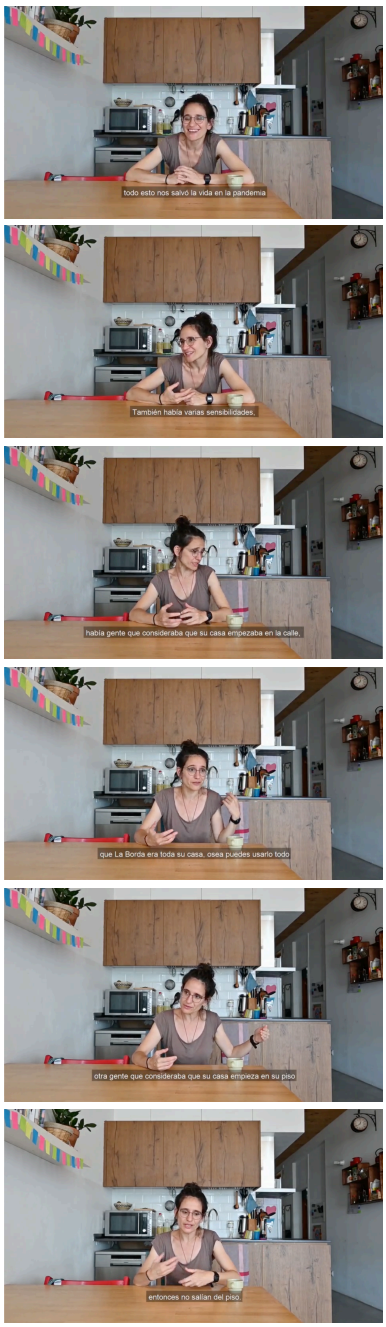
Uma das coisas que analisámos foi precisamente a possibilidade de, nessas habitações [para além de existirem várias zonas de partilha, nomeadamente a cozinha, a sala de refeições, a biblioteca, a zona de estar, etc.] haver a possibilidade de cada uma delas garantir tudo a quem lá vive. Se há alguém que não queira ir à zona de partilha, pode fazer a sua vida completamente dentro da sua habitação.

Jorge Garcia Pereira,
21.03.[2020], pg.21



66. Planta piso-tipo, Cooperativa *La Borda,* Lacol. Barcelona, 2018

[152] BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko — *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture*, pg. 228
[153] https://www.lacol.coop/projectes/laborda/



67. *Frames* da entrevista a moradora do conjunto habitacional La Borda, Lacol, 2022

"Tudo isto nos salvou durante a pandemia (…) Houve várias sensibilidades / houve pessoas que consideraram que a sua casa começava desde o portão de entrada da rua / e que todo o edifício de La Borda era a sua casa / outras pessoas consideraram que a sua casa estava no seu apartamento / e por isso não sairam do seu apartamento"

Entrevista completa em https://www.amaneceresdomesticos.es/compartir/

pátio central e terraços são abertos a todos de forma a valorizar a vida em comunidade e estimular o contacto entre a vizinhança.

Assim, este projeto materializa a relação de intimidade e comunidade permitindo a cada morador ter o seu espaço individual privado, autónomo, mas também, usufruir de espaços domésticos exteriores à casa.

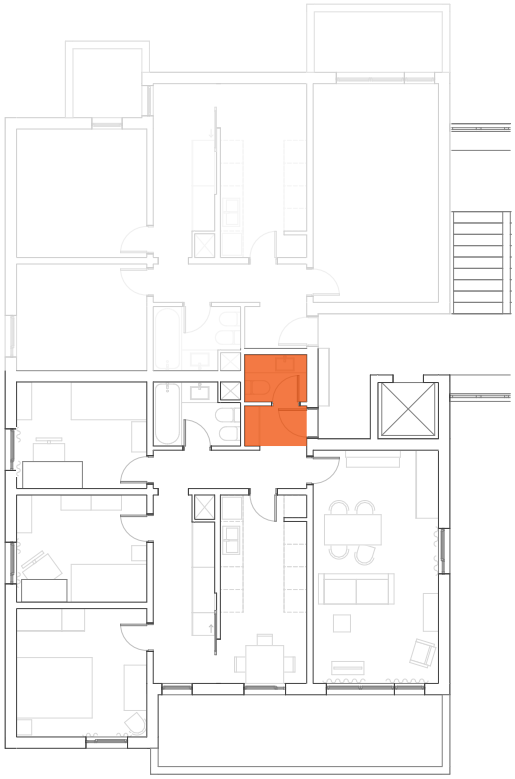
As unidades de quarto são conectadas flexivelmente à habitação, uma vez que podem ser acedidas pelo interior do apartamento e pelo exterior, conectando-se à galeria que envolve o pátio central. No mesmo funcionamento da habitação em Charlottenburg Nord, o quarto é, portanto, tanto uma unidade autónoma, como parte da casa principal. Já os quartos de hóspedes, que se encontram orientados para a fachada da rua, funcionam como as "habitações-satélite", que permitem várias possibilidade de utilização, desde escritório ou zona de trabalho para uma única pessoa, mas também, para responder às situações de relações familiares que Eleb enumera. No contexto da pandemia, por exemplo, poderá ter sido uma situação eficientemente utilizada, no momento em que um indivíduo pudesse ficar infetado pelo vírus da COVID-19, sem comprometer a saúde dos familiares e sem necessitar de um invólucro, como sugere David Garcia. Aqui, a autonomia do isolamento é estabelecida, e o agregado familiar pode optar por utilizar a cozinha, casa de banho e espaços de lazer comuns, durante o tempo necessário.

Numa entrevista realizada em 2022, uma moradora explica que, durante a pandemia, a cooperativa *La Borda* foi um fenómeno que trouxe tranquilidade aos moradores, dadas as circunstâncias de confinamento. Sentiram-se as diferentes esferas de individualidade, em que certos moradores ocuparam todo o conjunto habitacional, e outros que se mantiveram dentro do espaço privado. O facto de existirem estas possibilidades maleáveis torna este conjunto habitacional um exemplo de uma relação equilibrada entre individualidade e comunidade.

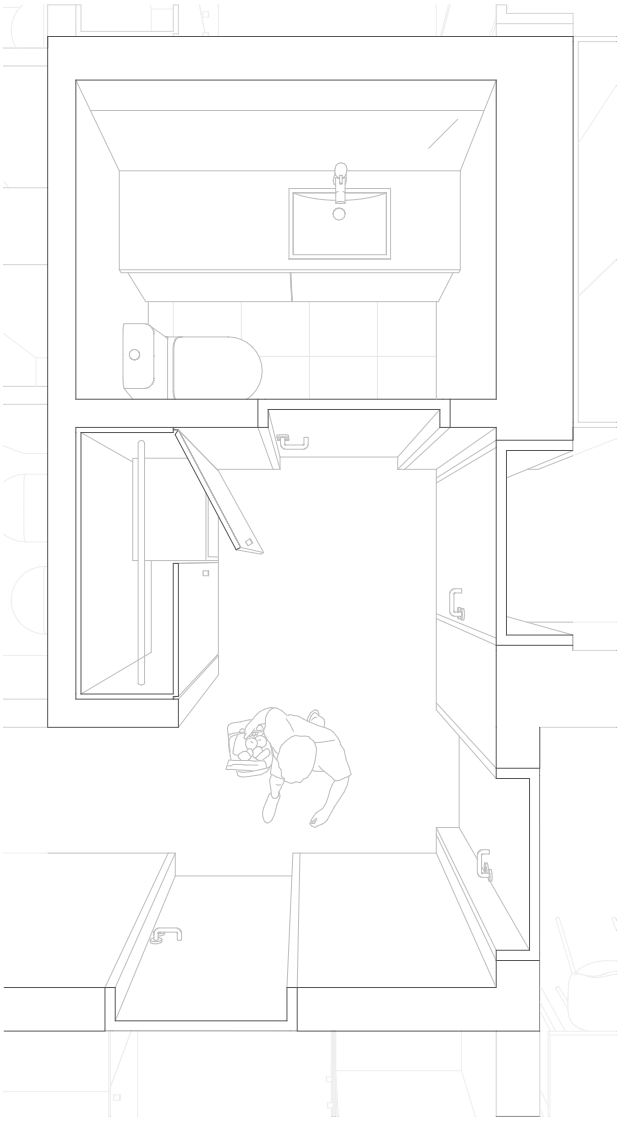
3.3.
Limites
Espaços-Entre



68. Christo and Jeanne-Claude, *Running Fence*, Califórnia, 1972-76

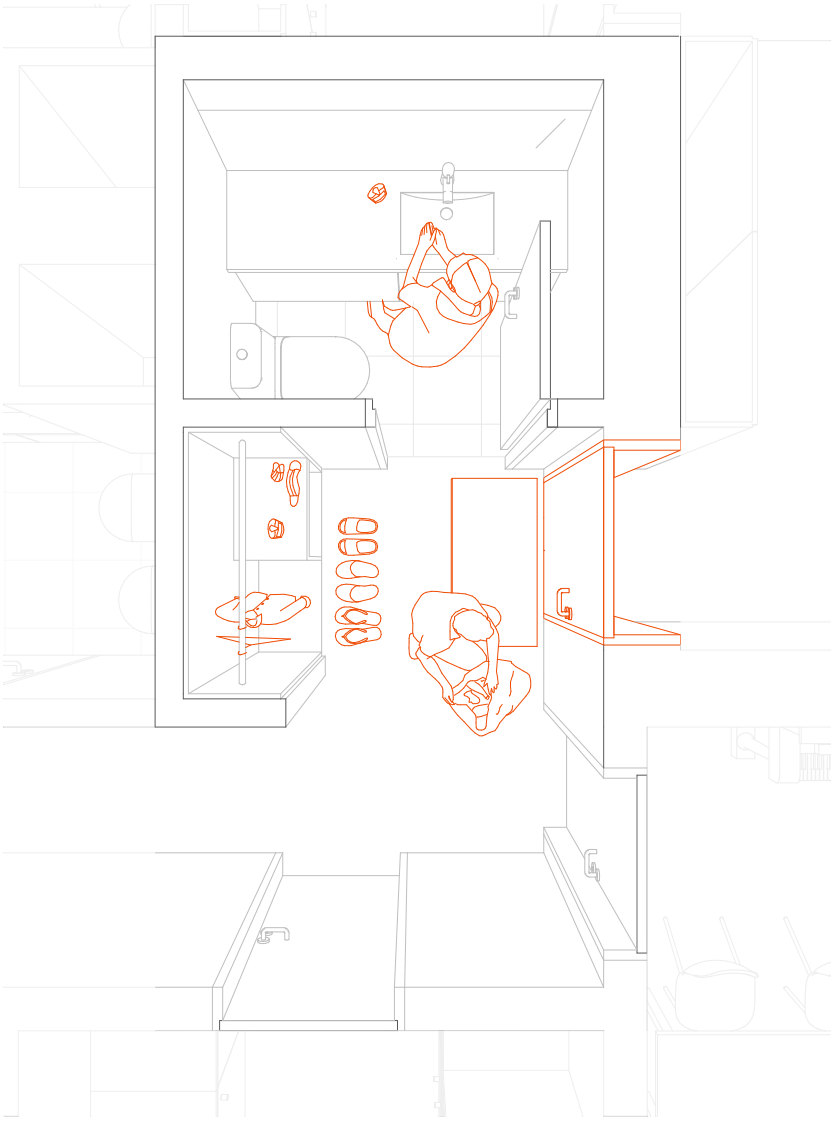


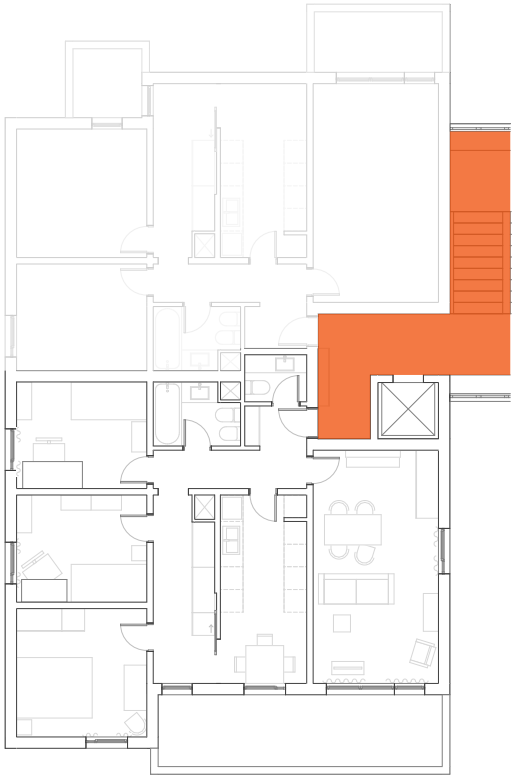
Hall de Entrada



O espaço de entrada em casa, embora pequeno, foi sempre bom porto de chegada. Durante o confinamento, o sentimento de bem-estar não desapareceu, mas transformou-se: o *Hall* de entrada passou a ser um importante posto de desinfeção. A casa de banho, que antes servia mais de arrumos do que outra coisa, passou a ser utilizada com frequência, dada a sua posição ideal para higienização. Os sapatos deixaram de entrar em casa e passaram a ficar estacionados no espaço de entrada, costume que veio para ficar. Sendo um espaço de conexão entre o interior privado da casa e o exterior comum da torre, o espaço do *Hall* teve um papel fundamental para uma nova idealização da chegada higienizada.

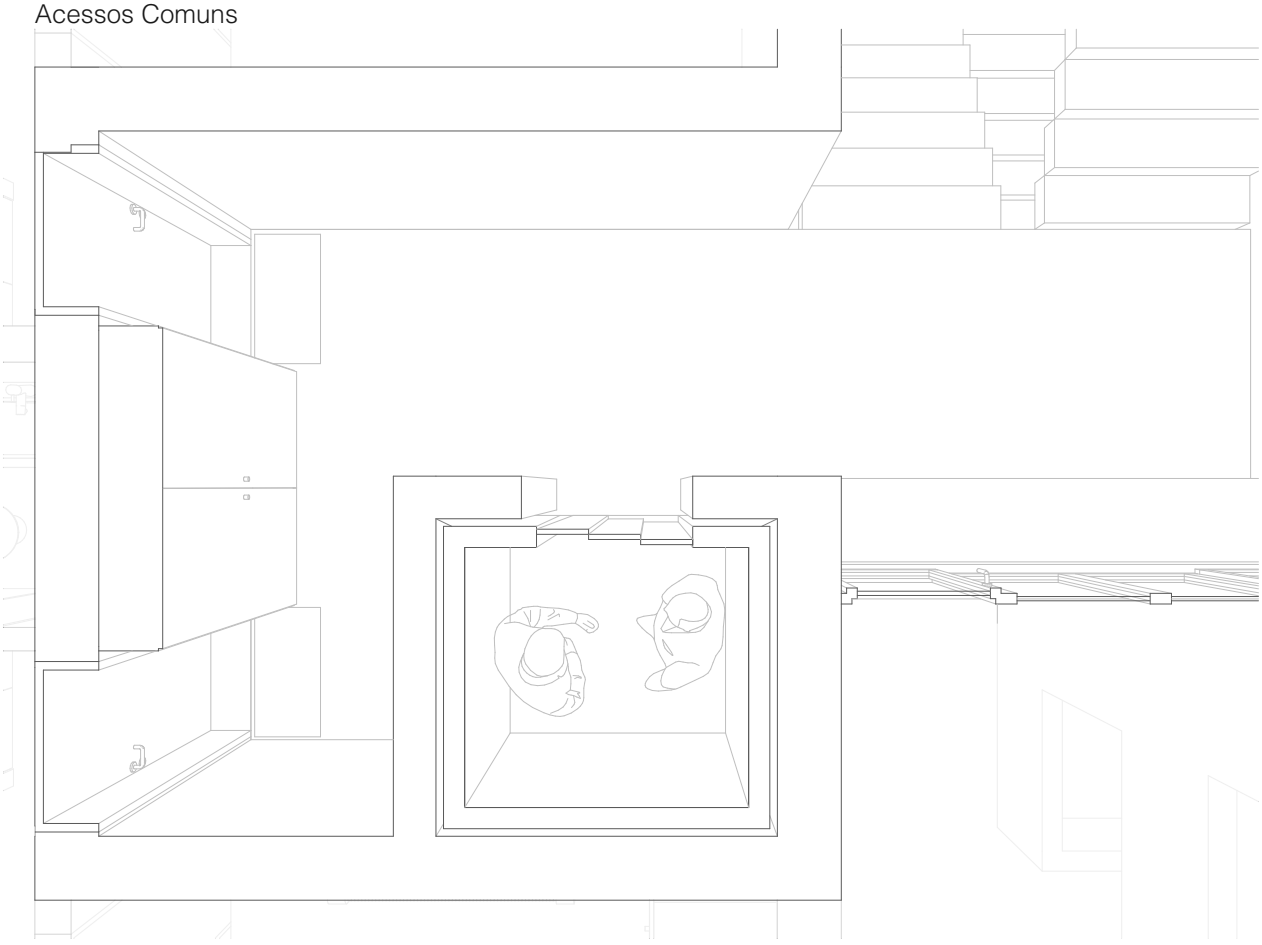
Zona de Desinfeção



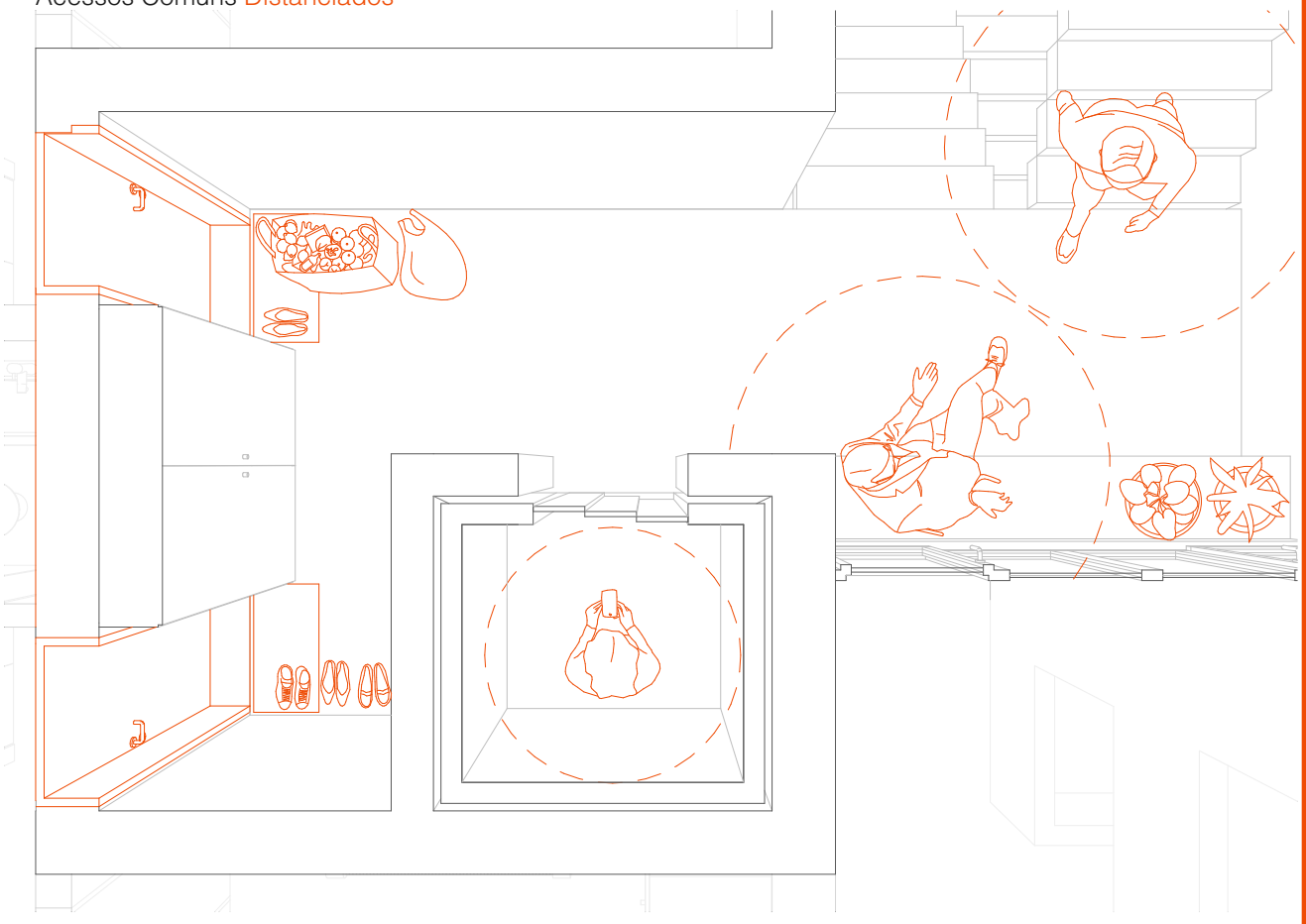


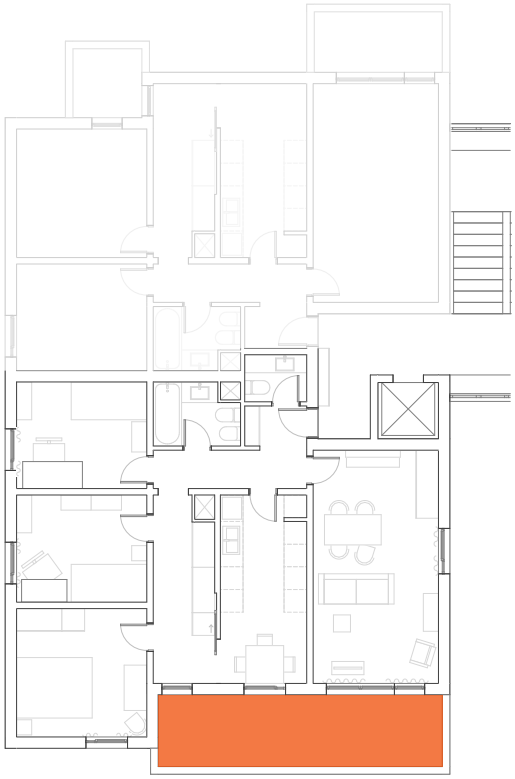
O espaço exterior comum do sexto piso é definido pela minha porta, a porta dos vizinhos, e os acessos verticais, nomeadamente, as escadas e o elevador. O facto de ter uma janela de grande dimensão, que permite a entrada de luz poente e ventilação cruzada, fez com que este espaço exterior renovasse a sua identidade, tornando-o mais utilizado. Durante o confinamento, a maior parte dos vizinhos optou pelo uso das escadas, em vez do elevador. A cada lance de escadas, era possível ver as diferentes apropriações do espaço próximo de cada porta: uns deixavam os sapatos; outros, as compras e roupas, oferecendo o tempo necessário para desinfetar; outros, ainda, utilizaram a vantagem da luz poente para apanhar o sol de fim de tarde, sentados no pequeno banco que acompanha a janela.

Acessos Comuns



Acessos Comuns Distanciados





Varanda

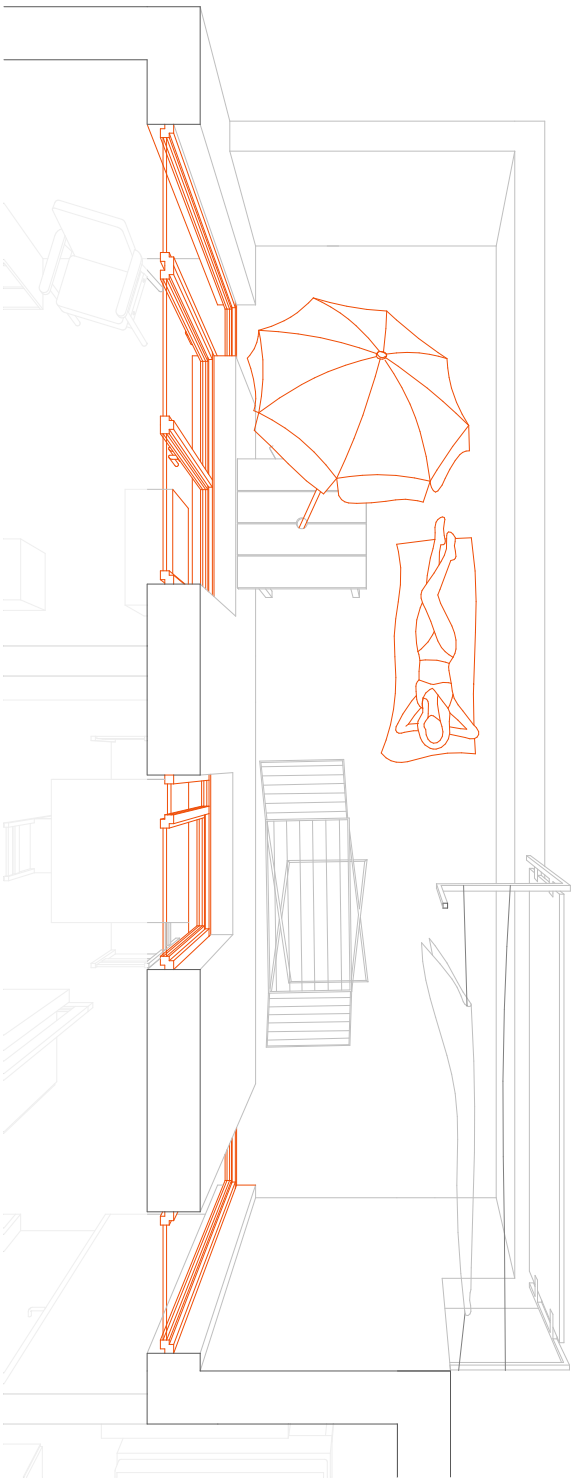


A varanda de nossa casa é a única de todo o conjunto habitacional que não foi transformada em *marquise.* Nesse aspeto, fomos definitivamente privilegiados durante a pandemia de COVID-19. Assim, um espaço que, antes da pandemia, servia apenas para estender a roupa lavada, de repente tornou-se na zona mais privilegiada da casa. Na varanda, estendemo-nos no chão para aproveitar o sol da primavera e utilizámos a mesa para tomar o pequeno almoço. Aproveitámos para re-organizar as plantas e cuidamos do nosso novo "jardim". De facto, a varanda foi essencial aos dias em confinamento.

Jardim



Solário



Por último, este tema nasce igualmente a partir das questões abordadas por vários entrevistados em *40 Dias*, no sentido de perceber algumas questões como: que fronteiras e limites já existiam no espaço doméstico 'pré-pandemia' e que novas fronteiras e limites se criaram, durante o confinamento domiciliário; de que forma estes limites alteraram as formas de habitar a casa e como estão definidos no espaço doméstico. A pandemia impôs uma série de regras na esfera espacial, principalmente caracterizado pelo distanciamento social nos espaços públicos, e o espaço doméstico não foi excepção. Uma vez que o vírus era como um inimigo invisível, fluído e aéreo, o medo e a desconfiança aumentaram e destacaram a separação entre o que existia fora do que vivia dentro das habitações, de forma a que se fortificaram as fronteiras do interior e exterior das habitações, acentuando-se também as diferenças entre o público e privado. Segundo Pier Aureli, "a pandemia foi um choque porque materializou a existência de fronteiras que sempre se entenderam como fluídas."[154]

Portanto, a análise singular de elementos arquitectónicos e respetivos espaços da casa e consequentemente, as dimensões sociais de cada um, torna-se o foco ao longo da narrativa do texto. Inicialmente, os conceitos de interior/exterior e privado/público, que no contexto pandémico, separaram uma realidade exterior insegura, distante, silenciosa, 'contaminada' pela presença de um vírus, de uma realidade interior de segurança e conforto. Depois, sobre os elementos que incorporados no espaço da parede: a **porta** e a **janela,** que naturalmente, abrem possibilidade para a transição entre os dois espaços, 'as duas realidades'. O que fica **entre** estes limites, espaços que inevitavelmente pertencem a cada uma das realidades — ao que Georges Teyssot refere como "espaços-umbral" — também se tornaram áreas fundamentais no 'novo habitar' durante a pandemia, nomeadamente, a zona de entrada e saída de casa, definido pelo ***hall***, e os corredores de **circulação**, que se encontram entre novas divisões, com novas funcionalidades, e a **varanda**, mediadora entre o espaço interior espaço exterior. É importante salientar que, neste tipo de espaços domésticos, a questão da desigualdade social e da qualidade de vida das pessoas se tornou evidente. Uma parte da população teve acesso a varandas, terraços ou até jardins privados, ao contrário de outros onde apenas a porta da casa fazia acesso ao exterior. "O vírus pode não discriminar entre ricos e pobres, mas a qualidade de vida durante a quarentena certamente o fez."[155].

É quase como se a pandemia pusesse a nu a qualidade do vazio. O vazio que é contínuo, que liga o dentro a fora, como se tivesse a qualidade do que é líquido. Creio que as formas de limitação dessa continuidade poderão ser objeto de reflexão. […] Os donos das lojas de conveniência [nos Anjos] têm criado, de forma ultracriativa, rápida e económica, esses dispositivos de mediação e de limitação do espaço, que lhes permitem manter as lojas em funcionamento com alguma - mesmo que fictícia - segurança. […] Há dias vi uma barreira construída com papel celofane, em várias camadas, preso de um lado ao computador e do outro, a um expositor de chupa-chupas.

Rita Aguiar Rodrigues,
20.04.[2020], pg. 493

[…] O espaço da casa, que é a célula base da organização da sociedade, levanta problemas enormes desde logo pelo facto de nem todas as casas terem espaço exterior, não terem sequer uma varanda. Isto é, de facto, um problema profundo que nos deve levar, enquanto arquitetos, a interrogarmo-nos acerca dos pressupostos do Projeto e do exercício da nossa profissão.

Pedro Bragança,
12.04.[2020], pg. 372

[154] AURELI, Pier in "Pan Scroll Zoom 19: Pier Vittorio Aureli and Maria S. Giudici" (https://drawingmatter.org/pan-scoll-zoom-19-pier-vittorio-aureli-and-maria-s-giudici/)
[155] BEAUMONT, Eleanor — "Outside in: the soft inside hedge" in The Architectural Review, 17 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/outside-in-the-soft-inside-edge)

A circunstância particular do confinamento domiciliário tornou a dicotomia entre o espaço interior e espaço exterior um tema com especial relevância. Por um lado, pelo facto de espaço público exterior tornar-se repentinamente interdito, representando o 'espaço do vírus'; por outro lado, pelo facto de espaço interior se adaptar, de igual forma, às necessidades provenientes do exterior. Os limites tanto se afastam como se juntam, dependendo do ponto de vista.



69. *Berlin Zimmer,* Johann Erdmann Hummel, 1820-1850



70. *Open-air Classroom,* 1930

[…] Essa relação interior-exterior evoluiu no sentido de o interior ser cada vez mais parecido com o exterior, e do exterior ser habitável […] Esta coisa bonita que gostamos de fazer hoje que é abrir o interior da casa e de o espaço ser contínuo para o exterior.

André Tavares, 06.04.[2020], pg. 278

De um lado, a incorporação do exterior dentro do espaço interior, como representa a obra *Berlin Zimmer*, de Johann Erdmann Hummel, através da utilização abstrata de espelhos — "tanto os espelhos como as janelas, porque adquirem a mesma luminosidade e peso cromático, tornam-se no mesmo tipo de objeto nesta representação pictórica"[156]. Nos dias de hoje, e sobretudo durante o confinamento, uma grande parte da incorporação exterior no espaço interior é feita por ação de aparelhos digitais, sobretudo o telemóvel, computador e televisão, que, de certa forma, funcionam como 'janelas' que nos transmitem informação acerca da realidade exterior. De outro lado, a desconstrução o interior no exterior é feito pela utilização das varandas, galerias, terraços e pátios para funcionalidades que são geralmente feitas no interior. O exemplo mais evidente, e falado anteriormente, era a colocação de camas em varandas e terraços dos sanatórios, durante o antigo tratamento contra a tuberculose. Mas outras atividades foram e são possíveis, como por exemplo, a passagem de aulas no espaço interior para o pátio escolar.

Portanto, os limites que diferenciam um espaço interior do espaço exterior vivem são evidentes em vários níveis. Estas esferas de interioridade, até ao mais contrastante nível de exterioridade, pode percorrer várias tipologias e variadas formas — do urbano, coletivo e privado diretamente associados à cidade, ao edifício e à casa. Nos blocos de habitação, "os espaços comuns pertencem à comunidade de vizinhos e ajudam a formar laços vitais entre eles. O espaço privado é reservado à vida íntima de pessoas ou unidades familiares"[157]. Em certas situações, onde existem espaços ambíguos entre o interior e exterior, privado e comum, a necessidade de encontrar um limite é necessária. Portanto, torna-se importante ter um elemento regulador nesta transição, "uma peça com uma magnitude considerável, tanto porque deve ser coerente com cada categoria de espaço ali existente, quanto porque atua como gestor, ponderando a influência de um desses espaços sobre o outro"[158]. As peças são, entre variadas outras, a porta e a janela.

---

[156] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 161
[157] UBACH, Antoni — "City Spaces" in *Limits. Habitatge i Ciutat,* pg. 98
[158] Ibidem.

Porta

Ao nível do funcionamento da casa antes e depois da pandemia, a porta demonstrou ser um dispositivo de grande importância fundamental à separação de realidades, dentro de casa, e fora de casa. Evidencia-se a porta de entrada, que separou o apartamento interior e privado, do espaço comum do bloco de habitação, mas também, a porta interior, que separou espaços, formando-se diferentes níveis de intimidade. Como já falado anteriormente, qualidades como a individualidade, a intimidade e o isolamento, potenciaram-se em grande parte, devido à existência de uma porta separadora — "O limiar que possibilita a existência do quarto como locar de intimidade é a porta. A porta é o lugar de troca e de controle; é o limite entre o espaço do indivíduo e o exterior onde o conflito deve ser resolvido (…)" é onde "depositamos toda esta responsabilidade de mediação"[159].

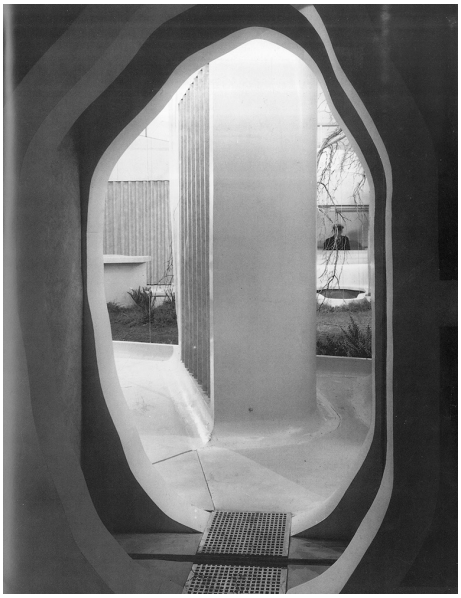
Começando pela porta de entrada em casa, esta peça que representa a tanto a garantia de segurança como um sinal de posse — apenas os que possuem a chave ou pessoas pessoas próximas podem entrar no mundo reservado e íntimo. Idêntico à imagem de uma moeda, a porta possui duas faces: a exterior, por vezes ornamentada e com carácter defensivo, impressionando o desconhecido, e a face interior, de carácter doméstico e confortável. Quanto ao rito da passagem, o umbral também evoluiu e diversifica-se em diferentes sentidos, desde o espiritual ao pragmático — sendo a passagem higiénica uma delas.

Geralmente associado à cultura japonesas, o costume de tirar os sapatos ao entrar no espaço privado evita, simbólica e realisticamente, que a sujidade dos sapatos contamine esse espaço. No projeto para a 'Casa do Futuro' de Alison e Peter Smithson, em que o espaço interior é controlado higienicamente, a própria porta de entrada funciona como uma barreira protetora dos habitantes do exterior. A passagem do exterior para o interior da casa é feita através de um vão que, ao nível do piso, "dispunha uma grelha que lançava um jato de ar para a remover as poeiras que ficavam presas nos sapatos"[160].

Ora, a porta durante a pandemia tornou-se igualmente uma peça de transição higiénica. O pelo puxador, que representa o "aperto de mão com o edifício"[161], ganhou uma nova importância relativamente à passagem de bactérias. Do mesmo modo, a porta subverteu a relação da habitação com o exterior, no momento em que o exterior se apresenta como um território perigoso. A porta fechou-se e assemelhou-se a uma nova parede. Diretamente associ-

[…] Essa ambiguidade entre o espaço privado e o espaço público; mas também, da própria forma como os espaços, os nossos espaços, estão vinculados a toda uma infra-estrutura que faz com que as casas não sejam entidades autónomas. […]

Tiago Mota Saraiva, 27.03.[2020], pg.115



71. Porta de entrada para a Casa do Futuro. Alison e Peter Smithson, 1956

[159] FUERTES, Pere —" La habitación como ámbito de la intimidad" in *LA CASA. Piezas, Ensambles y Estrategias,* pg.133
[160] BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko — *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* pg. 53.
[161] PALLASMAA, Juhani — *The Eyes of the Skin: Architecture and Senses,* pg. 62

ados transitório entre o interior e o exterior estão inevitavelmente os espaços de vestíbulo ou *hall*.

As entradas comuns de um conjunto habitacional, exteriores à casa, são entendidas como locais que fomentam vínculos invisíveis, dentro de uma comunidade, criando oportunidades para encontros formais e informais. Durante a pandemia, a obrigação de distanciamento e contacto entre pessoas foi sentido pelas movimentações singulares de pessoas, evitando-se a utilização do elevador, e promovendo o uso das escadas. Os espaços de paragem entre pisos e a apropriação dos mesmos com objetos pessoais também foi visível, através da disposição de sapatos, sacos de compras e casacos, de forma a não deixar que, o que podia estar possivelmente 'infetado', entrasse dentro do espaço da casa.

Já o *hall* de entrada no interior das casas foi sentido com uma área de desinfeção. Na tentativa de manter a casa higienizada, grande parte dos habitantes repensaram o espaço de entrada com uma atitude de limpeza, excluindo qualquer hipótese de transportar o vírus para dentro de casa — nesse sentido, a lavagem das mãos foi uma prioridade, e um hábito que se tornou comum.

[…] A possibilidade de se voltar a incorporar na casa o vestíbulo [hall], lugar que as casas modernas perderam, esse ambiente que existe antes de vocês chegar a casa, para tirar sapato, para poder lavar mão. […]

Pedro Vada,
08.04.[2020], pg. 308

Janela



72. *Morning Sun,* Edward Hopper, 1952

Edward Hopper, em grande parte das suas obras, atribui um considerado protagonismo à janela. Por vezes, vê-se a janela desde o exterior, de maneira a percecionar o interior de carácter cinematográfico; em outras, a janela é vista pelo interior da habitação, realçando-se os traços da cidade. Nestas últimas obras, é transversal uma irresistível atração pela contemplação, tanto numa observação atenta, como numa viagem deambulatória pelo mundo exterior. A obra *Morning Sun,* de 1952, representa uma mulher que, sentada numa cama ao mesmo nível da janela, atenta o exterior intensamente, quase como se vivesse nele. De certa forma, parece apresentar algumas semelhanças a uma pessoa em confinamento, durante a pandemia de COVID-19[162] — pensativa, isolada, aproveitando os raios de sol matinais, enquanto contempla a cidade vazia.

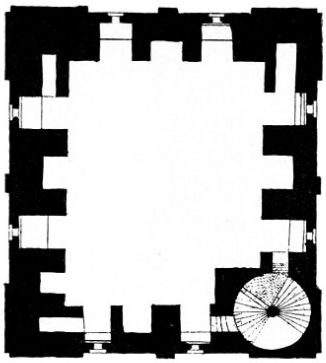
Ora, ainda que tenha alcançado maior importância durante o confinamento, a janela sempre foi um elemento arquitetónico primário e fundamental ao espaço do habitar. Tal como a porta, a janela é um espaço de transição, um lugar de limite entre o interior e o exterior. A grande diferença entre a janela e a porta prende-se pelo facto de a primeira adquirir o seu verdadeiro significado na iluminação e ventilação, da mesma forma que a luz e o ar são indispensáveis à vida.

---

[162] JONES, Jonathan — "'We are all Edward Hopper paintings now': is he the artist of the coronavirus age?", *The Guardian,* 27 Março 2020 (https://www.theguardian.com/artanddesign/2020/mar/27/we-are-all-edward-hopper-paintings-now-artist-coronavirus-age)

Portanto, a janela apropria-se da fachada do edifício, repetidamente, enquanto que a porta ganha a sua funcionalidade singular como lugar de passagem única, tanto dentro como fora do edifício. Portanto, a janela é o limiar que aproxima e gere a relação com a rua, com as condições atmosféricas, e com a passagem do tempo, a troca de energias, com as vistas e com o espetáculo do mundo exterior. "É simultaneamente um dispositivo de evasão e relacionamento".[163]

Dependendo da espessura da paredes, a janela pode também ser "um lugar, uma área, um ninho iluminado"[164]. Situações como acontece na Torre do Castelo de Hedingham, em Essex, o umbral das janelas e das aberturas é tão profundo que adquire uma vivência própria; um espaço de transição maior, que permite até a colocação de assentos, consciente da sua qualidade como espaço íntimo e de observação exterior. Estes espaços parecem formar-se, não só para a individualidade do habitante, mas para a criação de espaço próprio à observação exterior — "semelhante ao que se vive ao assistir uma peça de teatro, a partir de um camarote (…) Vive-se num lugar desde o seu limite, quase fora dele, num espaço com dimensões suficientes para estar"[165]. Por oposição, a observação exterior para o interior da Torre parece ser impossível, dado o mínimo vão disponível para essa vontade. Ora, este sentido de observação que a janela permite evidencia duas questões: a observação do interior para o exterior, e a contrária, do exterior para o interior.



73. Torre do Castelo de Hedingham, plana do quarto andar. Essex, ano?

A vista do exterior através da janela altera de forma significativa o habitar interior. Existe uma "clara diferença entre uma janela acanhada pelas casas do outro lado da rua estreita e uma janela que dê para o mar, para a natureza verde, que prolongue firmemente a casa pelo olhar."[166] Esta diferença foi, substancialmente importante durante o período de confinamento em casa, alterando, uma vez mais, a qualidade de vida dos habitantes. Segundo um estudo do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto acerca da saúde mental durante o confinamento, os habitantes que conseguiram "contemplar espaços naturais a partir de sua casa tiveram melhorias em todos os indicadores de saúde mental analisados: *stress*, perturbação psicológica e somatização"[167].

Ora, este sentido de observação através da janela encaminha o pensamento para o conceito de *vouyerismo*, e sobretudo, sobre 'aquele que vê', o *voyeur.* Esta personagem é um espectador silenci-

---

[163] FUERTES, Pere —" La habitación como ámbito de la intimidad" in *LA CASA. Piezas, Ensambles y Estrategias,* pg.133

[164] MONTEYS, Xavier – *La habitación: Más allá de la sala de estar,* pg.134

[165] MONTEYS, Xavier; FUERTES, Perec — *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa.* Barcelona: Gustavo Gilli, 2001. pg. 60

[166] BRANCO, Rosa Alice — "Observatório dos Dias" in Dwelling in Transition, pg. 60

[167] "Exposição a Espaços Naturais durante o confinamento foi benéfica https://ispup.up.pt/exposicao-a-natureza-durante-o-confinamento-foi-benefica-para-a-saude-mental/

oso e estático, que "observa a vida privada e os momentos reveladores de outras pessoas"[168], no entanto não procura interagir com elas. Embora o conceito de *vouyerismo* esteja originalmente associado à índole sexual, esta prática pode manifestar-se de muitas outras formas mais simples, na esfera doméstica, urbana, e hoje em dia, mediática, através da utilização das redes sociais, quando observamos as 'janelas' dos ecrãs. — "Os limites móveis entre o público e o privado criaram uma nova zona, ofuscada, onde as coisas íntimas são expostas publicamente: a nova expressão da subjetividade *fin-de-siècle* é *voyeurismo* e exibicionismo"[169].



74. Uma mulher à janela e outra mulher na rua, Atenas, 17 de abril de 2020

Enquanto que no espaço exterior e público, as pessoas tendem a ter um comportamento padrão básico, no espaço da casa, reflexo do interior, íntimo e privado, é onde as pessoas se comportam com mais naturalidade, e por sua vez, "onde os comportamentos voyeurísticos são mais promovidos e encorajados"[170]. Ora, a experiência de ficar isolado em casa durante a pandemia, bem como a silenciosa inatividade da cidade, estimulou o *voyeur* interior de cada pessoa, sobretudo nos contextos urbanos de maior densidade residencial, onde a arquitetura e proximidade entre blocos habitacionais promove involuntariamente este tipo de prática — "o que se pode ver lá fora à luz do sol é sempre menos interessante do que ocorre por detrás de um cortinado de janela"[171].



75. *Rear Window,* Alfred Hitchcock, 1954

A título de exemplo surge o filme *Rear* Window, em que Alfred Hitchcock explora estas possibilidades da observação através da personagem principal, um fotógrafo que se encontra (igualmente) isolado no seu apartamento, por consequência de um acidente que lhe partiu a perna. Tal como um *vouyer,* Jeff ocupa os seus longos dias junto da janela que dá para o pátio a observar o dia-a-dia dos vizinhos, de forma (in)discreta, sem que os mesmos tenham a consciência de que estão a ser observados. Tanto de dia como de noite, este passa a ser o seu entretenimento, que poderá dizer-se como um ato de *vouyerismo* 'saudável e humano' de tal forma que, acaba por resolver um caso especialmente íntimo e particular.

Muitas das cenas em *Rear Window* são filmadas durante a noite, pautadas pelo silêncio e mistério — "Para o 'poeta da cidade moderna', a janela, vista através da sua exterioridade desorientada, é melhor percepcionada a partir do exterior e à noite. Enquadra a existência solitária e anónima da humanidade metropolitana, e oferece uma imagem, uma alegoria, da solidão contemporânea", como um cubículo luminoso onde "a vida vive, a vida sonha, a vida sofre"[172] criando-se uma certa empatia e termo de igualdade

[168] CALVERT, Clay — *Voyeur Nation***.** Michigan, 2000, pg. 63
[169] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 191
[170] WONG, Zerlina Sukvan — *Aesthetics of Vouyeristic Space,* pg.14.
[171] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 192
[172] Ibidem, pg. 237

entre o espectador e o habitante. Tal como em *Rear Window,* a personagem principal vê as diferentes realidades e quotidianos pela sua perspetiva, Teyssot manifesta a arquitetura do quotidiano como "se estivesse a fazer um corte no edifício, revelando em cada um dos seus apartamentos os múltiplos e pequenos acontecimentos da vida de todos os dias"[173].

Assim, esta ideia da janela iluminada durante a noite, que faz com que o "interior se transforme numa fachada"[174], como uma 'lanterna humanizada' para o exterior, foi aproveitada de forma criativa durante a pandemia pelo Atelier do Corvo, em Miranda do Corvo, Coimbra. Acreditando na janela como um lugar interior onde se encontra com olhares exteriores, "lugar de fronteira entre o espaço interior e o espaço exterior por onde se entra, ou pelo qual se sai ou se espreita, não privilegiando nenhum dos dois sentidos sobre o seu complementar"[175], os arquitetos Desireé Pedro e Carlos Antunes recriam o a ideia da janela como espaço expositivo, a que nomearam de *SENSO. Galeria Efémera para dias de Clausura*. A ideia deu mote a uma verdadeira curadoria e exposição que combinava alguns dos seus projetos de arquitetura bem como obras de artistas convidados, na qual procurou dar um sinal de esperança de se viverem tempos complexos, como "um acto simbólico contra o desânimo e a letargia".

Imagine-se que as janelas de todos os blocos habitacionais se tornavam pequenas galerias efémeras, durante o período de confinamento, pensadas por um lado para o *voyeur* exterior, e por outro, pela criação artística do habitante interior. Seria uma condição desejável? "A utilização livre das janelas como operador de comunicação com a vizinhança (oferecendo uma certa sensação de desencarceramento); de janelas habitadas, permitindo atividades consentâneas ou improvisadas com um sorriso; de sofá ou cadeirões dispostos de modo a permitirem a visão partilhada do cenário exterior, sem esquecer que o céu aumenta infinitamente a superfície da casa e dos sonhos."[176]



76. *SENSO. Galeria Efémera para dias de clausura,* Atelier do Corvo, Abril 2020

Como é que a nossa vida poderia continuar nos mesmos moldes, fazendo as mesmas coisas, nesta situação inevitável do confinamento? Ocorreu-nos que podíamos criar montras na nossa casa, usando as janelas. A janela é o lugar de mediação entre o interior e exterior, o lugar das transições. […] E pareceu-nos que podia ser uma ideia muito bonita a de transformar as nossas janelas numa galeria, expondo aquilo que fazemos, que é Arquitetura como projeto, neste lugar, a casa onde moramos e onde trabalhamos, também.

Carlos Antunes,
16.04.[2020], pg. 428

[173] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* p. 237
[174] Ibidem.
[175] Página do atelier do corvo, da rede social Instagram (https://www.instagram.com/p/B_pspSBneIZ/)
[176] BRANCO, Rosa Alice — "Observatório dos Dias" in Dwelling in Transition, pg. 60



77. Habitantes a aplaudir nas varandas, Itália, 2020.

Acho que só pode ser por aqui, num sentido em que as pessoas possam ganhar uma ideia de existência coletiva, de cooperação, de ajuda. […] Eu acho muito bonita esta história de as pessoas irem para a janela aplaudir. Não só vão aplaudir, como veem nas varandas gente que só conhecem da rua. Começam a acenar e a ver onde eles vivem…

Tiago Mota Saraiva, 27.03.[2020], pg.115

Quem tem, nestes dias, um jardim é um privilegiado. Apanhar ar, estar a apanhar um bocadinho de sol, tomar o pequeno almoço fora. Isso que agora se revela um luxo — e aqui está o paradoxo. O que é que nós, hoje, consideramos como bem estar? O que temos como referência de qualidade de vida?

Mariana Sendas, 11.04.[2020], pg. 355

Varanda

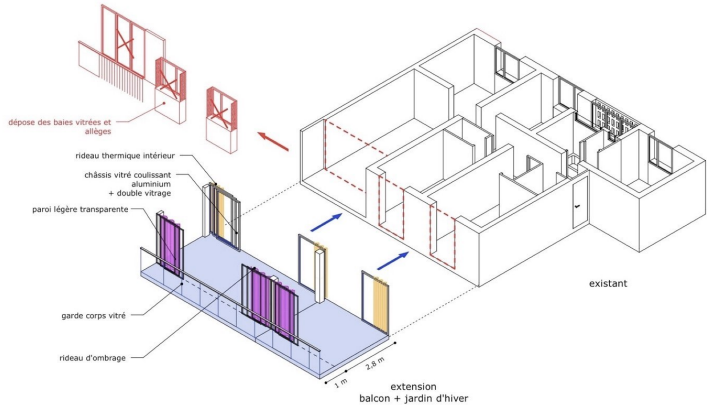
"Separação e comunicação são dois aspetos conexos, é o primeiro que gera a condição do segundo"[177] — ora, se a porta e a janela são elementos arquitectónicos do habitar que se definem como o marcadores limite do interior e exterior, do público e privado, a varanda define-se como limiar, espaços físicos habitáveis entre o exterior e o interior. Walter Benjamin reforça que se deve distinguir o 'limiar' de 'limite', sendo o limiar uma zona, e o limite o estabelecimento da fronteira entre zonas [178]. Portanto, o "espaço-entre" é onde "a fronteira perde o seu significado de puro obstáculo e torna-se vazia e intersticial, um espaço onde as coisas podem acontecer, um *happening,* uma *performance,* um acontecimento ou narrativa, por exemplo — um incidente"[179].

A incorporação de uma 'habitação exterior' no espaço habitacional, através de varandas e *loggias,* surge paralelamente a uma mudança fundamental ocorrida na construção de edifícios residenciais — "a construção em betão armado que substituiu a construção com paredes estruturais. Uma mudança que afecta especialmente as fachadas, que passam a ser recintos sem qualquer dependência estrutural"[180]. Assim, as fachadas passam a ser dotadas de diferentes "franjas perimetrais"[181] que proporcionam luz, ventilação aquecimento solar. As varandas tanto podem ser um prolongamento do espaço interior para o exterior, como uma 'adição' ao plano da fachada, por como pode ser a 'subtração' do interior, aprofundando o exterior ao interior da casa.

Durante o período de confinamento, as varandas foram os lugares de encontro — a varanda "tomou a importância do lugar por essência e respirávamos por ela o mundo, acenávamos [das varandas para o mundo], que agora se tornavam visíveis. Tínhamos um código partilhado à mesma hora, tínhamos um mapa de amor e esperança debruçado à varanda."[182]

Esta experiência de isolamento em casa produziu novas formas de socialização, solidariedade e cuidado que procuram encontrar conforto nas frações atomizadas do espaço público a que nos agarramos. Não só varandas mas também telhados, terraços e pátios foram reinventados como novas alternativas à praça urbana, tornando-se locais onde é possível comunicar, fazer novos amigos, cantar, dançar, fazer exercício, tudo com o distanciamento necessário. As pessoas tentaram de todas as maneiras encontrar uma nova dimensão pública, por vezes abrindo literalmente as casas para o exterior, transformando os elementos arquitectónicos das

[177] TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* pg. 253
[178] Ibidem, pg. 253
[179] Ibidem, pg. 253
[180] MONTEYS, Xavier; FUERTES, Perec — *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa,* pg. 134
[181] Ibidem, pg. 135
[182] BRANCO, Rosa Alice — "Observatório dos Dias" in *Dwelling in Transition*, pg. 58



78. Axonometria explicativa da transformação do conjunto habitacional de Grand Parc, Lacaton&Vassal, 2017

janelas, alpendres, soleiras, telhados e varandas em novos dispositivos exterior e colectivos[183].

O projeto para transformação em três dos blocos conjunto habitacional de Grand Parc, em Bordéus, no ano de 2017, pelos arquitetos Lacaton&Vassal, parece ter previsto a situação pandémica que os seus habitantes viriam a enfrentar anos mais tarde. Um conjunto de edifícios de habitação social foi transformado, melhorando a identidade deste espaço e promovendo aos habitantes maior qualidade de vida nas habitações. O antigo alçado constituído por janelas de pequenas dimensões foi ampliado 3,80 metros de profundidade nas fachadas orientadas a sul, proporcionando um novo espaço para jardins de inverno e varandas. Esses novos "espaços-entre" dão oportunidade de usufruir de mais luz natural e uma maior fluidez espacial a cada um dos 530 apartamentos reabilitados. "Esta abordagem económica permite concentrar a energia em ampliações generosas que são, segundo nós, a chave para melhorar de forma duradoura a qualidade e dimensão das habitações"[184]. De facto, a partir do que se considerava um conjunto habitacional existente desprovido de qualidades e visto de forma negativa, foi possível re-criar habitações generosas e agradáveis melhorando a qualidade de vida dos habitantes.





79. 80. Transformação do espaço interior, Lacaton&Vassal, 2017

Esta estratégia reflete a sensibilidade dos arquitetos para a compreensão das estruturas existentes, demonstrando que com intervenções mínimas, podem ser feitas mudanças radicais na qualidade do espaço habitacional. O novo espaço, que transporta mais luz para toda a habitação, passa a ser um novo espaço de recreação, transformado em sala de estar, espaço para trabalhar, lazer, ou simplesmente, para estar mais próximo do espaço exterior e aproveitar a vista.

---

183 BEAUMONT, Eleanor — "Outside in: the soft inside hedge" in The Architectural Review, 17 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/outside-in-the-soft-inside-edge)

184 Comentário dos arquitetos em https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=80# visitado em setembro, 2023.



81. *Didden Village*, Roterdão, MVRDV, 2006

Portanto, o pensamento em termos urbanos de se construir habitação [o prédio, o apartamento] e fazer cidade, tem de ter uma visão mais expandida, voltadas para o exterior e não tão virada para o interior.

Paula Melâneo,
03.04.[2020], pg. 234

De estratégia semelhante, pela adição de novas estruturas ao edifício existente, surge o projeto pelos arquitetos MVRDV, construído em 2006. A *Didden Village,* construída acima de um edifício residencial em Roterdão, abre um caminho de exploração para a densificação das cidades, assente na ampliação da habitação pelo espaço da cobertura. O projeto consiste na criação de um último piso que não só constrasta com edifício existente pela cor e textura dos materiais, mas também pela sua organização habitacional. Os dois volumes em forma arquetípica de 'casa' estão distribuídos "de forma que uma série de praças, ruas e vielas aumentam a sensação de aldeia no topo de um edifício"[185]. O interessante nesta solução é, de facto, o aproveitamento de uma cobertura plana existente, para promover o que a Arquitetura Moderna defendia — o privilégio em habitar o espaço exterior.

De facto, após a experiência de isolamento em casa pela pandemia, a qualidade do habitar passou a ser definida, em grande parte, pela presença de espaços exteriores na casa, desde a janela, à varanda e ao terraço. Nesse sentido, é possível imaginar que as novas tipologias de habitação plurifamiliar possam ter isso em conta, colocando a prioridade nos aspetos do habitar em equilíbrio com argumentações formais do desenho arquitetónico no edifício, como um todo.

[185] Comentário dos arquitetos em https://www.mvrdv.com/projects/132/didden-village, visitado em setembro, 2023.

Epílogo
Dias em Pós-Pandemia



82. *A line made by walking,* Richard Lang, 1967

A pandemia de COVID-19 surgiu de forma acelerada e desapareceu progressiva silenciosamente. Três anos depois, os dias são notavelmente diferentes, tanto em relação à doença como relativamente às suas repercussões na sociedade.

A 5 de maio de 2023, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde declara publicamente o fim da pandemia — "é com grande esperança que declaro o fim da COVID-19, como uma emergência de saúde global. Contudo, isto não significa que a doença deixe de significar uma ameaça de saúde global"[186].

Até ao momento, mais de metade da população mundial tomou, pelo menos, a primeira dose da vacina contra o vírus da COVID-19. As máscaras já não são um objeto de uso obrigatório na rua, nem em grande parte dos estabelecimentos públicos. Na eventualidade de uma constipação ou gripe, o primeiro impulso já não é o de testar se é ou não a doença que, três anos antes, assombrou o mundo. As ocupações realizadas no exterior foram reativadas e o quotidiano voltou a ser frenético e acelerado, como se tivéssemos "regressado como peregrinos a esta Meca que define que para sermos bons fiéis temos de produzir mais, rentabilizar mais, urbanizar mais"[187].

Esta crise vai mostrar ser possível outros modelos. Neste momento, é importante pensar tudo isso, e até mesmo documentar tudo isto porque, em vinte anos, algumas pessoas virão a este período e dirão "ah, estas coisas foram pensadas e talvez não tenhamos sido capazes de as executar".

Giovanna Borasi
13.04.[2020], pg.385

No entanto, alguns hábitos prevaleceram. Por exemplo, lavar as mãos com frequência; evitar convívios e o contacto com outras pessoas quando apresentamos alguns sintomas, assim como a utilização das máscaras que, apesar de não ser uma medida obrigatória, reflete uma atitude responsável e cívica por parte de quem se encontra doente e precisa de se deslocar[188]. Relativamente ao espaço doméstico, valorizamos o tempo passado em casa e procuramos, ainda hoje, formas de organização interior que proporcionam o nosso bem-estar.

Assim, perante este tipo de fenómenos, incertos e inquietantes, devemos "assumir uma atitude inovadora, aceitando a coexistência *neos* e de *pós*, sobreposições, imitações, formalismos, mas observando e criando descontinuidades e possibilidades"[189]. Ainda que, durante o período de confinamento, as perspetivas futuras parecessem ser longínquas e inacessíveis, o afastamento de três anos permitiu criar o distanciamento possível para refletir e questionar: **o que aprendemos com a pandemia?**

---

[186] Artigo de Marta Leite Ferreira, em jornal *Público*, 5 de maio de 2023.
[187] GARCIA, Andreia — "Pós Distância Arquitetónica: uma breve reflexão sobre a arquitetura contemporânea" in *Fundación Arquia Blog,* 19 de janeiro de 2022.
[188] Conversa entre Aurélio Gomes e Joana Pinto da Costa em "Regresso da covid" em *podcast Descartável* da Antena 1, de 16 de setembro de 2023.
[189] GARCIA, Andreia — "Pós Distância Arquitetónica: uma breve reflexão sobre a arquitetura contemporânea" in *Fundación Arquia Blog,* 19 de janeiro de 2022.

Considerações Finais

Assente numa narrativa introduzida pela resposta arquitetónica a várias pandemias que assolaram a humanidade, e contextualizada em várias paragens cronológicas e programáticas, até à vivência da casa durante a COVID-19, a presente investigação procurou ser um contributo para o entendimento sobre o habitar durante uma pandemia global e, consequentemente, questionar a sua pertinência no futuro da habitação plurifamiliar.

A exploração em torno da quarentena e do isolamento, como explorado no primeiro capítulo, clarificou que esses conceitos, embora de origem medieval, ainda hoje parecem ser conceptualmente pertinentes. No entanto, como foi evidente no estudo dos exemplos dos espaços arquitetónicos *Lazzareto Vecchio* e da *Ellis Island,* não se pretende regressar às práticas sustentadas por circunstâncias de controlo, vigilância e discriminação coletivas. Pelo contrário, como nos mostra o exemplo da *Mobile Quarantine Facilty*, é possível realizar a prática de isolamento e quarentena de forma confortável e segura.

No segundo capítulo, percebemos que a doença de tuberculose e o impacto negativo da Revolução Industrial influenciaram diretamente o desenvolvimento do discurso arquitectónico em torno da esfera da saúde. Assentes na premissa de privilegiar o espaço exterior, pela luz solar e ventilação natural, de forma a promover o bem-estar físico e psicológico do habitante, sentiu-se uma mudança significativa no desenho dos espaços habitacionais, que ainda hoje podemos evidenciar como modelos a ter em consideração.

Por sua vez, a análise das temáticas associadas aos modos de habitar durante a pandemia, acabou por revelar a predominância das virtudes e das lacunas dos espaços habitacionais. De forma geral, entendemos que as habitações plurifamiliares convencionais dificilmente conseguem suportar a sobrecarga programática de um ciclo diário recorrente, como exigiu o confinamento.

No entanto, foi surpreendente reconhecer a forma como as pessoas conseguiram adaptar os espaços domésticos com uma certa agilidade, considerando o curto período de tempo dedicado à transição para a nova realidade adversa. Num cenário de medo e incerteza, as pessoas reagiram positivamente na reorganização do espaço doméstico, e consequentemente, dos seus modos de habitar. Assim, na abordagem sobre a Adaptabilidade do espaço, percebemos que a exploração em torno de novas formas de habitar despertou a criatividade dos habitantes para reutilizar mobiliário e alterar a organização da casa, apropriando a casa através de outras perspectivas. Além disso, a facilidade em incorporar tecnologias acessíveis ao dia-a-dia permitiu-nos perceber que é possível equilibrar o espaço de trabalho com o espaço de lazer, dentro de uma relação saudável.

Relativamente à temática da Individualidade — e consequemente, à forma como os diferentes grupos domésticos se adaptaram a uma vivência permanentemente conjunta — foi clara a importância de um espaço individual dentro de casa. Por um lado, para que cada pessoa possa cultivar o sem bem-estar individual. Por outro lado, em caso de infeção, para que exista um local seguro, confortável e autónomo para o tratamento e cura, sem a evidência de contágio dos restantes habitantes do mesmo espaço. No entanto, foram também evidenciadas como importantes áreas comuns do espaço da casa

Finalmente, o tema que relaciona os Limites e espaços-entre das habitações, foi o que mais se evidenciou. Constatou-se que habitar em pandemia pode ser realmente sufocante sem a presença de espaços exteriores. Aqui foi demonstrado o efeito da comunicação, enaltecido pelas janelas e portas, como elementos transitórios e simultaneamente limitadores. As varandas, terraços e outros elementos exteriores revelaram-se também espaços importantes e privilegiados para a relação entre o interior e o exterior do espaço doméstico.

Portanto, após a exploração dos modos habitar durante a pandemia em três diferentes temáticas, é possível retirar algumas possibilidades de transformação do espaço doméstico. Alguns dos desafios para o desenho de novas tipologias habitacionais passam por integrar, por exemplo, a ideia de Monique Eleb para a elaboração de edifícios habitacionais cada vez mais equipados com diferentes possibilidades de adaptação, para as diferentes fases da vida de um habitante. Outro possível desafio poderá ser a estratégia idealizada por Xavier Monteys, de colocar quartos-satélite autónomos, e por sua vez, re-organizar o conjunto habitacional já existente. Ou ainda, aplicar a estratégia de Lacaton&Vassal para o prolongamento do espaço habitacional para o exterior, através da colocação de novas varandas e jardins de inverno numa fachada pré-existente.

[…] é preciso perceber que o habitar é também fazer Arquitectura, da mesma forma que o caminhar pode ser fazer Arte.

O habitar também faz Arquitectura, e como arquitetos temos de ter consciência do escassíssimo tempo que nos é reservado neste longo processo, que são dois, três anos, o que não é nada no tempo de vida de uma casa.

Carlos Antunes
16.04.[2020], pg.432

Outras importantes referências para a reflexão sobre o espaço doméstico após a pandemia são os exemplos de habitação coletiva e cooperativa *La Borda,* e *Rigaud Cooperative Housing and Nursery,*. Através das entrevistas recolhidas pelo projeto expositivo *Amaneceres Domesticos,* observámos o testemunho dos seus habitantes que demonstraram ter vivido de forma tranquila e segura, dadas as circunstâncias da pandemia, junto de um ambiente que promove o sentido comunitário. Assim, são evidenciadas as possibilidades de cada vez mais se pensar na habitação plurifamiliar como uma habitação coletiva.

Considerando o exposto, podemos afirmar que a obrigatoriedade de permanecer em casa pela pandemia COVID-19 impulsionou a descoberta de novas transformações do espaço doméstico. Assim, através da percepção dos modos de habitar, e de fazer Arquitetura, este parece ser o momento ideal para se reformular e (re)pensar o espaço da Casa.

Referências e Fontes Bibliográficas

ÁBALOS, Iñaki — *A boa vida: visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2003.

BACHELARD, Gaston — *The Poetics of Space,* Boston: Beacon Press, 1994 (1ªEdição: 1958).

BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko (ed.) — *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* Montréal: Canadian Centre For Architecture, 2012.

CAMUS, Albert — *A Peste,* trad. Ersílio Cardoso, Lisboa: Livros do Brasil, 2003.

CÁNDIDO, López (ed.) — *LA CASA: Piezas, Ensambles y Estrategias,* Colección Conferences [CSS]-07, Málaga: Recolectores Urbanos Editorial, 2016.

CARDOSO, Ana Sofia (ed.) — *Dwelling in Transition: Experiences from Lockdown*. Porto: esad—ideia, Investigação em Design e Arte, 2022.

CEIA, Joana Carrilho Albuquerque Príncipe — *Atlas do Espaço Individual. Experiências e Realizações,* Porto: FAUP, 2022, Dissertação de Mestrado.

CHOAY, Françoise — *O Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, (5ª edição).

COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019.

FERRO, Luís — *O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli,* Évora: Departamento de Arquitectura Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado

GALFETTI, Gustau Gili — *Pisos Piloto. Células domésticas experimentales.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

GARCIA, Andreia (ed.) — *40 dias / 40 days,* Porto: Architectural Affairs, 2022.

HOWARD, John — *An Account of the Principal Lazarettos in Europe; with various papers relative to the Plague: Together with further Observations on some foreign Prisions and Hospitals; and additional remarks on The Present State of those in Great Britain and Ireland,* Londres: 1791.

KOCH, Tom — *Cartographies of Disease: Maps, Mapping and Medicine,* Califórnia: Esri Press, 2017.

LAGES, Joana Pestana; JORGE, Sílvia — *Crise Pandémica e Crise na Habitação - Mulheres em foco* do projeto "Como ficar em casa? Intervenções imediatas no combate à COVID-19 em bairros precários da AML", Gender Research 4 COVID-19, Lisboa: DIN.MIA'CET-Iscte, 2020.

LE CORBUSIER — *Précisions: sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme.* Paris: Vincent, Fréal, 1960

MANAUGH, Geoff; TWILLEY, Nicola — *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age,* Nova Iorque: Macmillan Publishers; Farrar, Straus and Giroux, 2021.

MELGAREJO, María (ed.) — *Nuevos Modos de Habitar.* Valência: COAVC, 1996.

MONTEYS, Xavier – *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere – *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005 (1ªEdição: 2001)

RAVETLLAT, Pere Joan (ed.) — *Limits: Habitatge i Ciutat,* Barcelona: Escola Tècnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2017.

PALLASMAA, Juhani — *Habitar*. Editorial Gustavo Gili, 2016.

PALLASMAA, Juhani — *The Eyes of the Skin*. Great Britain: Wiley Academy, 2005 (1ªEdição:1996)

PEREC, Georges – *Species of Spaces and Other Pieces*. New York: Penguin Books, 1999 (1ªEdição: 1974)

PERROT, Michelle — *Histoire de Chambres,* Paris: Éditions du Seuil, 2009, versão portuguesa, *História dos Quartos*, trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Lisboa: teodolito, 2012.

ROBINS, Anthony; URBANELLI, Elisa — *Ellis Island Historic District,* Nova Iorque: The Landmarks Preservation Commission, Novembro 1993.

SILVA, Ana Sofia Pereira da — *La intimidad de La Casa. El espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX.* Madrid: Departamento de Proyectos Arquitectónicos, ETSAM, 2013, Tese de Doutoramento

SCHNEIDER, Tatjana; TILL, Jeremy — *Flexible Housing*, UK, Architectural Press, 2007, pg. 5.

SONTAG, Susan — *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.

TAVARES, Gonçalo M. — *Atlas do Corpo e da Imaginação,* Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

TEJEDOR, Alberto del Campo (ed.) — *La vida quotidiana en tiempos de la COVID. Una antropologia de la pandemia,* Madrid: Catarata, 2021.

TEYSSOT, Georges — *Da Teoria de Arquitetura: Doze Ensaios,* Lisboa: Edições 70, 2010

TOSTÕES, Ana; ARNAUT, Daniela; PROVIDÊNCIA, Paulo — *Curar e Cuidar: Arquitetura da Saúde em Portugal, 1901-1976,* Lisboa: IST-ID Técnico, 2020.

VAUGHN, Laura — *Mapping Society: The Spatial Dimensions of Social* Cartography, Londres: UCL Press, 2018

VITRÚVIO, Marcus — *Os dez livros de arquitectura de Vitrúvio: corrigidos e traduzidos recentemente em português por Maria Helena Rua, com notações e figuras de Claude Perrault*, pg. 12 Lisboa: Decist, 1998.

Artigos

ALCOCER, Atxu Amann; MARTELLA, Flavio — "Public house: the city folds into the space of home", ***The Architectural Review,*** nº1472, 4 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/public-house-the-city-folds-into-the-space-of-the-home)

BEAUMONT, Eleanor — "Outside in: the soft inside hedge", ***The Architectural Review,*** nº1472, 17 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/outside-in-the-soft-inside-edge)

GARCIA, David — "Distant space: the architecture of quarantine", ***The Architectural Review,*** nº1472*,* 8 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/buildings/health/distant-space-the-architecture-of-quarantine)

WILKINSON, Tom — "A journey around my flat: shut-in strategies". ***The Architectural Review,*** nº1472, 9 Junho 2020. (https://www.architectural-review.com/essays/a-journey-around-my-flat-shut-in-strategies)

OZER, Samantha — "Architecture and Contamination: an Interview with Andrea Bagnato and Ivan L. Munuera" ***PIN-UP Magazine****, nº28,* Spring-Summer 2020 (https://archive.pinupmagazine.org/articles/andrea-bagnato-and-ivan-l-munuera-on-architecture-and-contamination)

ZEIBA, Drew — "Architecture and Illness: Beatriz Colomina on Tuberculosis, Modernism, and Covid-19". ***PIN-UP Magazine,*** nº28, Spring-Summer 2020 (https://archive.pinupmagazine.org/articles/interview-beatriz-colomina-x-ray-architecture-drew-zeiba#35

MOREIRA, Inês; MELÂNEO, Paula; PINTO, Helena - "Espaços de Emergência Pandémica", ***Jornal Arquitetos***, nº261, Julho 2021.

COSTA, Alexandre Alves — "Os bons velhos tempos", ***Jornal Arquitetos,*** nº260, Junho 2020

LEONI, Federico — "O vírus como acelerador", ***Electra,*** nº9, Junho - Setembro 2020.

SANTOS, José Manuel dos; SOARES, António — "A velocidade da luz", ***Electra,*** nº9, Junho - Setembro 2020.

COLOMINA, Beatriz; WIGLEY, Mark — "The Bacterial Clients of Modern Architecture" in ***Docomomo: Cure and Care.*** Barcelona: Docomomo Internacional, 2020.

ARSUAGA, Guillermo Sánchez — "Ellis Island: Architecture at the Service of Biopower*"* in *Sick Architecture,* ***E-flux magazine.*** Novembro 2020 (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/345271/ellis-island-architecture-at-the-service-of-biopower/)

BRIGGS, Ibiayi — "Body Culture and Contrology" in *Sick Architecture,* ***E-flux magazine***. Junho 2020 (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/470301/body-culture-and-contrology/)

AALTO, Alvar — "The Humanizing of Architecture", ***The Technology Review***, November 1940, pg.102-107

BRANCO, Rosa Alice — "Observatório dos Dias" in ***Dwelling in Transition***, pg. 60

Alison Bateman-House, "Medical Examination of Immigrants at Ellis Island," ***AMA Journal of Ethics*** 10, no. 4 (April 1, 2008): 235–41.

ARONCZYK, Amanda — "Photos: The Strange History of NYC's Swinburne and Hoffman Islands" (https://gothamist.com/arts-entertainment/photos-the-strange-history-of-nycs-swinburne-and-hoffman-islands)

COLOMINA, Beatriz — "The Bed in the Age of COVID-19" in ***Vitra Maganize,*** 19 de Junho de 2020. (https://www.vitra.com/en-br/magazine/details/the-bed-in-the-age-of-covid-19)

ELEB, Monique — "L'habitat d'aujourd'hui et de demain: flexible, adaptable, reversible?" In ***Revista Proyeto Progreso Arquitetura*** , nº16, "Práticas Domésticas Contemporâneas". Sevilha: Editorial Universidad de Sevilla, 2017.

GARCIA, Andreia — "Pós Distância Arquitetónica: uma breve reflexão sobre a arquitetura contemporânea" in ***Fundación Arquia Blog,*** 19 de janeiro de 2022. (https://blogfundacion.arquia.es/pt-pt/2022/01/pos-distancia-arquitectonica-uma-breve-reflexao-sobre-a-arquitectura-contemporanea)

GENSINI, G. et al — "The Concept of Quarantine in History: From Plague to SARS". ***Journal of Infection***, nº49, 2004.

JONES, Jonathan — "'We are all Edward Hopper paintings now': is he the artist of the coronavirus age?", ***The Guardian,*** 27 Março 2020 (https://www.theguardian.com/artanddesign/2020/mar/27/we-are-all-edward-hopper-paintings-now-artist-coronavirus-age)

MIDDLETON, Robin — "The One- Room Apartment". ***AA Files,*** No. 4 (July 1983)

MOLINARI, Luca — "Habitar em Transformação" in ***Dwelling in Transition***, pg. 46

SILVA, Susana; FREITAS, Cláudia; AMORIM, Mariana; SOARES, Sara; FRAGA, Sílvia — "COVID-19: Desafios éticos e sociais numa situação de emergência de saúde global" in ***Da emergência de um novo vírus humano à disseminação global de uma nova doença*** — Doença por Coronavírus 2019. Porto: Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, 2020. (https://ispup.up.pt/covid-19-desafios-eticos-e-sociais-numa-situacao-de-emergencia-de-saude-global/)

SLOTERDIJK, Peter – "Cell Block, Egospheres, Self-Container: The Apartment as a Co-isolated Existence". Anyone Corporation, ***Log***, No. 10 (Summer/Fall 2007)

World Health Organisation (WHO) —"Guidance for Managing Ethical Issues in Infectious Disease Outbreaks", 2016.

FERREIRA, Marta Leite — "OMS decretou fim da pandemia", ***Público***, 5 de maio de 2023 (https://www.publico.pt/2023/05/05/ciencia/noticia/oms-decretou-fim-pandemia-covid19-2048599)

Índice de Imagens

01. Capa do livro *Until Proven Safe: The History and Future of Quarantine, from the Black Death to the Space Age,* imagem obtida através de https://untilprovensafe.com/

02. Capa do livro *X-Ray Architecture*, imagem obtida através da digitalização do livro em formato impresso, processo da autora

03. Capa do livro *Imperfect Health,* imagem obtida através de https://www.circodeideias.pt/produto/imperfect-health/

04. Capa do livro *40 Dias / 40 Days,* imagem obtida através de https://www.circodeideias.pt/produto/40-dias/

05. Imagem obtida através do site https://v-miopia.blogspot.com/2020/07/norberto-lobo-zdb-no-jardim-de-verao

06. Imagem obtida através do coleção digital de The Metropolitan Museum, https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/435683

07. Imagem obtida através do catálogo Wellcome Collection https://wellcomecollection.org/works/m3rqdzbs

08. 10. Imagem obtida na publicação HOWARD, John — *An Account of the Principal Lazarettos in Europe; with various papers relative to the Plague: Together with further Observations on some foreign Prisions and Hospitals; and additional remarks on The Present State of those in Great Britain and Ireland,* Londres: 1791.

09. Imagem obtida através de https://www.christies.com/en/lot/lot-6104650

11. Imagem obtida através de New York City Municipal Archives, em https://nycma.lunaimaging.com/luna/servlet/s/z5c2a2

12. 13. Imagens obtidas através de New York City Municipal Archives, em https://gothamist.com/arts-entertainment/photos/photos-the-strange-history-of-nycs-swinburne-and-hoffman-islands

14. Imagem obtida através de New York Public Library Digital Collections, https://digitalcollections.nypl.org/items/a890c260-f79f-0130-25ac-58d385a7b928

15. Imagem obtida através de Nacional Park Service, United States Department of The Interior, https://www.nps.gov/elis/learn/historyculture/maps.htm

17. Imagem obtida através Library Congress https://www.loc.gov/resource/ihas.200182226.0/?sp=3

16. 18. Imagens obtidas através de https://www.history.com/topics/immigration/ellis-island#&gid=ci0234684f6000251a&pid=emigrant-children-at-ellis-island

19. Imagem obtida através de https://www.nasa.gov/feature/50-years-ago-mobile-quarantine-facility-arrives-in-houston

20. Imagem obtida através do site da *Airstream* https://www.airstream.com/blog/history-spotlight-airstreams-place-in-space

21. Imagem obtida através de https://www.nasa.gov/feature/50-years-ago-mobile-quarantine-facility-arrives-in-houston

22. Imagem obtida através de https://www.airstream.com/blog/history-spotlight-airstreams-place-in-space/

23. Imagem obtida através da página "Flickr NASA on the Commons" https://flickr.com/photos/44494372@N05/7876061882

24. Imagem obtida através da coleção digital de Canadian Centre for Architecture, https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/376240

25. Imagem obtida através da coleção digital The Metropolitan Museum, https://www.metmuseum.org/art/collection/search/358129

26. Imagem obtida através do livro COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019, pg. 15

27. Imagem obtida através de Lapham's Quarterly, https://www.laphamsquarterly.org/revolutions/art/revolutions-pegasus-above-city

28. Imagem obtida através da biblioteca digital da Princeton University https://library.princeton.edu/visual_materials/maps/websites/thematic-maps/quantitative/medicine/medicine.html

29. Imagem obtida através da biblioteca digital da Cornell University https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:19343540

30. 31. Imagens obtidas através de https://en.wikipedia.org/wiki/Garden_Cities_of_To-morrow#/media/File:Diagram_No.2_(Howard,_Ebenezer,_To-morrow.).jpg

32. Imagem obtida através de https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:1868_Vaux_%5E_Olmstead_Map_of_Central_Park,_New_York_City_-_Geographicus_-_CentralPark-CentralPark-1869.jpg

33. Imagem obtida através do livro COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019, pg. 29

34. Imagem obtida através de coleção digital Museum of Modern Art https://www.moma.org/collection/works/51194

35. 36. 38. Imagens obtidas através do site de Alvar Aalto Foundation, https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/paimio-sanatorium/

37. Imagem obtida através https://www.behance.net/gallery/145138477/Paimio-Sanatorium

39. Imagem obtida através do site do Design Museum, https://www.designmuseum.fi/en/events/paimio-tuberculosis-sanatorium-1929-1933/

40. Imagens obtidas através da captura de ecrã do filme *L'architecture d'aujourd'hui,* de 1929, disponível em https://vimeo.com

41. Imagem obtida através do livro COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019, pg. 28

42. Imagem obtida através do livro COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019, pg. 30

43. Imagem obtida através do artigo BRIGGS, Ibiayi — "Body Culture and Contrology" in *Sick Architecture, E-flux magazine*. Junho 2020 (https://www.e-flux.com/architecture/sick-architecture/470301/body-culture-and-contrology/)

44. Imagem obtida através COLOMINA, Beatriz — *X-ray Architecture,* Zurich: Lars Mullers Publishers, 2019, pg. 51

45. Imagem obtida através da Kluid Magazine, https://kluidmagazine.com/la-cuarentena-a-traves-de-una-ventana-semana-2/

46. Imagem obtida através do artigo no Jornal-Arquitetos, http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/centros-nevralgicos/-a-grande-e-a-francesa

47. Imagem obtida através do site https://ofcharacter.tumblr.com/post/67535518611/teatro-del-mondo-aldo-rossi

48. Imagem obtida através de Tate Modern Museum https://www.tate.org.uk/art/artworks/mclean-pose-work-for-plinths-i-t03273

49. 50. Imagens obtidas através da captura de ecrã do filme *The Terminal*

51. Imagem obtida através do livro GALFETTI, Gustau Gili — *Pisos Piloto. Células domésticas experimentales.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997, pg. 58

52. Imagem obtida através de artigo do jornal El País, 12 abril 2020, https://elpais.com/elpais/2020/04/06/album/1586178895_667207.html

53. Imagem obtida através de El País, 19 abril 2020 https://elpais.com/elpais/2020/04/18/album/1587227884_172211.html

54. Imagem obtida através do site do escritório de arquitetura Bonhôte Zapata https://bonhotezapata.ch/en/projects/rigaud-cooperative-housing-and-nursery

55. Imagens obtidas através de *Amaneceres Domésticos,* https://www.amaneceresdomesticos.es/cuidados/

56. Imagem obtida através do site oficial do fotógrafo Gil Rigoulet, http://gilrigoulet.com/england

57. Imagem obtida através do livro LE CORBUSIER — *Précisions: sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme.* Paris: Vincent, Fréal, 1960, pg. 32

58. Imagem obtida através do livro MONTEYS, Xavier – *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, pg. 54

59. 60. Imagem obtida através de MONTEYS, Xavier – *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, pg. 56

61. Imagem obtida através de http://hiddenarchitecture.net/cellules-parasites/

62. Imagem obtida através de MONTEYS, Xavier – *La habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014, pg. 110

63. Imagem obtida através do artigo MIDDLETON, Robin — "The One- Room Apartment". *AA Files,* No. 4 (July 1983)

64. Imagem obtida através de "Inside the Chicago Playboy Mansion", de Burt Glinn, https://www.magnumphotos.com/arts-culture/society-arts-culture/burt-glinn-playboy-chicago-mansion/

65. Imagem obtida através do livro BORASI, Giovana; ZARDINI, Mirko (ed.) — *Imperfect Health: The Medicalization of Architecture,* Montréal: Canadian Centre For Architecture, 2012, pg. 228-229

66. Imagem obtida através de https://www.archdaily.com.br/br/945797/edificio-la-borda-lacol

67. Imagem obtida através da exposição *Amaneceres Domésticos,* https://www.amaneceresdomesticos.es/compartir/

68. Imagem obtida através do site oficial de Christo e Jeanne-Claude https://christojeanneclaude.net/artworks/the-gates/

69. Imagem obtida através de https://www.wikiart.org/en/johann-erdmann-hummel/a-room-in-berlin-1820

70. Imagem obtida através de https://rarehistoricalphotos.com/open-air-school-old-photos/

71. Imagem obtida através de http://paradisebackyard.blogspot.com/2016/01/alison-and-peter-smithson.html

72. Imagem obtida através da coleção digital de Columbus Museum, https://www.columbusmuseum.org/blog/2020/05/12/pocketguide-to-cma-edward-hoppers-morning-sun/

73. Imagem obtida através do livro MONTEYS, Xavier; FUERTES, Perec — *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa.* Barcelona: Gustavo Gilli, 2001. pg. 60

74. Imagem obtida através de https://www.reuters.com/world/europe/census-shows-greeces-population-decreased-35-since-2011-2022-07-19/

75. Imagem obtida através de captura de ecrã do filme *Rear Window,* Alfred Hitchcock, 1954

76. Imagem obtida através da página de Instagram do Atelier do Corvo, https://www.instagram.com/atelier.do.corvo/

77. Imagem obtida através de https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-italy-singing-idUSKBN2110IY

78. 79. 80. Imagens obtidas através do site do escritório de arquitetura Lacaton&Vassal, https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=80

81. Imagem obtidas através do site do escritório de arquitetura MVRDV, https://www.mvrdv.com/projects/132/didden-village

82. Imagem obtida através da coleção digital do Tate Modern Museum, https://www.tate.org.uk/art/artworks/long-a-line-made-by-walking-p07149

A prova pública de Dissertação realizou-se no dia 10 de Novembro de 2023, sendo a mesa de júri composta pela Presidente, Professora Doutora Luciana Silva, a Arguente, Professora Doutora Andreia Garcia, pela Orientadora, Professora Doutora Ana Alves Costa.

A classificação final foi de vinte valores.